Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 368 Quinta-feira, 21 de Maio de 1987 Preço 40$00

Otelo recorre para Relação

500 ANOS DE PRISÃO PARA RÉUS DAS FP's

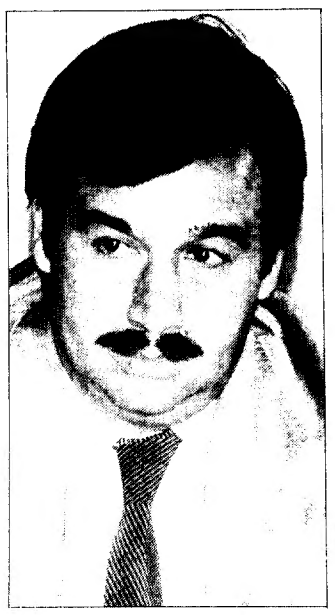
Otelo Saraiva de Carvalho foi condenado a 15 anos de prisão pelo Tribunal de Monsanto que desde Outubro do ano passado julgava as acusações, contra ele e mais 63 réus, de ligação às FP-25. Para já conhece-se a reacção do advogado de Otelo que anunciou o recurso da decisão por considerar que o voto de vencido de uma parte do colectivo justificaria a absolvição. No total, as penas ontem anunciadas para 48 dos réus (16 foram absolvidos mas não saíram em liberdade por existirem contra eles mandatos de prisão por outras acusações) somam mais de 500 anos.

Págs. 6 e 24

Washington

Jackson propõe a Soares "plano português" para a África Austral

Pág. 2



"PS novo, vida nova"

Socialistas definiram linhas gerais da campanha

Pág. 3

COMBOIOS RIGOROSAMENTE PARADOS

Amanhã: menos alternativas, mais confusão

Pág. 24

Mário Soares prometeu "amadurecer a ideia"

JACKSON SUGERE 'PLANO PORTUGUÊS' PARA A ÁFRICA AUSTRAL

Mário Soares prometeu ontem estudar a hipótese de Portugal promover uma conferência dos Estados da África Austral, destinada a estudar uma saída para a situação naquela região. Mas o Presidente português adiantou que nada seria feito sem o acordo dos «nossos amigos José Eduardo dos Santos e Joaquim Chissano».

A proposta da conferência foi formulada pelo senador democrata e candidato à Casa Branca, Jesse Jackson, que a denominou de «plano português» para a paz na região.

Jackson pretendia que Portugal reunisse em Lisboa os chefes de Estado da Linha da FRente e outros políticos africanos, aproveitando o seu prestígio e experiência naquele continente.

Mário Soares prometeu «amadurecer a ideia», que considerou interessante, mas sublinhou que nada seria feito sem consultas prévias aos países africanos de expressão portuguesa.

Este assunto constituiu parte substancial do encontro de uma hora que Soares e Jackson tiveram na embaixada portuguesa, em Washington.

Paz para a América Latina

Também ontem, nas instalações da embaixada, o Presidente Soares recebeu o enviado especial do Presidente Reagan para a América Latina, Philipe Habib, com quem debateu o Plano Arias para a América Central.

A reunião foi solicitada por Soares que, neste visita, tem manifestado especial empenho nas questão latino-americanas.

Habib disse que os Estados Unidos aguardam o resultado de uma reunião que nos dias 25 e 26 de Junho se realizará na Guatemala com os Presidentes da Costa Rica, Honduras, El Salvador, Guatemala e Nicarágua.

Para Habib, Washington pretende testar a reacção nicaraguense ao plano de paz proposto pelo presidxente costariquenho, Óscar ARias, que recentemente esteve em Portugal e Espanha, tentando obter o apoio destes dois países para a sua iniciativa.

EUA pedem Bosch emprestado

Durante o dia de ontem, Soares foi solicitado para interceder no empréstimo de um quadro de Jeronimus Bosch, propriedade do Museu de Arte Antiga de Lisboa, para uma exposição na «National Galery de Washington».

O pedido foi feito por um dos responsáveis daquele museu, John Carter Brown, durante uma visita de Soares |a «National Galery».

Do programa da visita de ontem fizeram ainda parte visitas ao «United States Holocaust Memorial Council» para participar numa homenagem a Aristides de Sousa Mendes, que na terça-feira havia já condecorado a título póstumo.

Soares visitou ainda o «Maio cultural luso-brasileiro», uma iniciativa que congrega elementos das culturas portuguesa e brasileira, e participou num jantar em honra dos participantes na conferência «Portugal, velo país jovem Democracia».

Hoje o Presidente português encontra-se em Nova Iorque.

"Dívida" de 45 milhões

A questão da «dívida» de 45 milhões de dólares, resultando do não cumprimento total das obrigaões contraídas pelos Estados Unidos com o acordo sobre a base das Lajes, voltou ontem a ser focada pelo Presidente Mário Soares, juntamente com as restrições levantadas à importação de téxteis portugueses.

Foi durante um pequeno-almoço com congressistas norte-americanos, realizado a convite do presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes, o democrata Dante Fascell, e do congressista Tony Coelho, democrata da Califórnia.

A questão da «dívida» relaciona-se com a ajuda que os Estados Unidos concederam para 1987, e os 45 milhões destinam-se à modernização das Forças Armadas portuguesas.

Soares terá tentado obter o apoio dos congressistas para o desbloqueamento daquela verba, resultante das restrições levantadas pelo legislativo norte-americano ao auxílio externo.

O Presidente português respondeu ainda a diveras questões levantadas pelos congressistas, destacando que o fenómeno terrorista não é significativo em Portugal e declarando, quanto à ventilada questão de transferência de bases americanas de Espanha para Portugal, que o nosso país não é «moeda de troca» e que, até ao momento, essa hipótese não foi avançada.

JMDP apoia direcção e critica dissidentes

A Juventude do MDP congratulou-se ontem com as «tomadas de posição dos orgãos directivos do partido» e afirma o seu apoio às decisões de participação nas eleições de 19 de Julho.

Em comunicado, a JMDP, depois de sublinhar a adesão de novos militantes aquela estrutura juvenil e a participação e inclusão nas listas do MDP de «grande número de jovens», critica expressamente «todos quantos não souberam respeitar as decisões da maioria num partido com tradições de democracia interna, de unidade e independência».

Numa reafirmação de princípios, a JMDP, que rejeita ser «uma organização só para colar cartazes», reitera a sua aposta na promoção do «diálogo, convivência, unidade em prol da defesa e luta pelos problemas que afectam a juventude na sociedade moderna tais como a droga, a prostituição juvenil, o desemprego, a deficiente formação profisional, a defesa do meio ambiente, o desarmamneto e a paz».

«Somos uma força de diálogo com todas as organizações democráticas, queremos participar no desenvolvimento e transformação da sociedade portuguesa em prol do projecto socialista do MDP/CDE», diz a JMDP para de seguida anunciar a passagem de filmes sobre o meio ambiente e a droga e a problemática geral de juventude, a partir da próxima semana, nas suas sedes de Campo de Ourique e Marvila.

Jornal do PRD lançado amanhã

Eanes denuncia trabalho infantil em "O Renovador"

O PRD vai apresentar amanhã, na sua sede nacional, o seu novo jornal, «O Renovador», dirigido pelo deputado e jornalista Alexandre Manuel.

No editorial do primeiro número, o presidente dos renovadorees, Ramalho Eanes, alude às profundas transformações ocorridas nos últimos 20 anos nas sociedades europeias e ao agravamento da dependência de Portugal em relação ao velho continente, frisando que «foi, pelo menos, criminoso percorrermos a década de setenta a fingir que nada mudara».

Eanes alude ainda aos 500 mil desempregados portugueses, prevê o crescimento do desemprego e denuncia ainda como «execrável» o trabalho infantil, existente em diferentes zonas do país.

Segundo nota do PRD, está já constituída a lista dos seus candidatos por Portalegre, encabeçada por Francisco Feitinha, médico, e Amadeu Ascensão Belchior, engenheiro técnico civil.

Entretanto, um despacho da Lusa dá conta da demissão de Filipe Pantoja, membro da comissão directiva de Braga do PRD, por discordar da constituição da listas de candidatos a deputados pelo distrito.

Pantoja disse à Rádio Braga não aceitar a inclusão de António José Fernandes na referida lista.

Acordo sobre Macau foi "vitória da inteligência" — *diz ministro chinês*

«Vitória da inteligância», obtida pelos negociadores de Lisboa e Pequim, assim classificou o vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, o acordo sobre Macau assinado por Portugal e pela China.

Zhou Nan acrescenta, em entrevista à revista «Macau», ser o acordo «outro exemplo bem sucedido com vista à realização da grandiosa causa da reedificação da pátria chinesa em conformidade com o pensamento orientador: «um país dois sistemas».

Segundo o dirigente chinês, as duas partes chegaram satisfatoriamente à assinatura do acordo «inspirados pelos espírito de consultas em pé de igualdade, compreensão e cedências mútuas».

Sobre o regime especial de Macau após a integração em 1999, Zhou Nan sublinhou o facto de ser a própria região a definir as suas políticas económica, comercial e monetária. «Isto constitui a expressão concreta de um alto grau de autonomia de que essa região usufruirá», acrescentou.

Ao lançamento da revista «Macau», editada pelo Gabinete de Comunicação Social do Executivo macaense, estiveram presentes o governador Pinto Machado e o secretário-adjunto para os Assuntos Sociais, Nuno Delerue.

Eleições-87

Podem votar 7 962 980 cidadãos

O número de recenseados para as eleições de 19 de Julho próximo aumentou 2 por cento em relação ao sufrágio de 1985, indicou a Comissão Nacional de Eleições.

O círculo eleitoral que mais aumentou foi o de Braga(3,3 por cento), enquanto Beja, Évora e Portalegre registaram o menor aumento(0,6 por cento).

O número total de recenseados, incluíndo a Emigração e Macau, é de 7.962.980.

A distribuição pelos diferentes círculos eleitorais é a seguinte:

Aveiro — 479.936
Beja — 152.002
Braga — 521.819
Bragança — 142.922
Castelo Branco — 193.798
Coimbra — 351.969
Évora — 146.883
Faro — 272.631
Guarda — 168.504
Leiria — 336.274
Lisboa — 1.690.014
Portalegre — 117.259
Porto — 1.201.566
Santarém — 371.012
Setúbal — 543.142
Viana do Castelo — 201.130
Vila Real — 201.549
Viseu — 326.831
Açores — 176.536
Madeira — 177.355
Emigração e Macau — 189.848.

Em alternativa ao PSD

PS ARRANCA COM "PORTUGAL PARA TODOS"

«Portugal para todos» vai ser um dos lemas da campanha eleitoral do Partido Socialista, que ontem apresentou à Imprensa a sua estratégia eleitoral e «os seus segredos organizativos».

António Guterres, director da Comissão Técnica Eleitoral dos socialistas, disse que a campanha foi concebida como «um confronto democrático ente duas forças políticas: o PS e o PSD, únicos partidos que têm condições para uma alternância».

O PSD, no entender da direcção socialista, «apresenta um projecto de um Portugal apenas para alguns, mesmo que escondido sob a capa do populismo e da demagogia» e daí a opção do PS por um «Portugal para todos». Isto significa, prossegue Guterres, «emprego para todos, segurança para todos, casa para todos, criação de condições para a inserção social dos jovens».

Revelou o mesmo dirigente do PS que a campanha será personalizada no líder do partido que «é para nós e para todos um homem de confiança».

«PS novo, vida nova», com um novo líder e um novo programa, é como o PS se vai apresentar ao eleitorado após «uma profunda renovação que se iniciou com o fenómeno MASP», prosseguiu Guterres para recordar que, após a sua eleição para a Presidência da República, Mário Soares afirmou: «nada ficará como dantes».

«Fazer do PS o partido da esquerda portuguesa» é o grande objectivo do Partido Socialista que nesta campanha vai lembrar que o ano de 1987 «está a meio caminho entre o 25 de Abril e o século XXI».

Quanto à campanha para o Parlamento Europeu ela será articulada com a campanha para a Assembleia da República. «Para nós é fácil — vincou Guterres — somos socialistas em Portugal e na Europa, enquanto o PSD é social-democrata em Portugal e liberal em Estrasburgo e o PRD não se sabe bem o que é, cá ou na Europa».

A direcção organizativa da campanha pertence a António Guterres e a Lopes Cardoso e a Comissão Técnica e Eleitoral é constituida por Jorge Sampaio, Nuno Brederode dos Santos, Jaime Gama, Torres Couto, Manuel Alegre, Almeida Santo e também António Guterres.

Por outro lado, haverá também um Conselho Consultivo constituido, entre outros, por Afonso Barros, Eduardo Prado Coelho, António Barreto, Vasco Pulido Valente, Serras Gago, César Oliveira, Maria Carrilho, Edite Estrela, Maria Belo e Nuno Teixeira.

Um Gabinete Jurídico coordenará a direcção da campanha, enquanto Miranda Calha terá a cargo as comissões específicas, designadamente, mulheres, jovens, trabalho, líderes de opinião e associativismo, e José Vilaça dirigirá o jornal de campanha.

Crespo continua zangado

O deputado socialista Rudolfo Crespo continua muito zangado. Ontem, anunciou perante a Comissão de Assuntos Sociais do Parlamento Europeu a que preside o termo do seu mandato, visto que o PS o colocou « na lista de candidatos para o Parlamento Europeu numa posição em que não serei elegível».

Aproveitou ainda a ocasião para se queixar das razões que, em seu entender, determinaram a atitude do seu partido: «Faço parte da minoria do Secretariado e por esta razão foi-me atribuido, na lista para o Parlamento Europeu, um lugar subalterno».

De acordo com a agência Lusa, vários deputados presentes na referida comissão usaram então da palavra para manifestar o seu desagrado e surpresa pela situação criada.

Posteriormente, Crespo, referindo-se ao futuro, disse à mesma agência: «sou um socialista sereno, sou membro fundador e continuo no Partido Socialista».

Mulheres do PSD organizam encontro

O PSD leva a efeito, em 20 de Junho próximo, um encontro nacional de mulheres filiadas no partido.

«A Mulher e a Política» é o tema geral do encontro que conta com a participação, entre outras, de Leonor Beleza, Teresa Patrício Gouveia, Manuela Aguiar, Dinah Alhandra, Conceição Monteiro, M<arília Raimundo e Margarida Salema.

O líder do PSD, Cavaco Silva, preside à abertura do encontro que vai debater temas como «a acção da mulher nas autarquias», a «acção da mulher nas comunidades de base», «a mulher como educadora na família, na escola, no meio», «acção da mulher no campo sindical» e a «participação das mulheres social-democratas no aparelho partidário».

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

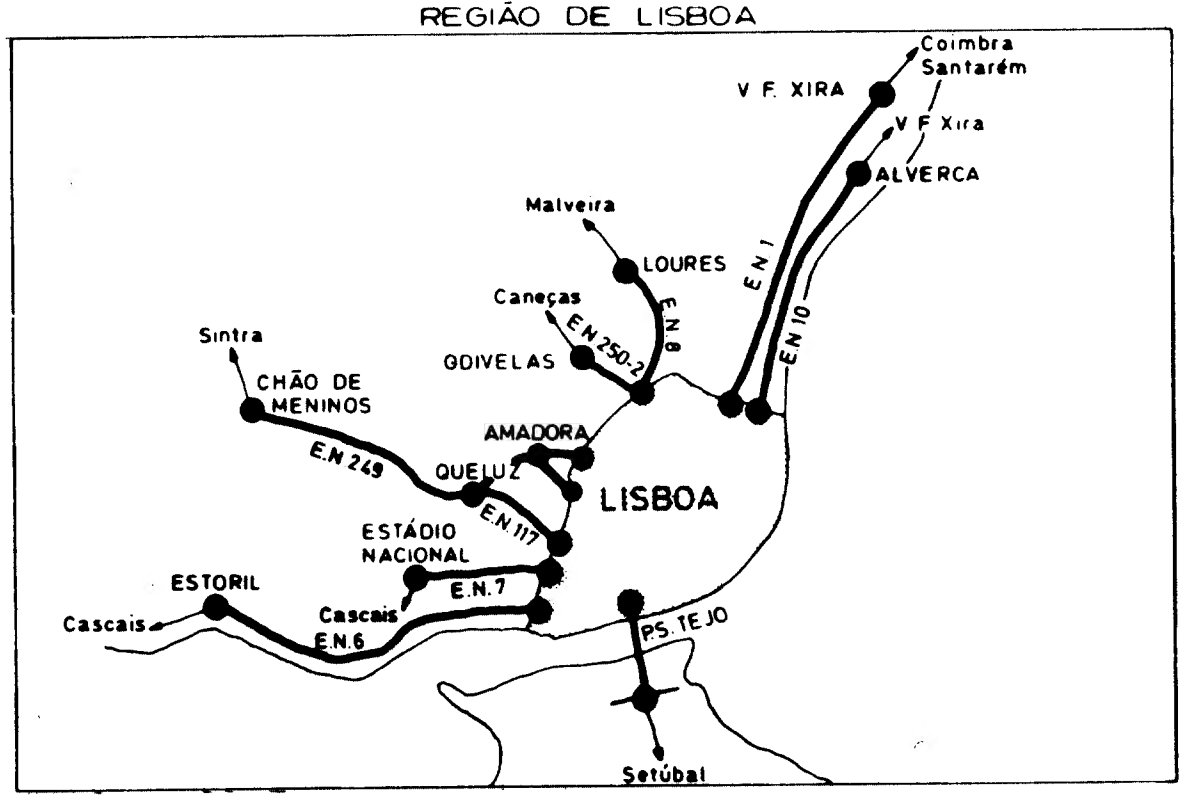
DIRECÇÃO GERAL DE VIAÇÃO

AVISO AO PÚBLICO

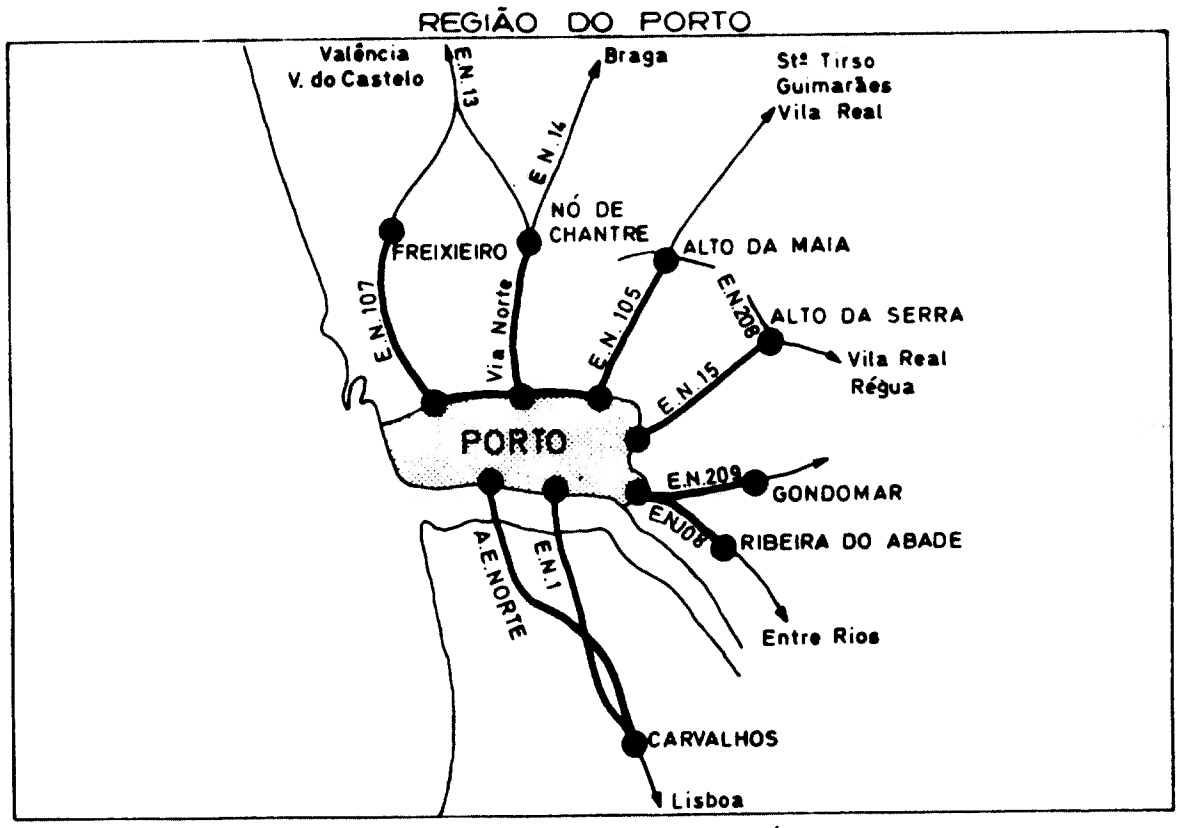
RESTRIÇÕES À CIRCULAÇÃO DE AUTOMÓVEIS PESADOS DE MERCADORIAS

No dia 22 de Maio de 1987, entre as 7 e as 10 horas e entre as 17 e as 20,30 horas, é proibido o trânsito de automóveis pesados de mercadorias, nos troços das estradas nacionais indicados nos esquemas abaixo reproduzidos, abrangendo, no período da manhã a circulação no sentido de trânsito que permite a entrada nas cidades de Lisboa e Porto e, no período de tarde a circulação no sentido de trânsito que permite a saída das mesmas cidades.

REGIÃO DE LISBOA



REGIÃO DO PORTO



TROÇOS PROIBIDOS AO TRÂNSITO DE AUTOMÓVEIS PESADOS DE MERCADORIAS

Investigação e ensino do Português

Erros da Comunicação Social apontados em Congresso

«A escola e os meios de comunicação social» estiveram em foco no Congresso sobre investigação e ensino de Português.

Aquele foi o tema de uma mesa-redonda realizada ontem, sob a coordenação da professora Ivette Centeno e com a intervenção de jornalistas e docentes que falaram dos atropelos linguísticos cometidos nas respectivas profissões.

Aguns profissionais da comunicação social deram exemplos de erros gramaticas que surgem frequentmente nos órgãos de comunicação social, provocando a hilaridade dos participantes no Congresso.

Os jornalistas Adelino Gomes, Afonso Praça, Diana Andringa, Pacheco de Andrade e Baptista astos, reconheceram unenimemente a falta de preparação de muitos jornalistas, bem como a inexistência de meios para a sua preparação e reciclagem.

Para Pacheco de Andrade, a maneira como se ensina o português tem uma forte responsabilidade na situação, chamando este jornalista a atenção para as consequências nefastas da exclusão da disciplina de latim do ensino secundário.

Adelino Gomes, que sublinhou as limitações de tempo com que os jornalistas se confrontam na sua actividade, frisou que em última instância tem que ser o próprio jornalista a procurar ultrapassar a sua falta de preparação.

A professora Eduarda Dionísio manifestou-se contrária à utilização do jornalismo no ensino de Português e expressou a ideia de que os meios de comunicação socialnão têm a audiência que muitas vezes afirmam ter.

A aprendizagem da língua por crianças surdas-mudas foi outro tema tratado na sessão de ontem do Congresso, com larga audiência.

Através de um vídeo, os presentes puderam acompanhar a aprendizgem da língua por um rapazinho surdo-mudo do concelho da Amadora que no próximo ano entrará no ensino primário regular, quando no nosso país estes casos são acompanhados (quando o são) no ensino especial.

SEMANA EUROPEIA DAS AVES TERMINA NO DOMINGO

Integrada no Ano Europeu do Ambiente está a decorrer nos países da Comunidade Económica Europeia, de 18 a 24, uma Semana Europeia das Aves.

Observar o modo de vida das aves e preservar as espécies é o objectivo desta iniciativa que em Portugal é coordenada pela Secretaria de Estado do Ambiente e pelo Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves.

Trinta postos de observação e reservas do continente e regiões autónomas estão a colaborar a nível nacional no programa da Semana Europeia das Aves.

Cada posto ou reserva elaborou e é responsável pelo seu programa local, mas, na generalidade, as actividades abertas ao público constam basicamente de sessões de observação, palestras e projecção de filmes.

No dia de encerramento, domingo, 24, os postos e reservas organizam uma «sessão em campo», em que as pessoas interessadas serão convidadas a observar as aves no meio natural em que vivem.

Os postos são fora das cidades, mas em Lisboa funciona um na Tapada da Ajuda, que é da responsabilidade da Liga de Protecção da Natureza, uma das organizações que colabora nesta iniciativa.

Dança, Dora, Rui Veloso e Rão Kyao no palco

Sarau dos Prémios "Gazeta" esta noite no Teatro S. Luís

Joaquim Letria(RTP) e Patrícia Lozano(TV/México) vão apresentar esta noite, no Teatro Municipal S.Luís, o sarau-espectáculo de entrega dos Prémios «Gazeta» de Jornalismo, instituídos pelo Clube de Jornalistas.

Os Prémios «Gazeta»-1986 foram atribuídos aos jornalistas Joaquim Furtado(reportagem de televisão na Guiné-Bissau), António Cartaxo(reportagem de rádio sobre os 80 anos de Lopes Graça), Rui Ochôa(Foto-reportagem: «as imagens da Marinha Grande, publicadas no «Expresso») e Paulo David(Reportagem de Imprensa sobre o Saraui, publicada no «Diário Popular»).

Os prémios, constituídos por um troféu «Gazeta», 400 mil escudos, uma viagem TAP na Europa e um aparelho de ar condicionado, tiveram o apoio da TAP, da FNAC, da Mundial Confiança, da Standard Eléctrica, da Central de Cervejas e da RTP.

O espectáculo, gravado pela RTP para posterior transmissão, tem a participação da Companhia de Dança de Lisboa, Dora, Rui Veloso e Rao Kyao, com cenografia de Mário Alberto e realização de televisão de Ruy Ferrão.

Integram os juris dos Prémios «Gazeta», representantes do Clube de Jornalistas, da Casa de Imprensa, do Sindicato de Jornalistas, da Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal e da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Lusa elege primeiro CR

Os jornalistas Carlos Veiga Pereira, Francisco de Vasconcelos, Natal Vaz, António Caeiro e José Amaro Dionísio foram eleitos para o primeiro Conselho de Redacção da agência Lusa.

Como suplente, foram votados Fernando Brederode Santos e Vítor Bandarra.

Votaram 55 jornalistas, tendo-se registado 44 votos a favor, 8 brancos e 3 nulos.

INSTRUMENTO

No dia dezanove de Maio de mil novecentos e oitenta e sete, no Décimo Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Manuel Pinto Pereira, terceiro ajudante deste Cartório, compareceu como outorgante:

D. MARIA ALBERTINA ALVES, solteira, maior, natural da freguesia de Sobral Pichorro, concelho de Fornos de Algodres, residente na Travessa das Mercês, número vinte e seis, terceiro andar, em Lisboa.

Verifiquei a identidade da outorgante em face do seu bilhete de identidade número 2427788, passado pelo Arquivo de Lisboa, aos 4 de Abril de 1977.

A OUTORGANTE DISSE:

QUE, pelo presente instrumento REVOGA e considera NULA e de nenhum efeito, a partir desta data, o mandato que conferiu no ano de mil novecentos e oitenta e cinco, a favor de VICTOR MANUEL DE OLIVEIRA E SOUSA, casado, natural de Cabo Verde, com escritório na Rua Filinto Elísio, número catorze, primeiro andar, esquerdo, em Lisboa. A mandante REVOGA ainda todos e quaisquer mandatos que haja conferido a outrem.

Assim o disse e outorgou.

Este instrumento de revogação foi lido e explicado, quanto ao seu conteúdo, em voz alta e na presença da outorgante.

O AJUDANTE

(Assinatura ilegível)

«DL» 21/5/87

Mesa-redonda do IED

Os retornados: impacto na sociedade portuguesa

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) promove uma mesa- redonda em que será analisado e debatido o tema: «Os Retornados: Impacto na Sociedade Portuguesa». Não se realizará a mesa-redonda como um mero exercício discursivo. Oportunamente o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) publicou «Os Retornados: um estudo sociográfico», um estudo assinado por R. Pena Pires, M. José Maranhão, João P. Quintela, Fernando Moniz, Manuel Pisco. O volume é prefaciado pela professora Manuela Silva.

O volume resulta de um projecto de investigação promovido pelo Instituto de Estudos parao Desenvolvimento (IED) e que foi realizadoo no âmbito do Programa de Actividades do seu Departamento de Estudos Económicos. No prefácio de «Os Retornados: Impacto na Sociedade Portuguesa», explicando o projecto de investigação, a dr.ª Manuela Silva escreve: «Uma das características mais salientes da orientação que tem presidido à elaboração dos planos de investigação do IED é, sem dúvida, a intencionalidade do concentrar esforços em torno e algumas áreas-problemas, promovendo sobre elas conjutos de estudos interligados, ao longo de um razoável período de tempo». E Manuela Silva acrescenta: «A obra que agora se edita, é disso um bom exemplo ilustrativo, jáque vem situar-se na gama dos estudos que, no I.E.D., pelo menos desde 1980, se vêm debruçando sobre os movimentos ocorridos na população portuguesa.» Recorda dois desses estudos: «Perspectivas de emigração portuguesa para a CEE, 1980-90» por Heinz-Michael e outros, e «Retorno, emigração e desenvolvimento regional em Portugal» por Manuela Silva e outros.

O presente estudo e a mesa-redonda que se realiza hoje no Instituto Franco Português (Avenida Luís Bívar, n.º 91), tem por objecto responder às seguintes questões: Quem são os retornados? Donde vieram e para onde foram? Como se inseriram na economia e na sociedade? Que impactos terão tido sobre a economia e a sociedade do ponto de vista demográfico, espacial, económico e sociocultural?»

Na mesa-redonda participarão Maria do Céu Esteves, Rui Pena Pires, Rogério Roque Amaro, Maria João Rodrigues, Fernando Dacosta, Cabral Ferreira, Arnaldo Droux. O debate dos temas terá início pelas 15h30.

Portaria em breve no "DR"

Jornalistas voltam a ter fundo especial de Segurança Social

Os jornalistas voltam a ter um fundo especial de segurança social, d acordo com uma portaria, assinada pelo ministro do Trabalho e Segurança Social, já enviada para publicação no «Diário da República».

O documento a que a agência Lusa teve acesso, aprova um regulamento para enquadramento do Fundo Especial, agora chamado de Segurança Social, dos jornalistas, para o qual continuam a reverter as receitas do adicional de um por cento sobre a publicidade paga nos jornais diários.

O âmbito pessoal do Fundo abrange os jornalistas, beneficiários activos do Regime Geral de Segurança Social, os pensionistas de invalidez ou de velhice que, à data da reforma, exercessem a profissão de jornalistas, os jornalistas em situação de pré-reforma ou reforma antecipada e os familiares dos jornalistas referidos anteriorment que, por sua morte,tenham direito a pensão de sobrevivência, nos termos estabelecidos no Regime Geral de Segurança Social.

Recorde-se que o Fundo Especial tinha sido criado por um Decreto-Li de 20 de Janeiro de 1943, com o nome de Fundo de Assistficia, mas em Fevereiro de 1976, uma portaria ministerial determina que a receita proveniente do adicional sobre publicidade passasse a ser integralmente adstrita ao Fundo de Reserva da então Caixa Nacional de Pensões.

A poraria, agora assinada e enviada para publicação, tem em anexo um regulamento do Fundo Especial de Segurança Social dos Jornalistas, e que integra e substitui o Fundo de Assistência, que nunca tinha sido regulamentado, previsto no Decreto-Lei de 1943.

Entre eles o presidente do CRSSL

CEBI homenageia amigos das crianças

O CEBI de Alverca entregará domingo a sua medalha de ouro, classe de «Benemerência», à actual presidente do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, Raquel Ribeiro, à escritora Soledade Martinho da Costa e ao director do Instituto de Orientação Profissional, reda Simões, em reconhecimento do apoio que por diversas formas têm prestado àquela instituição em prol da criança.

o Centro de Bem Estar Infantil de Alverca promoverá, para o efeito, um almoço durante o qual entregará aos homenageados o seu galardão, testemunho de gratidão e homenagem pelos «serviços transcendentes e muito valiosos». Soledade Martinho da Costa prescindiu de todos os seus direitos na obra «6 Histórias numa história de todas as cores» a favor do CEBI, instituição que acolhe mais de milhar e meio e crianças e dinamiza também apoio à Terceira Idade, não descurando a construção deum Centro Comunitário com diversas valências e serviços avaliada em 600 mil contos que não tem.

A mesma instituição promove este ano, uma vez mais, um campo de férias para três mil crianças de Alverca, metade das quais alheias ao CEBI, entre 1 de Junho e 31 de Julho, na Costa da Caparica. As crianças serão repartidas por quatro grupos. Foi elaborado um programa pedagógico para esse «campo de férias» que prevê actividades culturais e recreatias.

SISTEMA

TELECOMUNICAÇÕES
PARA APROXIMAR O MUNDO

Telecomunicar é aproximar o mundo. Criar um novo conceito de distância. À medida que o mundo das telecomunicações foi crescendo, o nosso planeta foi ficando menor, cada vez menor. Hoje é apenas um ponto. O ponto exacto onde comunicamos. Em segundos. Se, antes, perguntávamos: «Está lá?», hoje afirmamos: Estou lá! As Telecomunicações de Portugal levam, em segundos Portugal ao mundo.
E trazem o mundo a Portugal.

Otelo e muitos dos réus com penas superiores a 10 anos de prisão

TRIBUNAL DE MONSANTO DEU COMO PROVADA LIGAÇÃO ENTRE FP-25 E PROJECTO GLOBAL

Foi de pé, vestido à civil, de fato e gravata azuis com um cravo vermelho na lapela, e com um ar calmo e sereno que Otelo Saraiva de Carvalho ouviu ontem o veredicto do juri que durante quase um ano presidiu ao julgamento do «caso FP-25», considerando provadas as principais acusações contra ele formuladas e condenando-o a uma pena de 15 anos de prisão.

A pena a que o antigo herói nacional— pelo seu papel na preparação do Movimento das Forças Armadas que levou à Revolução do 25 de Abril— foi condenado deve–se principalmente ao facto de o tribunal ter considerado como provada a sua co–autoria material no crime de «associação terrorista», de que era acusado.

Em reforço desta posição, o juiz presidente do colectivo referiria ser elevada a culpa de Otelo Saraiva de Carvalho por tentativa de «subversão do funcionamento das instituições do Estado democrático».

Com o antigo responsável pelo Copcon foram condenados quinze outros réus, em penas que variam conforme o grau de culpabilidade apurado pelo tribunal. Com penas nmais elevadas do que Otelo apenas houve duas condenações, as de Luís Filipe Gobern Lopes, que disse em tribunal ter sido um dos fundadores das FP-25, e Maria Suzete Gonçalves Ribeiro, que foi julgada à revelia, depois de uma evasão rocambolesca da cadeia das Mónicas, onde se encontrava detida, a aguardar julgamento.

Com a mesma pena de Otelo foram condenados cinco réus: Pedro Goulart, Jorge Manuel Alves da Silva, José Ramos dos Santos, Francisco Custódio Marques e Fulgêncio Lopes, sendo que estes dois últimos também foram julgados à revelia.

Provada relação do projecto Global com as FP-25

Cedo começaria a delinear–se o caminho que apontava no sentido da condenação de Otelo e de alguns outros réus. De facto, a sessão de ontem, no Tribunal de Monsanto, iniciou–se com a descrição da matéria de prova, em cujos quesitos, segundo o juiz Adelino Salvado, foi dado como provado que os réus se agruparam para concretizarem um plano denominado de Projecto Global.

Apesar disso, Otelo mantinha a descontracção inicial, tendo mesmo chegado, a autografar exemplares do seu livro «Acusação de defesa em Monsanto», recentemente publicado, que depois distribuía pelos co–réus sentados perto dele.

O ambiente era marcado essencialmente por um ar descontraído por parte dos réus, que se apresentavam em grande parte em mangas de camisa, fumando e trocando impressões, enquanto na parte destinada ao público e no exterior do tribunal era notório o reforço da segurança.

Foi nesse ambiente que o juiz Adelino Salvado continuou a leitura do acórdão de 252 páginas, afirmando que tinha ainda sido provado que o projecto previa o recurso à utilização de armamento pra fins violentos e a criação de um «exército» de civis. Ora, aqui entroncam as FP-25 com o Projecto Global, que Otelo assumiu, do ponto de vista do tribunal.

Ontem, em Monsanto, Otelo (cravo vermelho na lapela) em conversa calma com Mouta Liz

Segundo o acórdão, para completarem os seus objectivos, os réus apropriaram–se de armas, explosivos e munições, tendo depois alguns deles cometido assaltos, atentados e actos de intimidação, causando mesmo a morte de várias pessoas.

Nesta linha de raciocínio e seguindo a matéria dada como provada pelo tribunal, o juiz faria a história da criação do projecto Global e a sua estruturação em quatro componentes. Uma delas, a Estrutura Civil Armada (ECA), coincidiria o Projecto Global com as FP-25.

Contra o regime constitucional português

Assim, para o tribunal, a organização que desde Outubro do ano passado esteve em julgamento em Monsanto é «inquestionavelmente terrorista» e a sua acção visaria «derrubar o regime constitucional português».

Como atenuante, o acórdão reconhece que a generalidade dos réus «agiu por motivações políticas, mas a sua acção é qualificada como «extremamente censurável» e, alem disso, foi tido também em conta que aderiram voluntariamente ao Projecto Global.

O juiz Salvado procederia depois à clarificação da actuação individual de cada um dos 64 réus, bem como das acções e do local em que se verificaram.

Por fim, em complemento desta caracterização, o juiz Adelino Salvado descreveria da personalidade dos réus, um a um, a sua actividade laboral, as pessoas de família a seu cargo, comportamento no emprego e perante os colegas de trabalho, desafogo financeiro e, ainda, as habilitações literárias de cada um deles.

Alguns absolvidos podem voltar a ser presos

Alguns dos réus ontem absolvidos poderão voltar a ser presos por contra eles existirem mandatos de captura emitidos por diversas comarcas onde decorrem processos relacionados com as suas actividades, nomeadamente assaltos a bancos.

Para o efeito, encontravam–se ontem na sala de audiências diversos agentes da Polícia Judiciária que eram portadores de mandatos de captura visando a prisão imediata para os réus que, por força da absolvição, pudessem eventualmente a receber ordem de soltura.

Ainda no campo das curiosidades assinale–se um incidente que se registou no começo da audiência, quando um dos réus se terá recusado a ser revistado, segundo umas fontes, ou terá alegado que tinha sido agredido antes da sua entrada na sala.

No rescaldo deste caso, há a registar o facto de um agente da PSP ter partido um dedo ao tentar ajudar um comissário que entretanto tentava «segurar» o réu.

Como nota de reportagem assinale–se também que um dos jipes da escolta que conduzia Otelo do forte de Caxias para o Tribunal sofreu um acidente de que resultaram quatro feridos.

Condenações e penas

A lista dos condenados e respectivas penas do processo FP/25, que ontem terminou, é a seguinte:

Otelo Saraiva de Cravalho: 15 anos de prisão; Pedro Goulart da Silva: 15 anos; Humberto Dinis Machado: 10 anos e seis meses; José Luís Mouta Liz: 14 anos; José Soares da Silva Neves: 14 anos e seis meses; Maria da Luz Lopes Nunes dos Santos: 7 anos; César António Sanches Escumalha: 13 anos e seis meses; Júlio Vitorino Soares Lopes Castro: 13 anos e seis meses; Fernando Manuel Beleza da Fonseca: 12 anos; João Aníbal Aguiar Gomes: 12 anos e seis meses; José Joaquim Sequeira Linhas: 13 anos e seis meses; Maria Helena Neto da Costa Pereira: 6 anos; Alberto Soares Querido: 12 anos e seis meses; António Alfredo dos Santos Poeiras: 12 anos; Francisco Manuel de Jesus Soares: 12 anos; Fernando Pinto Lacerda: 10 anos e seis meses; António Geraldo Fulgêncio Lopes (revel): 15 anos; António Jorge Céu (revel): 13 anos; António Manuel Pires Garrido: 9 anos; Armando Herculano Lopes Ferreira: 9 anos; Carlos Alberto Tavares Ferreira: 13 anos; Fernando Rodrigues da Silva: 14 anos; Luís Filipe Martins Gobern Lopes: 17 anos; Luís Filipe Veloso Pinheiro (revel): 13 anos; João Martins de Castro: 3 anos e seis meses; João José Gomes Rola: 9 anos; José António Fernandes da Silva Pereira: 9 anos e seis meses; José António de Jesus (revel): 14 anos; José António dos Santos Jacob: 12 anos; José Henriques Oliveira Ricardo: 11 anos; Jorge Manuel Alves da Silva: 15 anos; José manuel Moutinho Teixeira: 11 anos; José Ramos dos Santos: 15 anos; Manuel Albino da Conceição Soares: 12 anos; Menuel Antunes Gomes: 3 anos e seis meses; Manuel Joaquim Godinho Claro: 11 anos; Manuel Jorge Alves da Magalhães: 7 anos e seis meses; Maria Suzete Gonçalves Ribeiro (revel): 17 anos e seis meses; Virgolino Joaquim Rodrigues Cantanhede: 13 anos; Vítor Manuel Castro Ribeiro: 13 anos e oito meses; José Manuel dos Santos Gomes: 13 anos e seis meses; Francisco Custódio Marques (revel): 15 anos; Joaquim Ferreira dos Santos: 3 anos e seis meses; Fernando Manuel Calção Bernardes: 14 anos; João Carlos Faria Macedo Correia («arrependido»): 20 meses, e Manuel Alves Guedes Monteiro («arrependido»): 20 meses.

Os réus «arrependidos» Angelo Fernando Fernandes Benevides e José Alexandre Figueira foram condenados a 7 meses e 4 anos de prisão, respectivamente, mas o Tribunal perdoou–lhes as penas.

Em média, todas as penas serão reduzidas em um ano.

Foram absolvidos 16

Dezasseis dos 64 réus do processo FP-25 foram ontem absolvidos no Tribunal de Monsanto, que considerou não provada a sua ligação àquela «associação terrorista».

O respectivo mandado de soltura não foi contudo imediatamente executado, já que — segundo o Tribunal — poderá pender sobre alguns deles mandados de captura no âmbito de outros processos.

Após a leitura da sentença, queles réus regressaram ao estabelecimento prisional onde têm estado detidos.

A lista dos réus absolvidos é a seguinte: Maria Helena Alcade Gonçalves Marques, 23 anos, detida desde Junho de 1984; Acácio Fragoso Justo, de 36 anos, detido desde Agosto de 1984; Delfim dos Santos Martins, 29 anos, julgado à revelia; Elsa Maria Ferreira da Rocha, 29 anos, julgada à revelia; Fernando Joaquim Alves de Magalhães, 34 anos, detido desde Junho de 1984; Fernando Rosa de Almeida, 43 anos, detido desde Junho de 1984; Frederico Manuel de Jesus Benjamim, 37 anos, detido desde Agosto de 1984; Hélio Colónias Gil Salgueiro, 34 anos, detido desde Junho de 1984; Lídio Manuel da Silva Galinho, 39 anos; Jorge Manuel Pereira da Silva, 34 anos, detido desde Junho de 1984; José Manuel Estevão Vargas, 44 anos, detido desde Junho de 1984; José Manuel dos Santos Prates, 46 anos, detido desde Junho de 1984; Manuel Joaquim Pereira Duarte, 34 anos, detido desde Junho de 1984; Manuel Pereira Crespo, 44 anos, libertado provisoriamente durante o julgamento; Maria do Céu da Silva Pereira Duarte, 25 anos; e Maria Luísa Faria de Magalhães, 30 anos, detida desde Junho de 1984.

Abre amanhã

FEIRA DO LIVRO JÁ SERÁ DIFERENTE NO ANO CORRENTE

Câmara Municipal de Lisboa. O Grupo Folclórico e Recreativo de Belas fará algumas exiições de folclore.

ENTRE duas datas simbólicas — o 22 de Maio, Dia do Autor Portugues, e o 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades — decorrerá uma nova Feira do Livro. Trata-se fundamentalmente de um mercado de compra e venda, mas a recém-empossada direcção da Associação dos Editores e Livreiros quer valorizá-la culturalmente, dinamizadndo-apara já por meio do debate público.

A verdade é que só há pouco mais de um mês esta direcção está à frente da APEL, de modo que não foi de sua responsabilidade a organização da que é já a quinquagésima sétima edição da Feira. No entanto, se nas considerações do novo presidente da Associação, Francisco Espadinha, é demonstrada a intenção de não responder pel figurino herdado, algumas diferenças serão acrescentadas, na edição deste ano, do que já é costume, será finalmente correspondida uma antiga reivindicação de escritores, editores eleitores: arealização de colóquios e conferências sobre temas variados, a começar pelas 21 e 30 horas, tendo-se escolhido o pavilhão do Instituto Português do Livro e da Leitura para o efeito, já que foi em articulação com este organismo que a APEL tomou a sua decisão.

O programa está já estabelecido, dispondo-se assim: a 25 de Maio, Alice Vieira e Maria Alberta Meneres introduzirão o tema «literatura infantil»; a 26 será a vez de Mariano Gago falar sobre o livro de divulgação científica. No dia imediatamente a seguir, Afonso Praça conversará sobre ficção científica e a 28, José Afonso Furtado tratará a questão da «rede nacional de leitura pública».

Já em Junho, no dia 1, José Mattoso dissertará sobre o Arquivo Nacional de Documentação Histórica, e a 2, Carlos Pinto Coelho, José Manuel Nunes e Clara Ferreira Alves discutirão sobre «o livro, a Comunicação Social e o progresso cultural». Dia 3, Graça Macedo e Vasco Graça Moura propõem-se debater a difusão do livro e a presença do livro português no mercado mundial; a 4 é a vez de Luís de Albuquerque relacionar o livro com os Descobrimentos.

As últimas conferências serão a 8 e 9, com Fernando Guedes, a historiar a edição portuguesa e Francisco Espadinha a dissertar sobre as feiras do livro, respectivamente. Dois elementos da APEL que deste modo terão oportunidade de fazer o ponto da situação, sem com certeza deixarem de lançar perspetivas, ptimistas ou pessimistas que sejam

Iniciativas paralelas

Mas não é tudo: durante os 20 dias da Feira duas exposições estarão ao dispor do público que ao Parque Eduardo VII se deslocar. Uma dará conta das novidades editoriais de 1986 e 87, excluindo os livros escolares e as reedições de obrs de autores estrangeiros, e a outra subordinar-se-á ao tema «A Literatura Portuguesa na Europa.

Se uma pretende ser uma panorâmica informativa, a outra apresentando mas de 150 volumes publicados em 20 países, testemunha uma realidade: a crescente difusão e audiência da literatura portuguesa no resto do mundo.

O Instituto Português do Livro e da Leitura exporá também em cada dia de Feira uma lista com os «livros do dia» que estarão à venda nos diversos pavilhões.

Para além disso preparou já um folheto sobre a edição portuguesa, a distribuir gratuitamente por todos os interessados e que dá conta de quantos são os livros publicados em Portugal, em que áreas e língua, quantas editoras que têm produção regular e os livros que se editam por ano, as livrarias que existem e quais as que fecharam as portas.

De referir ainda que também a Câmara Municipal de Lisboa procurou dar um toque de novidade a esta quadragésima setima edição da Feira do Livro, Ao seu dispor estarão a funcionar quatro pavilhões: um para actividades infantis, com o apoio de educadoras, do Jardim Escola João de Deus, enquanto os pai compram os seus livros, outro reservado para animação cultural; um terceiro reservado para uma exposição sobre a ramática portuguesa através dos tempos e a última para vender as publicações com chancela camarária.

Escritores infantis, um escultor e dois pintores animarão o pavilhão infantil nos dias 22, 25, 26, 27, 28 e 29 de Maio e a 1, 2, 4 e 8 de Junho. Por sua vez, o da animação cultural apresentará espectáculos de teatro com as «Marionetas» de Lisboa, os Saltimbancos, o Papa-Léguas e a Lanterna Mágica. Aí tocarão s Banda Filarmónica União Capricho Olivalenense, a Sociedade Filarmónica União Montelavarense e cantará o Grupo Coral da

Fotografia HOMEM CARDOSO

Retratos de um prazer inconfessado*

A PAISAGEM

"Aqui dentro, aconchegados ao assento, semicerramos os olhos.
Não, ainda não é o sono embalado pela viagem.
É o focar das imagens que fogem à velocidade da nossa pressa.
Alguém levanta a hipótese de estarmos realmente parados, e ser de facto a paisagem quem escorrega pelos vidros do automóvel. A sugestão cai no silêncio daquela estranha hipnose: os vultos a crescerem para nós, as cores a transformarem-se, aquilo que há momentos era uma rocha passa a ser um animal a pastar e a queimada na colina, depois de dobrada a curva, é afinal um forno de pão que fumega...
No banco de trás, a chama de um isqueiro projecta as nossas sombras para fora. Nesse breve momento, nós somos também parte dessa miragem. A paisagem."

* *"RETRATOS DE UM PRAZER INCONFESSADO" é uma recolha de alguns momentos únicos de sensibilidade, que todos nós experimentámos, pelo menos uma vez na vida.*
É pelo respeito que esses momentos especiais nos merecem que a TABAQUEIRA — empresa portuguesa solidamente implantada no mercado, presente em múltiplos ramos de actividade e com reconhecido prestígio internacional — decidiu prestar-lhes esta homenagem.

TABAQUEIRA
EMPRESA INDUSTRIAL DE TABACOS - E. P.

CIESA/NCK

Corrupção: um processo de 20 em 20 horas

DEPARTAMENTOS DE ESTADO ATRASAM INFORMAÇÕES À ALTA AUTORIDADE

AACC não encontrou matéria no célebre "caso D.Branca"

NOS primeiros três anos de funcionamento, completados em Dezembro passado, a Alta Autoridade Contra a Corrupção (AACC) abriu 1217 processos, tantos como se tivesse havido um de 20 em 20 horas. Desse total, 469 processos encontravam-se pendentes em 31 de Dezembro de 1986, quer em investigação ainda naquele organismo quer em consequente investigação, para fins de processos crimes, na Polícia Judiciária, ou já distribuídos a tribunais de instrução criminal ou tribunais de comarca.

A diferença entre estes dois totais são os 748 processos em 1217, entretanto arquivados, designadamente por rejeição liminar (caso de queixas infundadas), participação a entidades competentes ou matéria a aguardar melhor prova.

Estes são alguns dos números que se extraem do relatório sobre o triénio inicial da AACC apresentado à Assembleia da República na pessoa do presidente, no final de Abril, pelo alto-comissário Costa Brás, documento a que a Lusa teve acesso, e este mês facultado em cópia ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro.

Das doze centenas de processos iniciados de 1984 a 1986, sete (0,6 por cento) foram-no por solicitação de membros do Governo, segundo o relatório, embora amaioria dos casos referidos respeitem a repartições ou serviços do Estado, empresas públicas, banca nacionalizada, câmaras municipais e juntas de freguesia.

A par de 947 processos iniciados por queixas de particulares, singulares ou colectivos e 140 por participações de entidades oficiais, 123 foram da iniciativa do alto-comissário.

Datado de 20 de Março, o relatório só agora foi entregue em Belém porque o alto-comissário, segundo fontes da agência, achou inoportuno apresentá-lo durante a crise política entretanto surgida.

Tal entrea quebra um silêncio de três anos, tantos quantos conta a AACC, sobre a actividade deste organismo, pois só a lei 45/86, que lhe redefiniu as atribuições, o obriga a apresentar à Assembeia da República (onde também agora deu entrada) um relatório das suas actividades no termo de cada ano.

«Daí que até hoje, em três anos de funcionamento — lê-se no documento — se não tenha divulgado a actividade deste organismo, aceitando-se deliberadamente o ónus que essa ausência de informação acarreta.

O relatório comporta resumos de 130 casos (22 de 1984, 45 de 1985 e 33 de 1986), mas omitindo invriavemente o nome de pessoas, organismos, serviços ou empresas inquiridos ou investigados, se bem que abundem referências a organismos oficiais, bancos e outras empresas do sector público, câmaras municipais e juntas de freguesia.

O relatório explica a reserva pelo propósito de não se antecipar a conclusões de julgamentos, inquéritos ou processos disciplinares nemprejudicar com revelações prematuras investigações ainda em curso. Mas, apesar das omissões, facilmente se reconhecem muitos casos que tiveram largo eco na Comunicação Social, por vezes com julgamento já previsto ou realizado.

«Caso D. Branca»: processo arquivado

Tais aproximações permitem mesmo incluir um suicídio entre as consequências secundária destes três anos de investigações.

De facto, quando se mencionam,entre os casos investigados em 1986, «irregularidades na gestão de numerário de uma delegação no estrangeiro de um instituto público», cujo director «entretanto faleceu», trata-se visivelmente da alegada fraude nos serviços em Paris do Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP), cujo responsável, mandado regressar então a Portugal, aqui viria a suicidar-se.

O «Caso D. Branca» figura entre os de conhecimento público, sendo o único dos 130 do relatório em que a pessoa envolvida é nomeada, embora apenas daquela forma abreviada. Mas refere-se ter sido o processo arquivado, por não se haver encontrado matéria do âmbito específico da AACC.

Este organismo interviera por órgãos de Comunicação Social terem aludido, como indica o ducumento, a «eventuais práticas ilícitas que estariam a desenvolver-se em grande proporções no chamado «Caso D. Branca», com alegada passividade das autoridaes públicas», o que não veio a ser confirmado.

Por outro lado, do relatório de Costa Brás também é fácil concluir — indirectamente por ausência de críticas expressas, mas não menos seguramente — estarem ou terem estado muitas investigações prejudicadas pela demora de entidades mais diversas, frequentemente departamentos do Estado, em prestarem informações ou outras colaborações solicitadas pela AACC.

Foi assim que, logo em Novembro de 1984, menos de um anodepois da posse do alto-comissário, este propôs ao Conselho de Ministros, como também no documento se recorda, uma resolução a conferir priordade e urgência na prestação pelos serviços públicos de colaborações pedidas pela AACC.

Decorria a proposta do facto de «não ser regra segura o cumprimento em tempo desse dever legal, quer por demora, quer por omissão, quer por correspondência apnas parcelar às solicitações» da AACC a tais organismos.

O Governo só viria a contemplar a proposta meio ano depois, com uma resolução do Conselho de Ministros de Maio de 1985. Mas, «mesmoapós a publicação dessa resolução — observa-se no presente texto —, diversos serviços do Estado houve que persistiram em cndutas dificilmente enquadráveis no exacto cumprimento do dever de cooperação com a Alta Autoridade».

Corrupção existe por muitas razões

Mais tarde, em Outubro passado, a referida Lei 45/86 viria a prever e punir como crime de «desobediência qualificada«» as situações dessa natureza.

Que a corrupção existe não apenas por motivação íntima dos seus agentes, mas também por existência de condições exteriores que a tornam viável, é outra conclusão a deduzir do documento, mau grado neste a discrição e eufemismos da ordem.

«As averiguações desenvolvidas ao longo de três anos pela Alta Autoridade nos mais diversos campos — escreve Costa Brás no relatório — evidenciaram que muitos dos eventuais actos ilícitos cometidos por agentes públicos se ficarama dever à existência de condições que de alguma forma propiciaram essas condutas e cuja correcção atempada constituirá seguramente a mais adequada resposta à sua ocorrência e, sobretudo, à sua repetição».

Já na introdução do relatório o alto-comissáro formulava o voto de que «aos diferentes níveis de decisão da sociedade e do Estado se assumam as responsabilidades que a cada um compete e, sobretudo, se accionem as medidas, pequenas ou grandes, imples ou complexas, de menor ou de maior fôlego, que contribuam para o progressivo enraizament de um Estado democrático em que os direitos dos cidadãos se possam afirma em plenitude».

«E essas correcções — acrescentava — só podem ser obtidas pelo empenhamento de uma vontade colectiva, em que sobressaia a acção diligente e oportuna de quem detém competências que devem serexercidas, e responsabilidades que devem ser assumidas».

Caso Gerardo, do Fundão, chegou ao fim

Condenado a 8 meses de prisão por ter agredido a mulher

O Tribunal Judicial do Fundão condenou na pena de oito meses de prisão, um homem que em 1985 foi acusado de agredir violentamente a mulher de quem estava divorciado há seis anos.

Trata-se de Francisco Ponciano, de 37 anos de idade, funcionário público que no Verão de 1985 agrediu Maria da Conceição Gerardo, de 35 anos de idade, professora primária radicada em França que disse ter sido «barbaramente agredida pelo ex-marido».

A pena de prisão ontem sentenciada pelo juiz Fernando Gaito das Neves, foi entretanto abrangida por amnistia decretada em 11 de Junho o ano passado, por ocasião da eleição de Mário Soares para Presidente da República e sua posse.

O Tribunal condenu ainda Francisco Ponciano a pagar uma indemnização a Maria da Conceição Gerardo no montante de 100 mil escudos e mais 90 mil escudos de despesas no hospital do Fundão decorrentes do interamento da Maia da Conceição como consequência da agressão de que foi vítima.

Foram dados como provados crimes de sequestro e ofensas corporais imputadas ao réu Ponciano, a ue corresponderam na sentença penas de, respectivamente, quatro e seis meses de prisão.

O juiz Gaito das Neves, na leitura da sentença, referiu, de acordo com a mesma, que a actuação de Francisco Ponciano seria devido «ao apego às duas filhas do casal, fora do normal» e a reacção subsequente ao verificar que a Maria da Conceição, ao chegar de França, não trazia as filhas.

O crime de ameaças proferidas pelo réu contra aquela professora emigrante, foi também abrangido por amnistia.

Os crimes de injúrias e de atentado ao pudor foram considerados pelo Tribunal como não provados.

O julgamento deste caso teve início em 22 de Abril, após um adiamento ocorridos em 20 de Janeiro deste ano.

Na altura da agressão, ocorrida no Verão de 1985, a Liga dos Direitos da Mulher solidarizou-se com a agredida e exigiu justiça para este caso.

A referida Liga lamentou ainda que a lei portuguesa não permita que uma associação privada como a LDM, cuja vocação é a defesa dos direitos das mulheres, se constitua como assistente em processo penal, ao contrário do que acontece em outros países da Europa».

A agressão que motivou este processo ocorreu quando no Verão de 1985 a Maria da Conceição Gerardo se deslocou de França ao Fundão, por convocação do tribunal local, devido ao facto de o seu ex-marido ter colocado um processo para discutir o poder paternal sobre as duas filhas do casal, na altura com 10 e 11 anos de idade, respectivamente.

Francisco Ponciano não estava conformado com uma decisão do tribunal que decidiu atribuir a custódia das filhas à mãe.

As agressões sofridas por Maria da conceição motivaram o seu internamento e a impossibilidade de comparecer no julgamento referido.

A Mariada Conceição trbalha na região dos Alpes Marítimos de França, na resolução de problemas de crianças com questões de integração.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

TEMOS a expressão «curtos de vista», pouco abonatória, como se sabe, para os seus utentes Usamos agora outra, igualmente nada abonatória, para substituí-la: os «cultos de vista». Aplica-se aos que vêem muita televisão e dela auferem, quase totalmente, o seu alimento cultural.

Eu sou — ai de mim, ai de mim! — um desses. Tudo o que sei me vem dela. Quando me fizerem a autópsia, hão-de ver como foi a intoxicação.

Uma das coisas que aprendi no **Telejornal** *e que mais me impressionaram foi a história das operações plásticas.*

As operações plásticas são muito úteis. Não apenas por ncessidade máxima. Por exemplo, os queimados. Os queimados não tinham em Portugal serviços hospitalares especalizados, enquanto aqui ao lado, na «nossa vizinha Espanha». como éde uso chamar-lhe, há mais de 2 anos que já existem 16!

As operações plásticas têm igualmente uma função estética. Por exemplo: a gente não gosta do nariz que tem, pois bem, opera-se e logo se nariga doutro modo. Tens rugas, leitor ou leitora? Fácil: com uma operação plástica ficas com uma pele de bebé. E assim por diante.

Dizem os médicos que as pessoas têm recorrido pouco aos seus serviços plásticos.

Mas consolem-se, que vamos entrar numa fase de profundas modificações. Muita gente vai ter de arranjar uma nova pele para as suas atitudes, um outro nariz para as suas ideias, novos queixais para os seus interesses, novas articulações para os seus programas, novas flexões para os seus discursos, novas orelhas para as suas sondagens, outras caras para as suas máscaras, outras unhas para os seus apertos de mão, outras mãos para os seus apertos. Enfim, os cirurgiões plásticos não terão mãos a medir.

Ainda falta os queimados. Lá está o serviço para lhes acudir. Consta que a afluência tem sido enorme.

Em causa o problema das horas extraordinárias

GUARDAS PRISIONAIS CONTESTAM AFIRMAÇÕES DE MÁRIO RAPOSO

O ministro da Justiça e os guardas prisionais estão em «pé de guerra», na sequência de afirmações ontem proferidas por Mário Raposo em Coimbra segundo as quais a posição do Governo português em relação aos guardas prisionais tem sido «verdadeiramente revolucionária, em função dos benefícios concedidos à classe».

Ao visitar a Penitenciária daquela cidade, o antigo bastonário da Ordem dos Advogados referiu que «por exemplo, e até há bem pouco tempo, ninguém pensava que os guardas prisionais tivessem direito a horas extraordinárias, o qu irá acontecer já a partir de Junho deste ano».

Comentando as declarações de Mário Raposo, um porta-voz do Sindicato Nacional de Guardas Prisionais salientou que «as horas extraordinárias não resolvem o problema da regularização de horário, porque o que se verifica é a falta de efectivos nas cadeias portuguesas», pelo que a classe reclama actualizações no vencimento com efeitos retroactivos desde Janeiro do ano em curso e sustenta que «o subsídio de refeição deveria ter sido rectificado automaticamente em Janeiro e não o foi».

«Já ameaçámos com uma greve, mas está tudo na mesma, pois que estamos equiparados à PSP em termos legais e na prática as situações são diferentes», observou a mesma fonte.

Ainda durante a sua visita a Coimbra, Mário Raposo revelou que na próxima semana irá ser assinado um protocolo de assistência psiquiátrica aos reclusos entre o Ministério da Justiça e a Universidade Nova, numa iniciativa que terá como coordenador o prof. Eduardo Cortesão. Por outro lado, Mário Raposo disse estar «ultrapassado o surto explosivo da população prisional portuguesa verificado em 1983 e 1985, período durante o qual o aumento verificado foi de 83 por cento». «Ainda se contia a verificar — concluiu — um aumento da população prisional, mas de qualquer forma em termos muito menos significativos do que noutros países da Europa, como é o caso de Espanha, Itália ou França».

"Marisqueiro" morto na Ria Formosa

Um pescador apareceu ontem morto, perto de um viveiro de amêijoa, na zona da Ria Formosa, em Faro, suspeitando-se de homicídio. Oo corpo, que apresentava vestígios de sangue, foi encontrado pouco depois de ter sido detectado à deriva um barco, tendo a bordo roupas e botas de borracha. O morto, João Baptista, de 77 anos, estava registado na Capitania do Porto de Faro como «marisqueiro» e era proprietário de dois viveiros de amêijoas.

Roubou à amante 7 mil contos de jóias

A GNR de Loulé deteve um construtor civil, de apelido Santos, de 40 anos, acusado de ter furtado jóias no valor de sete mil contos da vivenda da mulher de quem era amante em Almancil. As jóias foram encontradas na residência dos pais de Santos, em Salir, juntamente com outros objectos em ouro que ele terá furtado no Algarve e também em França.

Quando pescavam longueirão

Apresados dois barcos espanhóis de arrasto na baía de Monte Gordo

Dois barcos espanhóis de arrasto foram ontem apresados na zona da baía de Monte Gordo, devendo os seus mestres serem hoje apresentados ao juiz do Tribunal de Tavira. As duas embarcações foram interceptadas e apresadas por infringirem a legislação portuguesa de pesca, segundo a Marinha e Guerra.

Os dois barcos de arrasto foram apresados pela Marinha portuguesa quando, ao abrigo do acordo de pescas do Guadiana, pescavam longueirão.

O «Juan Ramón» foi apresado por ter as pontas do arrasto mais compridas do que determina a legislação portuguesa e a outra embarcação designada «Ramón e Carmen», por ter a bordo um arrasto para a conquilha, pesca para a qual não estava autorizada.

As duas embarcações foram conduzidas ao porto de Tavira, onde se enconram retidas.

Um dirigente da Associação de Armadores do Guadiana consderou que este apresamento foi «um pouco forçado», sublinhando que as autoridades portuguesas estão a revelar «excesso de zelo». Plo contrário - disse - «as autoridades marítimas espanholas têm-se mostrado compreensivas e colaborantes».

O mesmo dirigente referiu o facto de na segunda-feira passada as autoridades espanholas terem fechado os olhos a um barco português que se encontrava a pescar dento das águas territoriais, o mesmo acontecendo com outra embarcação portuguesa com ma rede de malhagem mais curta do que permite a legislação espanhola.

Trata-se do primeiro incidente dese a entrada em vigor do acordo fronteiriço de pescas do Guadiana, no dia 1, deste mês. Ao abrigo desse acordo, foram concedidas 31 licenças de pesca para os pescadores de cada país, que contemplam cerca de meia centena de embarcações de ambos os lados.

O acordo de pescas do Guadiana, que tanta celeuma provocou nos primeiros dias de Março deste ano devido à lei que determina o defeso da captura de longueirão entre 1 de Março e 31, de Maio e que foi encurtado num mês por razões especiais, prevê que a legislação aplicável seja a vigente, em cada momento, no País em que se exerce a pesca.

O acordo determina ainda que a pesca (de arrasto, obviamente) de longueirão seja exercida por catorze barcos espanhóis em águas portuguesas e que a da conuilha - para a qual o «Ramón e Carmen» não se encontrava habilitadeo — o seja por dez barcos espanhóis com motor fixo interior de otência unitária não superior a sessenta cavalos (CV).

Aluno da escola de Alcanena atropelado por motocicleta

Miguel Cordeiro Antunes, de doze anos, aluno da Escola Secundária de Alcanena, a cerca de 20 quilómetros de Santarém, foi ontem atropelado com gravidade por uma motocicleta, tendo recolhido ao Hospital de S. José com fraturas no crânio e num braço.

O Conselho Directivo da escola, aberta desde Novembro do ano passado, já receava que um acidente deste tipo viesse a ocorrer, pois a faixa de rodagem que dá acesso ao estabelecimento ainda não está concluída, tendo, por isso, os autocarros que transportam os alunos de parar na faixa contrária, na iminência de qualquer um deles ser atropleado, tal como ontem infelizmente veio a suceder.

Informação

GREVE DO SINDICATO DOS MAQUINISTAS (SMAQ)

NO DIA 22 DE MAIO DE 1987 (SEXTA-FEIRA), DAS 0.00 ÀS 24.00 HORAS

TRANSPORTES ALTERNATIVOS

Para minimizar os inconvenientes causados pela greve do Sindicato dos Maquinistas – na Sexta-Feira, dia 22 de Maio – a CP preparou um esquema de transportes alternativos rodoviários que abrange:

- Zona suburbana de LISBOA
- Zona suburbana do PORTO
- Ligações internacionais SUD-EXPRESS (LISBOA / PORTO – PARIS) e LUSITÂNIA EXPRESSO (LISBOA – MADRID)

e para o qual a Empresa se empenhou em contratar o máximo dos meios disponíveis.

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

A partir das 6.00 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa rodoviária com as seguintes origens e destinos (descendentes e ascendentes):

SINTRA (Estação) – Marquês de Pombal
ALGUEIRÃO (Colégio D. Afonso V) – Marquês de Pombal
RIO DE MOURO (Estação) – Sete Rios
CACÉM (Antiga Estação dos CTT) – Sete Rios
QUELUZ (Quatro Caminhos) – Sete Rios
AMADORA (Câmara Municipal) – Sete Rios

1.2 Linha de Cascais

A partir das 6.00 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa rodoviária com as seguintes origens e destinos (descendentes e ascendentes):

CASCAIS (Estação)	Cais do Sodré
ESTORIL (Estação-Marginal)	Cais do Sodré
S. PEDRO (Minipreço)	Cais do Sodré
PAREDE (Marginal – P. Inf. Praia)	Cais do Sodré
CARCAVELOS (Estação)	Cais do Sodré
OEIRAS (Par. RN/P. Campismo)	Cais do Sodré
PAÇO D'ARCOS (Esc. E. Mecânica)	Cais do Sodré

1.3. Lisboa – Azambuja

Os títulos de transporte da CP para este percurso são válidos nos autocarros da Rodoviária Nacional.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

A partir das 5.30 horas será posta à disposição do público cliente da CP uma alternativa rodoviária com as seguintes origens e destinos (descendentes e ascendentes)

OVAR (Estação)	Gaia (J. Morro/P. D. Luís)
ESPINHO (Posto GNR; R.62)	Gaia (idem)
PÓVOA DE VARZIM (Estação)	Porto Boavista (L. Agram.)
FAMALICÃO (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
MARCO (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
CAIDE (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)
CETE (Estação)	Porto-Campanhã (Estação)

3. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

O encaminhamento dos passageiros dos comboios internacionais SUD EXPRESS (LISBOA / PORTO – PARIS) e LUSITÂNIA (LISBOA – MADRID) será feito por autocarros quer dá fronteira aos destinos, quer de Lisboa e / ou Porto à fronteira.

No sentido Sul / Norte os horários dos autocarros são os seguintès, de acordo com os diversos pontos de partida:

SUD-EXPRESS –	LISBOA (ST.ª APOLÓNIA)	13.30 horas
	ENTRONCAMENTO	14.30 horas
	POMBAL	16.30 horas
	PAMPILHOSA	16.00 horas
	PORTO (Campanhã)	14.00 horas
	ESPINHO	16.00 horas
LUSITÂNIA –	LISBOA (ST.ª APOLÓNIA)	19.00 horas

4. INFORMAÇÕES DIVERSAS

4.1. Os autocarros que asseguram este serviço alternativo estão identificados com o dístico «AO SERVIÇO DA CP» e têm a indicação de origem e destino.

4.2. Têm acesso a este serviço rodoviário alternativo os passageiros com títulos de transporte válidos para os referidos trajectos.

4.3. No SUD e no LUSITÂNIA, a CP só assegura o encaminhamento dos passageiros de serviço internacional.

20 / 5 / 87

Caminhos de Ferro Portugueses

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

A gestão da actividade do BPSM, em 1986, obedeceu aos seguintes grandes princípios orientadores:

Apostar, determinadamente, no reforço da solidez financeira e na criação de condições que permitam manter um são equilíbrio da Conta de Exploração e da situação patrimonial do Banco.

Prosseguir o esforço iniciado em exercícios anteriores com vista a apetrechar o Banco com os meios humanos e materiais capazes de enfrentarem os desafios que se perspectivam para o futuro.

Desempenhar, com eficácia, maleabilidade e rigor, o papel que lhe cabe ao serviço da economia, na qualidade de Instituição de primeiro plano no contexto do Sistema Bancário Nacional.

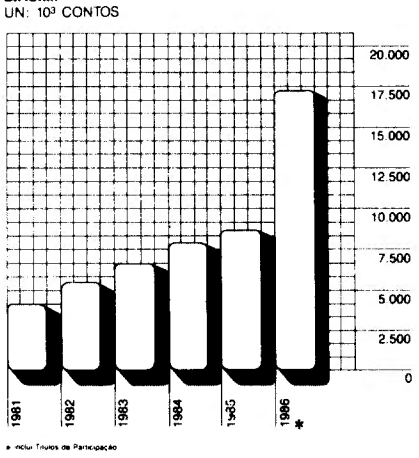
Dentro destes princípios orientadores o Banco realizou um amplo conjunto de acções dignas de relevo, das quais destacamos:

- Liderou a colocação de Bilhetes do Tesouro em todo o País, como alternativa à constituição de depósitos, conquistando uma quota de mercado de 16%, o que corresponde a um montante colocado superior a 130 milhões de contos;
- Manteve-se, como Banco líder, tanto no mercado primário como no mercado secundário de títulos. No mercado primário, participou em 16 emissões, com quotas superiores a 20% em 10 delas; no mercado secundário, e comparativamente com o ano anterior, o montante das transacções de obrigações duplicou e o das acções foi trinta vezes superior;
- Procedeu, com assinalável êxito, à emissão de 5 milhões de contos de Títulos de Participação;
- Participou, de forma empenhada e relevante, na constituição do Fundo de Investimento Mobiliário (FIPOR) e do Fundo de Investimento Imobiliário (IMOVEST);
- Participou, com 50%, na constituição do Fundo de Apoio à Iniciativa de Jovens Empresários (FAIJE);
- Participou, como um dos principais promotores, no 1.º Congresso de Jovens Empresários;
- Participou na divulgação e venda do Cartão Jovem;
- Manteve e aperfeiçoou a Conta Jovem, de que foi pioneiro em Portugal;
- Lançou uma Linha de Crédito para aquisição ou instalação de Farmácias;
- Manteve a posição de destaque que tem vindo a evidenciar no apoio creditício aos sectores da Agricultura e Pescas, no conjunto da Banca Comercial, e tornou extensivo à Região Autónoma dos Açores o serviço do Balcão Verde;
- Procedeu ao lançamento do Cartão Automático, o cartão de débito com acesso à maior rede nacional de ATM's — as da rede Multibanco e as da rede interna do BPSM — que comporta já 60 máquinas, encontrando-se ainda em expansão;
- Procedeu ao lançamento de um sistema informático de apoio à gestão de tesouraria dos Clientes (SOTTOGEST);
- Concluiu, conforme estava programado, a primeira fase do projecto de informatização dos Balcões, tendo já em teleprocessamento 80 Balcões com os depósitos integralmente automatizados;
- Prosseguiu o intenso plano de formação de pessoal que tem vindo a desenvolver, e que abrangeu, em média, 48 horas de formação em 1986 e mais de 2200 empregados;
- No plano externo, prosseguiu a consolidação da sua rede no mercado internacional, tendo obtido autorização do Governo Português para abrir uma Sucursal em Génève;
- Manteve um permanente empenho no aprofundamento da cooperação com as entidades bancárias dos países lusófonos, com resultados insofismavelmente positivos.

No domínio do Balanço e das Contas de Exploração do Exercício, salienta-se:

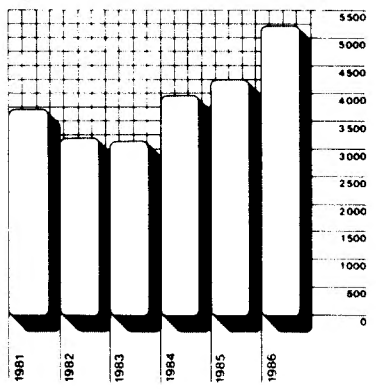
- Mercê do empenho colocado na melhoria da estrutura dos recursos, a percentagem dos depósitos à ordem nos depósitos totais passou de 21,2 para 31,5%, como resultado de um aumento de 46% dos depósitos à ordem;
- Em consequência da emissão de 5 milhões de Títulos de Participação e da integração de reservas de reavaliação, os "Capitais Próprios e Equiparados" passaram de 8,4 para 17,5 milhões de contos;
- O "Cash-flow" atingiu 5256 milhares de contos, mais 23,3% do que no ano anterior.

CAPITAL E RESERVAS
B.P.S.M.
UN: 10^3 CONTOS

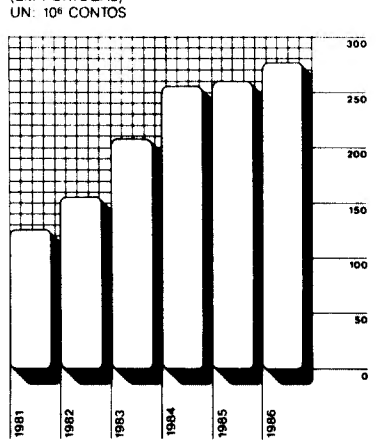


* inclui Títulos de Participação

RESULTADOS FINANCEIROS
B.P.S.M.
UN: 10^3 CONTOS



SALDOS DO CRÉDITO CONCEDIDO B.P.S.M.
(EM PORTUGAL)
UN: 10^6 CONTOS



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

CONSOLIDADO

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	30 022 500 921$97		30 022 500 921$97
Valores a Cobrar	23 838 161 451$42		23 838 161 451$42
Depósitos e Aplicações noutras Instituições de Crédito no País	37 330 948 342$92		37 330 948 342$92
Depósitos no Estrangeiro	30 606 999 717$40		30 606 999 717$40
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	1 136 067 740$20		1 136 067 740$20
Crédito Concedido	352 501 691 512$94	10 155 460 430$47	342 346 231 082$47
Acções, Obrigações e Quotas	43 474 067 939$20	38 600 290$10	43 435 467 649$10
Bilhetes do Tesouro	5 328 035 000$00		5 328 035 000$00
Aplicações de Recursos Consignados	20 665 123 693$60		20 665 123 693$60
Devedores	27 198 537 463$41		27 198 537 463$41
Participações Financeiras	157 483 260$50		157 483 260$50
Imóveis	13 636 082 494$45	1 886 405 277$30	11 749 677 217$42
Equipamento	5 813 239 068$40	2 618 928 903$10	3 194 310 165$30
Outras Imobilizações	3 932 808 899$54	1 598 952 157$72	2 333 856 741$82
Contas Diversas	42 820 385 964$76		42 820 385 964$76
TOTAIS	638 462 133 470$71	16 298 347 058$42	622 163 786 412$29

CONTAS	PASSIVO	
Depósitos à Ordem	151 374 529 863$59	
Depósitos com Pré-Aviso	122 925 039$45	
Depósitos a Prazo	293 098 303 146$91	
Depósitos de Poupança	30 798 077 029$66	475 393 835 079$61
Cheques e Ordens a Pagar	4 448 309 305$52	
Recursos Consignados	20 665 123 693$60	
Outros Recursos	62 357 532 865$85	
Credores	6 897 102 419$51	
Contas Diversas	29 130 066 201$01	123 498 134 485$49
Provisões para Riscos Diversos		5 717 687 322$73
Títulos de Participação	5 000 000 000$00	
Capital	8 000 000 000$00	
Reservas	3 751 291 649$06	16 751 291 649$06
Resultado do Exercício		802 837 875$40
TOTAL		622 163 786 412$29

CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS

Valores Recebidos em Depósito	81 741 616 827$82
Valores Recebidos para Cobrança	20 269 927 681$14
Valores Recebidos em Caução	273 877 532 896$32
Garantias e Avales Prestados	46 060 404 871$36
Créditos Abertos	20 459 031 836$96
Aceites em Circulação	6 446 675 959$00
Valores Dados em Caução	5 212 879 560$80
Compras a Prazo	2 495 728 829$20
Vendas a Prazo	2 894 456 191$90
Outras Contas Extrapatrimoniais	137 515 830 310$99

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1986

CONSOLIDADO

CONTA DE EXPLORAÇÃO

DÉBITO	MONTANTE
Custos de Operações Passivas	75 697 838 560$14
Custos com Pessoal:	
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	23 582 044$10
Remunerações de Empregados	9 156 095 130$30
Encargos Sociais Obrigatórios	2 370 871 317$00
Outros Custos com o Pessoal	215 078 105$60
Fornecimentos de Terceiros	599 741 212$94
Serviços de Terceiros	3 598 223 261$63
Outros Custos Bancários	1 467 003 584$09
Impostos	281 220 585$00
Custos Inorgânicos	47 005 998$10
Dotações para Amortizações	1 293 280 961$10
Dotações para Provisões	3 137 309 376$60
Lucro de Exploração	683 819 304$46
TOTAL	98 571 069 441$06

CRÉDITO	MONTANTE
Proveitos de Operações Activas	83 294 442 482$35
Proveitos de Serviços Bancários	1 990 272 973$29
Proveitos de Outras Operações Bancárias	5 029 383 602$29
Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	7 729 740 139$96
Outros Proveitos Bancários	449 237 242$12
Proveitos Inorgânicos	77 993 001$05
TOTAL	98 571 069 441$06

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO	MONTANTE
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	437 993 487$42
Perdas Excepcionais	169 306 148$28
Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício	23 392 637$90
Resultado do Exercício	802 837 875$40
TOTAL	1 433 530 149$00

CRÉDITO	MONTANTE
Lucro de Exploração	683 819 304$46
Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	259 791 387$78
Lucros Excepcionais	217 531 706$82
Provisões Utilizadas	272 387 749$94
TOTAL	1 433 530 149$00

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
L. F. Gonçalves da Cruz

BALANÇO E CONTAS APROVADOS POR DESPACHO DO SENHOR SECRETARIO DE ESTADO DO TESOURO DE 12 DE MAIO DE 1987

Lisboa, 23 de Março de 1987

O CONSELHO DE GESTÃO
António José Nunes Loureiro Borges — Presidente
Miguel Krupenski
Manuel Maria Marinho Barbosa
Rui de Carvalho e Cunha Fortes da Gama
José Vitorino de Sousa Cardoso da Silva

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

O Ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, troca impressões com manifestantes que se opoem aos seus esforços para a realização de uma conferência internacional de paz para o Médio Oriente

Os principais candidatos dos partidos concorrentes às eleições britânicas de 11 de Junho espalharam-se hoje pelo país em busca de votos, trocando insultos ao longo do caminho. Os candidatos da oposicão tentam afastar do poder os conservadores, mas o partido de Margaret Thatcher já esclareceu que não vacilará por um momento sequer. Uma sondagem publicada hoje dá aos conservadores uma vantagem de nove pontos, ganhando terreno, juntamente com os trabalhistas, à acusta da aliança Liberais/Sociais-Dermocratas. No entanto, uma outra sondagem reduz aquela vantagem pela primeira vez desde o ínicio da campanha, dando aos conservadores apenas mais 3 pontos do que aos trabalhistas.

Os monges budistas que iniciaram uma greve em Seoul, exigindo reformas constitucionais a favor d do Sul

SIDA: Governo da Baviera contestado

Médicos, dirigentes sindicais e políticos de todo o espectro ideológico da Alemanha Federal condenaram ontem um pacote de medidas anti-Sida introduzido pelo governo conservador do Estado da Baviera. A ministra da Saúde, Rita Suessmuth, condenou vigoosamente as medidas e frisou que elas contradizem directamente a política nacional, destinada a criar maior responsabilidad e consciência sexual e individual. O governo estadual bávaro da União Social-Cristã (CSU), chefiado por Franz Josef Strauss, impôs na terça-feira a aplicação de testes a várias categorias de estrangeiros e autóctones para detectar o vírus da Síndroma da Imuno-Deficiência Adquirida. O CSU redigiu uma lei a apelar aos seus três parceiros de coligação no governo federal para introduzir testes compulsórios para todos os que vivem no país. «A Baviera, como qualquer outro Estado da Alemanha Federal, é livre de agir como desejar. Contudo, é também responsávl pelas consequências», considerou um porta-voz do Ministério da Saude. O governo federal está a despender este ano 135 milhões de marcos no combate à doença, que já provocou até agora a morte de 500 pessoas no país. Estima-se que entre 30 000 e 100 000 indivíduos sejam portadores do vírus. Para o presidente da Federação Nacional dos Médicos, as novas normas são «loucas». «Elas conseguirão o que as autoridades federais pretendem evitar — forçar à clandestinidade muita gente dos grupos de alto risco e os que já estã infectados, precisamente devido ao receio da repressão», salientou Karsten Vilmar.

PCI quer estar no Governo

PCI, o maior Partido Comunista do Ocidente, determinado a pôr termo a 40 anos de afastamento do poder, está a tentar obter o voto de quadros, mulheres e industriais, para além da sua tradicional base de apoio operária. A afluência às urnas nas elições parlamentares marcadas para 14-15 de Junho, que darão lugar ao 47.º governo italiano desde a Segunda Guerra mundial, determinará que partido irá obter a liderança e quais serão os parceiros de coligação. Os comunistas, embora tendo ficado sempre a pouca distância dos democratas-cristãos (DC), foram obrigados a contentar-se desde 1947 em ser a maior força opositora no Parlamento, enquanto a Democracia Cristã liderou, sozinha ou coligada, quase todos os governos desde 1945. As eleições foram convocadas um ano antes da data oficial para por termo a uma crise política provocada pela exigência dos democratas-cristãos em recuperar a liderança entregue ao socialista Bettino Craxi, que a manteve durante três anos e meio. Funconários superiores do Partido Comunista Italiano (PCI) adiantaram que os eleitores estão «fartos» de governos que não duram e que se encontram preparados para «uma mudança».

Argentina: embaixador condena militares

A intervenção dos militares na vida política «sempre foi nefasta para a Nação e para as Forças Armadas», disse ontem em Lisboa o embaixador d Argentina, domingo Parente Bartoli. O embaixador convocou uma conferência de Imprensa para «dar a conhecer à opinião pública internacional que a República Argentina segue um plano para conseguir a reconciliação de civis e militares e acabar com as revoluções e golpes de Estado» que ensombraram a história da nação latino-americana desde a independência da coroa espanhola, em 1810. Em relação aos regimes militares que se sucederam em Buenos Aires nos últimos 50 anos, o embaixador lembrou que, antes do golpe qu derrubou, em 1930, o regime do presidente Hipolito Irrigoyen, a Argentina era «a sexta nação mais desenvolvida do mundo» e ocupa hoje o 43.º lugar.

Ao depor na comissão de investigação sobre o "Irangate"

LÍDER DOS "CONTRAS" ELOG
APOIO DE EX-DIRECTOR DA (

O lider «contra» Adolfo Calero afirmou ontem que o director da CIA, William Casey, que recentemene faleceu, estava ao corrente dos esforços de Oliver North para ajudar os rebedles anti–sandinistas. Calero, que ontem prestou declarações perante a comissão do Congresso encarregada de investigar o caso «Irangate», disse que a CIA deu pouco apoio aos «contras», mesmo antes de o Congresso ter proibido a ajuda aos rebeldes, e que os agentes da CIA mais pareciam uns «instrometidos», sempre à procura de informações secretas.

O lider «contra» manifestou, no entanto, profunda simpatia pelo antigo drector da CIA, a quem chamava «tio Casey», e com o qual se encontrou diversas vezes, normalmente na companhia de Oliver North, o ajudante da Casa Branca afastado em Novembro sob a acusação de ter sido o cérebro do escândalo «Irangate».

Calero acrescentou que Casey teve conhecimento de certos esforços feitos por North e pelo general na reserva Richard Secord para conseguirem apoio para os «contras», depois de o Congresso ter proibido este auxílio entre 1984 e 1986.

Calero referiu anteriormente que se encontrara diversas vezes com Ronald Reagan e com o vice–presidente George Bush para lhes agradecer o seu apio, mas nunca debateram como arranjar dinhaeiro para os «contras».

Entretanto, o porta- voz do Minst;erio suiço da Justiça disse que general norte–americano na reserva, Richard Secord, requereu ao Supremo Tribunal suiço que impeça os investigadores norte–americanos de obterem os extractos de uma conta utilizada para os negócios de armas do Irangate.

Apoio à UNITA

O vice–persidente da UNITA, Jeremias Chitunda, encontra–se em Washington para sensibilizar a adminis -

Fiji: rebeldes chegaram a acordo com representante de Isabel II

O tenente- coronel Sitiveno Rabuka, lider da rebelião militar ocorrida há uma semana nas ilhas Fiji, será nomeado primeiro–ministro do novo governo, anunciou hoje uma fonte militar. O governador–geral, Ratu Sir Peniai Ganilau, respresentante da Rainha isabel II nesta nação da Commonwealth, concordou com o compromisso,que será apresentado amanhã ao grande Condelho dos Chefes, adiantou a mesma fonte.

Nos termos deste acordo, Rabuka será o persidente do Conselho de Ministros do arquipélago e Ganilau permanecerá como chefe de Estado constitucional, não estando prevista a saída da Commonwelth e a criação de uma República nas Fiji.

Fontes políticas no arquipélago tinham afirmado que o Conselho de Chefes das Fiji, orgão das tribos fijianas com grande autoridade entre a população indigena, analisaria hoje a possibilidade de proclamação da República no aquipélago. o que aboloria a autoridade do governador–geral que representa a rainha Isabel II de Inglaterra nas Fiji.

Estas informações, que agora parecem ultrapassadas, levaram o Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros a recomendar aos cidadãos do Reino Unido para não viajarem para o arquipélago.

Por outro lado, o governo australiano pos em estado de alerta uma parte das guarnições da marinha e de dois contra–torpedeiros, para o caso de terem de evacuar os 4.000 australianos que residem nas Fiji.

Brasil: Sarney procura acordo

O presidente brasileiro José Sa
nadores estatais e pelo Exército, c
político que permita adoptar
grave crise social e económica
Esta proposta foi feita pelo go
varo Diaz, que garantiu quarta–f
apoio dos governadores pertence
mento Democrático Brasileiro (
permanecer no poder até 1990.
Segundo analistas locais, o pr
çou a organizar um grande acord
la divisão surgida no PMDB, a
país. Os 305 constituintes do P
com efeito, definir ainda a posiçã
ção da nova Constituição polí
mandato presidencial.
O «Jornal de Brasília» revelo
Sarney convocou na segunda–fei
para lhes expor os termos da su
noite desse mesmo dia e que os r
total apoio.

de fome no seu templo, democracia na Coreia

IA
CIA

ção de Roandl Reagan a mentar a ajuda que presta movimento liderado por nas Savimbi. Chitunda se, numa entervista, que ua estada em Washington ncidia com uma projecta - ofensiva do Exército an - lano e tropas cubanas pa - esmagar as posições da NITA no sul de Angola.

ara governar até 1990

ncy, apoiado por go ver - everá procurar um pacto idas urgentes contra a o Brasil.
ernador do Paraná, Ál - ira ao chefe de Esatdo o tes ao Partido do Mo vi - MDB) à sua decisão de

sidente brasileiro come - político, estimulado pe - maior força política do MDB não conseguiram, a defender na elabora - ca no que se refere ao

, entretanto, que oJosé a os ministros militares mensagem à Nação na inistros lhe expressaram

Corpos das vítimas seguiram para os EUA

Sistema de defesa da fragata 'Stark' desligado na altura do ataque

Os restos mortais de 35 das 37 vítimas do ataque contra a fragata norte–americana «Stark»» foram ontem embarcados num avião militar, para serem transladados para os Estados Unidos. Na presença do capitão da fragata, Glenn Brindel, e da mulher de um dos marinheiros mortos, os corpos foram carregados a bordo de um avião militar norte–americano, em Manama, capital do Bahrain.

Fontes norte–americanas disseram que 11 dos mortos não foram identificados, enquanto dois outros tripulantes continuam desaparecidos.

O comandante da força naval norte–americana no Golfo Pérsico, almirante Harold Bernsen, declarou , entretanto, que o sistema automático de defesa da fragata «Stark»» estava desligado na altura do ataque porque «a tripulação não pensava correr perigo».

Por seu lado, o comandante da fragata disse que a sua tripulação teve somente segundos de aviso e estava a activar as defesas anti–missil quando o primeiro de dois projecteis atíngiu o navio.

O comandante Glenn Brindel, na sua primeira declaração pública acerca do ataque iraquiano que matou 37 dos seus tripulantes, disse que «não percebemos que tinha sido disparado um missil senão quando era tarde demais para tomar medidas».

Um oficial superior do Pentágono, o vice–almirante Granty Sharp, partiu, entretanto, para o Bahrain onde vai chefiar uma comissão de inquérito ao ataque,

A fragata «Stark» foi atingida por dois mísseis, e não apenas por um como inicialmente se pensou. Um terceiro míssel chegou a ser disparado, mas não explodiu. Com efeito, especialistas que ontem inspeccionavam a fragata encontraram a cabeça de um míssil Exocet a bordo do «Stark». Esta descoberta parece confirmar a hipótese de que dois aviões Mirage da Força Aérea do Iraque atacaram domingo a fragata norte–americana.

O comandante do «StarK» confirmou que a fragata tinha avisado os caças iraquianos. « Foram emitidos dois avisos via rádio para os aviões em aproximação, mas o navio não recebeu resposta».

O piloto do Iraque que disparou sobre a fragata tem afirmado que não recebeu qualquer aviso.

A Casa Branca revelou ontem outros pormenores do incidente registado domingo. Segundo disse, os Estados Unidos pediram que caças F-15 sauditas interceptassem o aparelho iraquiano que atacou a fragata, mas o controlo de terra saudita não tinha autoridade para transmitir a ordem,

O porta–voz Marlin Fitzwater disse que antes de se poder obter a autorização de uma autoridade superior, o avião iraquiano já regressara ao seu país.

Fitzwater adiantou que os F-15 sauditas tinham deslocado de Bahrein antes do ataque contra a «Stark» com ordens para efectuar uma missão de patrulha sobre a costa saudita.

Logo que foi confirmado o ataque contra a fragata, um avião de detecção dos Estados Unidos e o controlador saudita que seguia a bordo pediram ao centro de comando do sector saudita em Bahrein que ordenasse que os F-15 interceptassem o «Mirage» iraquiano.

O controlo saudita em terra respondeu, contudo, que não tinha autoridade para ordenar uma acção desse tipo.

No julgamento de Lyon

Goldeberg explica porque quis matar Klaus Barbie

Uma testemunha no julgamento de Klaus Barbie, antigo chefe da Gestapo na cidae de Lyon, disse ontem que se deslocou à Bolívia para matar o réu, mas, confrontado com ele, descobriu que não era capaz.

Michel Goldberg, 48 anos, afirmou que as suas razões para matar o «carniceiro de Lyon» se prendiam essencialmente à necessidade de vingar o seu pai, que foi preso em Fevereiro de 1943 e deportado para Auschwitz de onde não regressou.

Numa entrevista concedida antes do início do julgamento de Barbie, Goldberg afirmara que ao confrontar–se, em La Paz, com o réu, descobrira a diferença que os separava quando percebeu que não conseguiria matá–lo.

Klaus Bsarbie, de 73 anos, está a ser julgado pela prisão, tortura e deportação de centenas de judeus e membros da resistência quando chefiava a Gestapo em Lyon, de 1942 a 1944.

A maioria dos depoimentos de ontem centrou–se nas acções contra a União Geral dos Israelitas de França (UGIF), a que pertencia o pai de Michel Goldberg, que resultou na deportação e morte de 84 judeus.

Henri Bulawtro, outra das testemunhas ontem chamadas a depor, descreveu ao Tribunal a sua viagem para o campo da morte de Auschwitz.

Lea Weiss, 61 anos, que fugiu à Gestapo de Lyon, e Eva Gottlieb, hoje funcionária dos Ministério israelita dos Negócios Estrangeiros, foram também ouvidas em Tribunal.

Michel Goldberg, filho de um judeu torturado pela Gestapo e que morreu em Auschwitz, esteve ontem no julgamento de Barbie, a quem tentou matar quando vivia na Bolívia

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO EDIFÍCIO, 12-3.° PISO - LETRA E IDADE NOVA – SANTO ANTÓNIO DOS cAVALEIROS»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO**, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.° 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de **15 dias** (desde 18 deMaio a 01 de Junho de 1987), para atribuição por enda de um fogo Tipo T2. sito no Edifício acia referenciado, pelo preço de 2 426 889$00 (dois milhões quatrocentos e vinte e seismil, oitocentos e oitenta e nove escudos) e DO FOGO SITO EDIFÍCIO 15-A, 6.° PISO, LETRA F – CIDADE NOVA – SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS pelo preço de 2 473 489$00 (dois milhões quatrocentos e setenta e tês mil, quatrocentos e oitenta e nove escudos).

1 – O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.

2 – Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional.

N.° de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per-capita)	Rendimento máximo mensal (per-capita)
3	20 160$00	44 100$00
4	18 144$00	37 800$00

3 – O Programa do Concurso, donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo, estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 12 deMaio de 1987
O Vereador do Pelouro

Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.° JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação deste anúncio citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: Pagar à Autora a quantia de Esc 149 957$00, acrescida de juros legais a contar da citação, além das custas e procuradoria devidas, como tudo melhor consta da respectiva petição inicial cujo duplicado se encontra neste Juízo à disposição da Ré.

Acção Sumária n.° 7273, 2.ª secção.

Autor UNOP — COOPERATIVA DE EMBALAGENS UNIÃO OPERÁRIA, CRL, com sede na Rua João Saraiva, 7-A, em Lisboa.

Réu CADILA, Soc. Com. Ind. de Calçado, com última sede conhecida em Poço Cação — Trajouce — Parede

Lisboa, em 22 de Abril de 1987

O Juiz de Direito,
Rogério da Silva e Sousa

Pel'O Escrivão de Direito,
Manuel Nascimento

«DL» 21/5/87 — 2.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL COMARCA DE TORRES NOVAS

ANÚNCIO

O DOUTOR JOÃO JOSE MARTINS DE SOUSA, JUIZ DE DIREITO DO SEGUNDO JUÍZO DESTE TRIBUNAL DE TORRES NOVAS, FAZ SABER que, nos autos de Acção Ordinária pendentes na 3.ª secção de processos desta comarca, que correm termos sob o n.° 28/86, movidos pela autora RENOVA — FÁBRICA DE PAPEL DO ALMONDA, Ld.ª, com sede em Renova — Zibreira — Torres Novas, contra LUÍS FILIPE DIAS ALMEIDINHA e MARIA INÁCIA ALMEIDINHA, com última residência conhecida na Quinta de S. João Areias, lote 47-C — Sacavém, agora ausentes em parte incerta, são estes réus citados, para no prazo de VINTE DIAS, findos TRINTA de dilação e contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que a autora deduz naquele processo e que consiste no pagamento da quantia de 1 411 089$00 e juros, provenientes de comercialização de papel higiénico e similares, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria.

Torres Novas, 87-05-04

O JUIZ DE DIREITO,
JOÃO JOSÉ MARTINS DE SOUSA

A ESCRITURÁRIA,
M.ª DO AMPARO CORDEIRO DO PATROCÍNIO

«DL» 21/5/87 — 2.ª pub.

DR. CARLOS EUGÉNIO DIAS FERREIRA
MISSA DO 7.° DIA

Sua família participa que hoje, dia 21, pelas 19 horas, na Igreja de São Sebastião da Pedreira, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P.N. A.M.

— AGÊNCIA MAGNO – Telef. 534167 —

Metalúrgicos exigem conciliação do seu contrato colectivo

O plenário de sindicatos metalúrgicos decidiu ontem exigir ao Ministério do Trabalho qe inicie, de facto, a conciliação do contrato colectivo (CCTV) da metalurgia», informou um dirigente sindical.

João Paulo, coordenador da Federação Sindical da Metalurgia, afirmou que o plenário de sindicatos ontem reunido em Lisboa, decidiu fazerdeslocar, diariamente, para o Ministério do Trabalho delegações deactivistas para exigir uma reunião com os seus responsáveis.

O coordenador da federação dos metalúrgicos sublinhou que o Ministério do Trabalho «tem a responsabilidade de estudar as posições das partes e apresentar, em sede de conciliação, contributos técnicos visando o acordo entre as partes». Acrescentou que o ministério ouviu, no entanto, apenas a posição patronal e pretendeu encerrar a onciliação, ants de sequer a iniciar, «lavando as mãos do conflito para evitar que os trabalhadores metalúrgicos ponham o Governo perante as suas responsabilidades».

Os sindicatos reclamam aumentos de 16,5 por cento, negociáveis, a redução do horário de trabalho e a criação de um subsídio de refeição, enquanto as associações empresariais contrapõem 12 por cento de aumento e recusam a discussão das outras duas questões. Mas a maioria dos 120 000 trabalhadores abrangidos pelo CCTV dos metalúrgicos obteve já, nas empresa, salários superiores aos agora propostos pelo patronato para o contrato colectivo.

Entreposto Industrial de Setúbal: ministro ouve e cala-se

O Ministro de Trabalho, Mira Amaral, evitou tomar posição quanto ao conflito existente no Entreposto Industrial — disse a Comissão de Trabalhadores daquela empresa.

Segundo Sertório Herrera, da C.T. do Entreposto, «foi colocada ao Ministro do Trabalho a situação da empresa, nomeadamente a pretensão da administração em realizar espedimentos».

«O ministro escutou as nossas razões e disse-nos que o Governo não vai tomar posição visto tratar-se de uma empresa privada; mas não se pronunciou concretamente sobre os despedimentos» — disse aquele representante dos trabalhadores.

A administração do Entreposto Industrial, com fábrica de metalomecânica e frio em Setúbal, pretende despedir cerca de 300 trabalhadores da metalomecânica, ficando somente com cerca 250 n sector do frio, situação a que se opõem os órgãos representativos dos trabalhadores.

Poria "em causa o Governo da Nação"

COMISSÃO DE TRABALHADORES SUSPENSA NAS OFICINAS GERAIS DO EXÉRCITO POR DISTRIBUIR UM COMUNICADO

A administração das Oficinas Gerais de Fardamentos do Exército suspendeu, anteontem, seis dos nove membros da Comissão de Trabalhadores daquele estabelecimento fabril por terem distribuído um comunicado que, segundo a nota de culpa, era «de natureza política» e punha«em causa o Governo da Nação».

O comunicado em questão, foi divulgado a 30 de Janeiro deste ano e manifestava «preocupação com o futuro daquele estabelecimento, a falta de trabalho em alguns sectores e o não escoamento de produtos», criticando, ainda, a gestão do estabelecimento e o Governo, por dar cobertura à «irresponsabilidade» da administração.

Segundo os representantes dos trabalhadores, a empresa suspendeu o cumprimento de uma encomenda feita às Oficinas para fabricar 90 mil pares de botas, com destino a Angola, e posteriormente entregue à empresa Rafael, Lda, da Benedita, que«vai lá fazer experiências, tendo ainda, na semana passada, levado matérias–primas das Oficinas Gerais».

A mesma situação se passa com o fabrico de fardamento pela Regojo a que é aposta a etiqueta das OGFE, como se lá tivessem sido produzidas. E isto passa–se, como nos disseram, «enquanto há trabalhadores parados».

As suspensões que variaram, para a mesma acusação, entre 30 e 8 dias, baseiam–se no Regime de Disciplina Militar a que o pessoal civil daqueles estabelecimentos se encontra sujeito, particularmente «o dever de sigilo quanto aos factos de que tome conhecimento» e o dever de «respeitar e agir lealmente para com os superiores».

Os trabalhadores suspensos foram, ontem, impedidos de permanecer no estabelecimento e tentaram entregar o recurso hierárquico ao administrador das Oficinas, que recusou recebê–lo enquanto não despachasse a reclamação entregue.

Os trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas que ontem organizaram uma manifestação em torno da estátua do Rossio e uma conferência de Imprensa em plena rua, criticam a aplicação do Regulamento de Disciplina Militar que, na sua opinião, «cerceia os mais elementares direitos constitucionais, nomeadamente o de expressão e organização».

Segundo foi informado, todos os trabalhadores que solicitaram a dispensa no período da tarde, ao abrigo do número de horas descontáveis ao fim do ano, foram chamados à secção de pessoal e questionados sobre «o que iam fazer à tarde».

«Envelhecemos ali em poucos dias», disse ao «DL» o trabalhador José Tavares. As pressões são diárias, chegando ao ponto da polícia especial da empresa fiscalizar e aplicar multas de três, quatro contos a quem se esqueça de usar o cartão de identificação.

A questão não é nova, nem diz apenas respeito aos trabalhadores das Oficinas, abrangendo as 11 mil pessoas a laborar nos estabelecimentos fabris das Forças Armadas e a vencer mais de cem ordenados diferentes. Não há direito à negociação contratual nem critérios de promoção. Não se pagam horas extraordinárias e é impossível a discussão de problemas.

Há meses, a convocação de um plenário no Arsenal teve como consequência a pena de 121 de castigos.«Somos tratados como militares», criticou o trabalhador do Arsenal, Jacinto Luz. «Vivemos como em ditadura militar, em nada comparável ao estatuto de outros trabalhadores da Europa».

Os trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas criticam, ainda, o Governo pela não publicação requerida há mais de quatro anos, dos Estatutos do seu sindicato, quando por princípio apenas teria 30 dias para o fazer. Esta situação já mereceu pareceres condenatórios da parte do Provedor da Justiça, da Procuradoria Geral da República e da Organização Internacional do Trabalho.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	41$55	47$55
ALEMANHA FED. (marco)	77$10	78$30
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$15
BÉLGICA (franco)	3$519	3$769
BRASIL (cruzado)	3$500	6$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	101$40	103$90
(notas de 5 a 1000)	101$90	104$40
DINAMARCA (coroa)	20$50	20$90
ESPANHA (peseta)	1$072	1$192
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$65	140$15
(notas de 5 a 1000)	137$15	140$65
FINLÂNDIA (marka)	31$65	32$25
FRANÇA (franco)	23$05	23$75
HOLANDA (florim)	68$45	69$55
IRLANDA (libra)	207$50	211$50
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$935	$990
NORUEGA (coroa)	20$75	21$25
REINO UNIDO (libra)	231$45	235$95
SUÉCIA (coroa)	22$00	22$50
SUÍÇA (franco)	94$05	95$55
VENEZUELA (bolívar)	4$50	5$50

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASTELO BRANCO

ANÚNCIO

Proc.º n.º 77/83 — 1.ª Secção

Faz-se sabe que por este 2.º Juízo e 3.ª secção, nos autos de Execução Ordinária que Consal, Empresa Transformadora de Carnes da Beira Baixa, SARL, com sede em Alcains, Castelo Branco, move contra Adelino Mesquita Rodrigues Paiva, casado, comerciante, com última residência conhecida na Rua Cidade de Castelo Branco, 11-3.º Esq.º, em Corroios, Seixal, e actualmente ausente em parte incerta, correm éditos de 30 dias contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o executado Adelino Mesquita Rodrigues Paiva, acima identificado, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, deduzir oposição à execução, pagar à exequente a quantia de — 1 060 961$50, juros e legais acréscimos, ou nomear bens à penhora sob pena de, não o fazendo, vir este direito a ser devolvido à exequente, conforme tudo melhor consta do duplicado do requerimento inicial que se acha nesta Secretaria para ser entregue ao citando logo que ele se apresente para tal fim.

Castelo Branco, 29/4/1987

O Juiz de Direito,
Joaquim Matias de Carvalho Marques Pereira

O Escrivão de Direito,
Júlio de Jesus Mendes

«DL» 21/5/87 – 1.ª Pub.

Segundo análise da UGT

Recuperação económica não trouxe melhoria ao mercado de trabalho

A recuperação económica não trouxe qualquer melhoria ao mercado de trabalho, tendo a taxa de desemprego permanecido nos 9,6 por cento, afirmou entretanto a UGT num documento sobre a situação económica em 1986 e 1987.

Esta central sindical refere que, embora a actividade económica tenha evoluído positivamente em 1986, permaneceram alguns «focos de tensão» que poderão vir a agravar-se em 1987, caso não sejam tomadas as medidas necessárias.

Entre os referidos focos de tensão, o documento aponta o agravamento do défice comercial, a tendência da redução do ritmo de crescimento das exportações e a inflexão constatada no ritmo de desaceleração da taxa de inflação em Março.

«Por outro lado, não existem perspectivas na melhoria da situação de emprego», adianta a central, referindo que o abrandamento do ritmo de crescimento da actividade económica, a ausência de medidas eficazes para a recuperação de empresas em dificuldades e de reestruturação dos sectores tradicionais «poderão contribuir para o agravamento do nível de desemprego actualmente existente, que se eleva para os 500 000 desempregados».

O documento refere que a economia mundial atravessa actualmente um período de menor crescimento, que comporta o risco de ressurgimento de tendências proteccionistas no comércio internacional e de reaceleração da taxa de inflação.

«Estes factores irão sem dúvida condicionar a evolução da economia portuguesa nos próximos tempos», acrescenta a UGT.

Neste momento, urge a implementação de medidas estruturais orientadas para a modernização da economia portuguesa, sem a qual não poderá haver um crescimento económico sustentado, nem a melhoria da situação de emprego e, por conseguinte, do nível de vida dos trabalhadores portugueses, refere também o documento.

A central sindical analisa a evolução do investimento por sectores, admitindo como correcto que o crescimento global atingiu 9,5 por cento em 1986.

No entanto, o investimento na construção civil só cresceu 3,5 por cento, «muito abaixo das expectativas geradas pelo governo», frisa a UGT.

Dentro deste contexto, e tendo em conta a evolução decepcionante do emprego em 1986, que cresceu somente 0,2 por cento contra 1 por cento previsto pelo Governo, «interpretamos com algumas reservas o crescimento do investimento que, de acordo com as estatísticas oficiais, atingiu as metas previstas pelo Governo», afirma-se no documento elaborado pela União Geral dos Trabalhadores.

Salgueiros: cara mudança

Tal com o «DL» afirmou ontem, Rodolfo Reis foi afastado do comando técnico do Salgueiros, cedendo o posto (temporariamente, pelo menos) ao «internacional» Festas. Por inteira solidariedade com Rodolfo Reis, demitiu-se o dirigente Fernando Barros, que chefiava o Departamento de Futebol do clube de Vidal Pinheiro. **«A responsabilidade desta troca de técnicos é exclusivamente do presidente Carlos Pereira de Abreu e eu desmarco-me dessa atitude»** (palavras de Fernando Abreu, que vemos na imagem ao lado de Rodolfo Reis).

Uma fonte próxima da direcção do clube de Paranhos garante que esta decisão vai custar ao Salgueiros entre 7 mil e 8 mi contos. É propósito do ex-treinador do Salgueiros, bem como dos seus adjuntos (também demitidos) não abdicar de todos os seus direitos: receber na íntegra os 15 meses que restam do contrato, assinado no princípio desta época, para só terminar no final da próxima.

Festas (ao centro) já treinando os salgueiristas

MANUEL FERNANDES MAIS "LEÃO"

O acordo por escrito está a um passo: Manuel Fernandes deve continuar no Sporting, jogando durante mais uma temporada, provavelmente adiando, «sine-die» a hipótese de concluir a carreira no Vitória de Setúbal, a que preside o seu amigo (e antigo companheiro) Fernando Oliveira.

Sporting: Candidatura

Jorge Silva (Chaves) ofereceu-se ao Sporting, mas a verba solicitada para a transferência parece ser proibitiva do negócio.

Juniores: Nacional

O Sporting venceu o Angústias (Açores) por 15-0, em jogo antecipado da 4.ª jornada da terceira e última fase do campeonato nacional de juniores, disputado ontem à tarde no Estádio José Alvalade.

Benfica: Horizonte

O defesa central Eurico (Bragança) firmou contrato com o Benfica, embora tenha anterior compromisso de transferência para a Académcia de Coimbra. Entretanto, parece firme a saída de José Luís do bloco da Luz.

Neno continua «Águia»

O guarda-redes Neno firmou contrato de continuidade com o Benfica por mais duas épocas, sendo possível que também amanhã o «internacional» Diamantino chegue a integral acordo para ficar na Luz.

Chalana: operação

Chalana volta a ser operado, desta vez à coxa esquerda, como oportunamente informámos. A intervenção cirúrgica tem lugar esta tarde, no portuense Hospital de Santa Maria, e será feita pelo dr. Espergueira Mendes.

Cassiano Gouveia: adeus, Leiria

O técnico Cassiano Gouveia afastou-se da chefia do «onze» do União de Leiria.

Guimarães: amanhã

Está em ponto morto a conversa entre os dirigentes e Marinho Peres, para a continuidade do técnico à frente do futebol vimaranense, de onde parecem sair Nené e Nivaldo, tentados por outras paragens.

Outros embates

Jogo para o torneio olímpico: Dinamarca, 5 -Grécia, 0. Para o «europeu»: Bulgária, 3-Luxemburgo, 0.

Thamata não vem

Já se calculava: Simon Thamata, o médio-esquerdo holandês, que tinha sido dado como hipótese no Vitória de Setúbal, não rumou a Portugal, mas sim à Bélgica. Depois de várias épocas no Feyenoord (1.ª divisão holandesa), Thamata voltou a ingressar no futebol belga, aos 31 anos, agora para representar o Beershot, que está classificado em 9.º lugar no campeonato da 1.ª divisão belga.

Porto: reforço de bilhetes para Viena

O FC Porto vai dispor de mais 1500 bilhetes para o jogo da final da Taça dos Clubes Campeões Europeus. O reforço foi conseguido após negociações realizadas pela direcção portista junto da UEFA, no sentido do clube proporcionar o maior número de adeptos **azuis-e-brancos** a possibilidade de estarem presentes na final europeia. Os bilhetes irão ser postos à venda nas bilheteiras dos serviços de secretaria do FC Porto, a partir de hoje.

Setúbal quer Juanico

O Vitória de Setúbal está interessado na aquisição o médio Juanico, ainda ao serviço do Rio Ave, e as negociações estão bem encaminhadas, estando o clube setubalense a aguardar o desenrolar de um processo que o jogador tem na Federação relacionado com os vila-condenses. Há mais clubes interessados no Juanico mas o Vitória parece em melhor posição para a transferência.

Do actual «plantel» do Vitória de Setúbal não foram contctados, no sentido de renovarem os seus contratos, Fernando Cruz, João Mendes, Vitinha, Mota e Jesus. No respeitante a Zezinho (que parece ter convites de clubes da 1.ª divisão), prosseguem as diligências para a renovação, pois o ex-sportinguista ao serviço dos sadinos continua a interessar à direcção do Vitória de Setúbal.

Convites para jogar

O Olivais e Moscavide promove no seu campo treinos de captação para jovens que estejam interessados em representar o clube nos escalões etários de juvenis e juniores. Os interessados devem comparecer nos próximos dias 23 e 30 do mês corrente, às 9 e 30.

Também o departamento de futebol juvenil do Atlético Clube de Portugal informa que estão abertas as inscrições para jovens dos 12 aos 15 anos de idade que desejem representar o clube. Os interessados devem comparecer no Estádio da Tapadinha (todos os dias) a partir das 19 horas.

São Paulo: Cilinho comanda

O treinador Cilinho, considerado um dos mais competentes do Brasil, assinou contrato com o São Paulo, (campeão brasileiro de futebol) que está a disputar a «Taça Libertadores da América», com as turmas chilenas Colo-Colo e Cobreloa. Cilinho (40 anos), que renunciara ao cargo há 10 meses justificando cansaço, é considerado o responsável pela formação da equipa que conquistou o título nacional brasileiro. O treinador, que substitui o técnico Carlos Serrão, vai receber um vencimento de cinco mil dólares mensais (700 mil escudos) para além de uma verba não revelada por rubrica do contrato.

Braga promove «mês do coração»

O Gabinete de Animação Desportiva da Câmara Municipal de Braga (dentro da sua realização «Mês do coração», promove, pelas 15 horas do próximo dia 23, uma conferência pelo dr. Emílio Peres (nutricionista, no anfiteatro da Casa dos Cravos (Rua de S. Marcos, Braga .

Voleibol: Suíça fora do «Europeu»

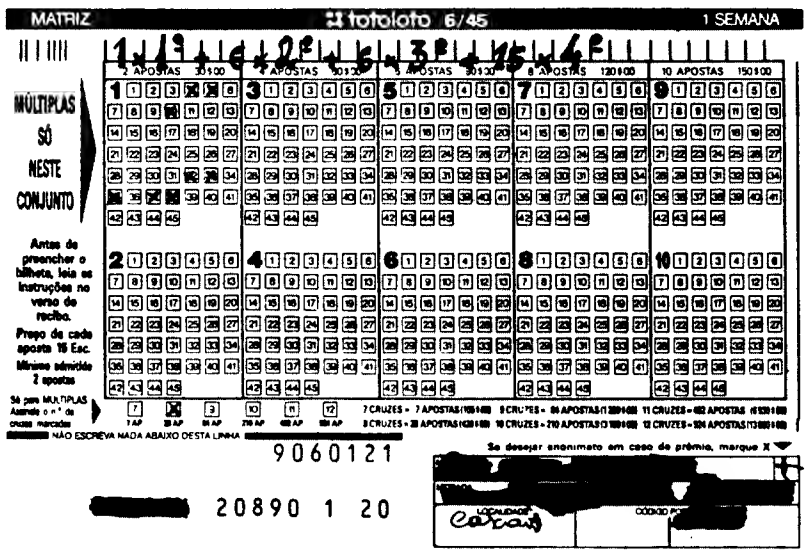
A selecção da Suíça estará ausente da fase de apuramento do campeonato da Europa de voleibol masculino/seniores, que decorrerá em Espinho, de 27 a 31 do corrente.

Segundo o presidente da Federação Portuguesa de Voleibol, Rolando Sousa, a equipa helvética alegou ter um número elevado de jogadores lesionados, factor impeditivo na sua participação nesta fase do europeu, que disputaria conjuntamente com Portugal, Itália, Suécia, RFA e Luxemburgo.

Campeonato entre freguesias

Mais de meio milhar de atletas em representação de 19 das 33 freguesias do concelho de Felgueiras participaram no campeonato de futebol amador interfregue-sias, iniciado naquela localidade. Os jogos disputam-se nos campos de Lagares, Moure, Jugueiros, Várzea, Pinheiro, Sousa, Lixa e Felgueiras.

ANÓNIMO DA LINHA DE CASCAIS ACERTA EM 7 NÚMEROS NO TOTOLOTO DESTA SEMANA
OUTRO APOSTADOR DA LINHA REPARTE O 1.º PRÉMIO TAMBÉM COM PALPITE SENSACIONAL



Matrizes dos felizes apostadores que insistem em manter o anonimato

Para ganhar o 1.º prémio do Totoloto é preciso acertar nos seis números da sorte. Um anónimo de Cascais foi um pouco além: acertou em 7! Não só nos 6 números do 1.º prémio, como também no suplementar.

O seu palpite dá-lhe direito a mais de 37 mil contos, correspondentes a um 1.º prémio, seis 2.os prémios, seis 3.os prémios e quinze 4.os prémios.

Embora encantado com o prémio ganho, não tenciona parar com o que sempre tem feito até hoje: trabalhar.

Ainda na linha, outro apostador foi também autor de um palpite fora de série. Jogando com 10 apostas, teve o prémio em 9! Uma dessas apostas correspondia ao 1.º prémio, permitindo-lhe assim ganhar mais de 32 mil contos; nos restantes encontravam-se ainda um 3.º prémio e sete 5.os prémios.

Curiosamente, os dois totalistas têm 40 anos, são casados e pais de filhos adolescentes. Mas nem todos precisam acertar tanto.

Lembre-se caro leitor que para ganhar a sua fortuna, basta que numa das apostas se encontrem os seis números de sorte.

E ainda há dezenas de outros prémios com direito a milhares de contos.

Nada mais fácil, como vê. É barato.
E dá milhões.

Râguebi: meninos jogam no "Américo Caetano Nunes"

No próximo domingo, efectua-se o 1.º «Torneio de Râguebi» dotado com o troféu Americo Caetano Nunes» e destinado exclusivamente a equipas infantis (praticantes até 12/13 anos de idade).

Promovido pelo Grupo Desportivo de Direito (com o apoio da Federação da modalidade e o patrocínio da «Central de Cervejas» e da «Iglo-Gelados Olá») a competição realiza-se entre as 9 e 30, no campo principal do Estádio Universitário de Lisboa. Depois, tem lugar um almoço oferecido a todos os participantes na sede do clube.

Foram convidados a actuar todos os emblemas da região lisboeta que praticam râguebi e mantêm actividade permanente. Já asseguraram as suas embaixadas o Dramático de Cascais, Benfica, Belenenses, Belas, São Miguel-Universidade Livre e Instituto Superior Técnico, apresentando-se o Grupo Desportivo de Direito com duas turmas.

Pensado para ser de âmbito nacional(1987) e internacional (1988), logicamente ocupando a sua realização um maior número de dias, este torneio é uma muito justa homenagem do Grupo Desportivo de Direito ao dr. Américo Caetano Nunes (recentemente falecido) que foi fundador do GDD há 36 anos, grande e dedicado impulsionador do râguebi português, seu antigo praticante, treinador e dirigente. Até pouco antes do seu desaparecimento, o dr. Américo Caetano Nunes era o treinador da formação de infantis do Grupo Desportivo de Direito, razão absoluta para o torneio deste ano ser dedicado a um jovem escalão etário que está na base crescimento do râguebi.

Recorda-se que o dr. Américo Caetano Nunes (filho de notário dr. Caetano Nunes) tinha dois irmãos igualmente praticantes do desporto da bola oval: o eng.º Armando e o capitão Eduardo. Aliás, toda a família dedicava especial atenção ao râguebi, que incrementava até através da sua bolsa particular. Nada mais bonito (portanto) que recordar o nome deCaetano Nunes.

Hoquista Sérginho deixa "leões"

Inesperado (ou talvez não): o Sporting dispensou o hóquista **Sérginho, que estava em negociações de transferência** para o Hóquei Clube de Barcelos.

Iniciados: com a bola está o benfiquista Sandro, filho de Nené

Futebol feminino

CARCAVELOS E ALVALADE PERSEGUEM UNIÃO DE COINA

Com a realização da 6.ª jornada iniciou-se a 2.ª volta da taça nacional de futebol feminino.

Foi uma jornada onde não aconteceram grandes surpresas, relativamente à Zona Sul. De facto, as três equipas ainda pretendentes ao 1.º ugar, venceram as opositoras, mantendo-se deste modo na corrida de apuramento para a fase final da prova.

O comandante da Zona Sul (União de Coina) foi à Costa de Caparica vencer o Terras da Costa por um magro mas suficente 2-0, mantendo desta forma o avanço pontual sobre os imediatos perseguidores. Por sua vez, o Académico de Alvalade alcançou preciosa vitória na deslocação ao campo do Costa do Estoril, onde ainda ninguém havia ganho sta época. Com esta vitória em Cascais por 2-0, a equipa visitante mantém-se a dois pontos do guia e acalenta ainda esperanças relativamente ao apuramento para a 2.ªe última fase da competição. Por seu lado, o Costa do estoril fica praticamente afastado desta luta pelo 1.º posto. Finalmente, no campo da Quinta Nova (Carcavelos) a equipa local bateu de forma inapelável e concludente o Tenente Valdez (por 5 blas a zero) redimindo-se do desaire sofrido na 1.ª volta. Aliás, era a única equipa lisboeta que se poderia vangloriar de ainda não ter sido vencida, esta época, pelas campeãs de Lisboa. Na realidade, nos quatro jogos anteriores entre ambas as equias, tinham-se registado três empates a uma bola e uma vitória (por 1-0) para o Tenente Valdez. É caso para dizer que, à 5.ª, foi de vez: e que, finalmente, se «matu o borrego».

Neste jogo, o Carcavelos desde cedo tomou as rédeas: instalou-se no meio-campo adversário, dominava territorialmente mas pearia na finalização. Se aos 15 minutos abriria o activo, num golo de Isabel a aproveitar uma excelente abertura de Graça. Estava feito o mais difícil. A partir daqui, o tom do jogo não se alterou e, no finaldo príodo incial, a equipa da casa aumentou a vantagem na sequência de um pontapé de canto.

No início do 2.º tempo, assistiu-se a uma natural reacção das visitantes que, no entanto, não criaram qualquer situação de perigo para a baliza local. Com duas substituições, o Carcavelos aumentou de novo a velocidade do jogo, imprimiu um ritmo muito mais rápido e acabou por aumentar o marador. De registo os 4.º e 5.º golos do Carcavelos, que resultaram de excelentes jogadas, com a bola lançada ao primeiro toque e toda a equipa da casa a movimentar-se de forma perfeita. No final, resultado justo e que se aceita perfeitamente, registando-se a forma desportiva como o Tenete Valdez encarou esta pesada derrota.

Sob arbitragem de José Carlos de Oliveira (Lisboa) auxiliado por Vítor Brás e Frederico Miguel, as equipas alinharam do seguinte modo.

CARCAVELOS — Luísa; Maria João Neves de Sousa, Graça, Cristina Lagoas (cap.), e Elsa; João Pereira (Carla,44), Beca (Ana Maria, 44), Ana Banha e Isabel; Alina e Ana Torres. Suplentes não utilizadas: Anush, Mena e Fani. Treinador: prof. Nuno Cristóvão.

TENENTE VALDEZ — Ana Cristina; Manuela, São, Lúcia e Beta; Carla, Guida, Fátima (cap.), Teresa e Olga; Susana. Técnico: Alfredo Cerqueira.

Os golos foram apontados por Isabel, Cristina Lagoas, Ana Maria, Alina e Ana Torres. A classificação da Zona Sul está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
União de Coina.	6	5	–	1	19- 5	10
Carcavelos	6	4	–	2	13- 7	8
Ac. de Alvalade.	6	4	–	2	18- 3	8
Costa do Estoril.	6	2	1	3	5- 8	5
Tenente Valdez.	6	2	–	4	4-17	4
Terras da Costa.	6	–	1	5	3-22	1

Dos jogos da próxima jornada, a realizar este fim-de-semana, há a destacar o encontro que opõe o Académico de Alvalade ao Carcavelos. O líder da zona (União de Coina) recebe, no sábado, o Costa do Estoril enquanto que o Tenente Valdez (penúltimo) recebe o Terras da Costa, condenado ao último posto na Zona Sul.

Futebol inglês: abatido técnico pago a ouro

Lwrie McMenemy, que embolsava o mais caro vencimento mensal entre todos ostrabalhadores do futebol britânico (200 mil libras por ano), acaba de ser despedido do Sunderland, quase à porta da 3.ª divisão. Recorda-se que McMenemy, que esteve 12 anos no Southampton (onde tinha como adjunto o treinador benfiquista Mortimore), apenas ficou duas épocas no Sunderland.

Gotemburgo embolsa 2.ª Taça UEFA

O IFK Gotemburgo (da Suécia) conquistou a «Taça UEFA» de futebol, ao empatar com o Dundee United a um golo, no encontro da 2ª «mão» da final, disputado em Dundee (Escócia). Ao intervalo, o Gotemburgoo vencia por 1-.

No jogo da 1.ª «mão» o Gotemburgo havia ganho por 1-0 pelo que os suecos conquistaram o troféu com o resultado final das duas «mãos» de 2-1. Trata-se da segunda «Taça UEFA» conquistada plo Gotemburgo: a primeira foi sobre o comando técnico de Eriksson.

No desafio de ontem, os golos pertenceram a Nilsson (22 minutos) e John Clark (60).

O Dundee representava o desejo dos escoceses de conquistarem uma «Taça UEFA», o único troféu ausente dos clubes do seu futebol, mas a calma e a segurança dos suecos deitou por terra a melhor das suas intenções. Para além do controlo de jogo, que sempre manifestou ao longo de todo o encontro, o Gotemburgo mostrou-se uma equipa mais equilibrada e de técnica sperior, nunca receou o adversário nem o ambiente adverso e tornou-se muito perigosa no contra-ataque.

Particularidade: o golo de Nilsson foio primeiro sofrido pelo Dundee United nesta competição europeia.

Sob a direcção de Ion Igna (Roménia) alinharam:

Dundee United: Billy Thomson; John Holt, David Narey, John Clark e Maurice Malpas; jim McInally, Billy Kirkwood, Ian Redford e Iain Ferguson; Kevin Gallacher e Paul Sturrock.

Gotemburgo: Thomas Wernersson: Mats-Olof Carlsson, Glenn Hysen, Peter Larsson e Stig Fredriksson; Ronald Nilsson, Michael Andersson, Tommy Holmgren e Tord Holmgren; Stefan Petterson e Lennart Nilsson.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 21/87 DE 24 DE MAIO DE 1987

Defesa de Espinho: X21 X1X 22X 1X11; Notícias de Felgueiras: 121 X11 X11 XX1X; Jornal de Felgueiras: 121 111 X11 X11X; O Diário: 1X1 111 211 2222; Diário de Lisboa: 1X1 111 X11 XX11; Clube da Manhã/RDP Comercial: 211 XX1 21X 12X2; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 1X1 X11 211 XXX2; Secção Desportiva/RDP Comercial: X2X 111 X11 X122; Manhã, Manhã/RDP Comercial: X21 X11 21X 21XX; Livre e Directo/RDP Antena Um: X21 111 X1X 21XX; No Estúdio e no Estádio/RDP Antena Um: X2X 111 2X1 X111; Linhas de Elvas: 211 1X1 111 1121; Jornal da Beira: X21 X11 211 X121; Folha do Domingo: 121 X11 21X 112X; Jornal do Fundão: 1X1 111 XX1 X1XX; Pista de Dança/Rádio Altitude: 221 X11 211 1XX1; Desporto Regional/Rádio Altitude: 121 111 111 1111; Snack-Bar/Rádio Altitude: 122 121 2XX 1111; A Voz do Domingo: XX1 X11 211 2111; Jornal de Sintra: 121 111 X11 X122; A Defesa: X21 X11 X11 1X2X; Maria da Fonte: 121 111 2X1 21XX; Correio do Vouga: 121 111 111 1111; Fora de Jogo/RDP Centro: 121 221 X1X X1XX; Bola ao Centro/RDP Centro: 121 XX1 21X X122; Fotogramas/RDP Centro: X21 X21 21X X1X2; Música com Elas/RDP Centro: XX1 X21 212 21X2; Programa da Manhã/RDP Centro: X21 XX1 212 2122; Boomerangue/RDP Centro: 1X1 1X1 X1X X1XX; RR/Diário do Desporto: X21 111 X11 1XX2; RR/Bola Branca: XX1 X11 2XX X1XX; RR/Desporto: 121 111 X11 111X; Tarde Desportiva/RDp Antena Um: 22X 111 211 2122; Sintonia Desportiva/RDP Centro: 1X1 2X1 X12 X12X; Canal Mais/RDP Centro: 1X1 2X1 X1X 212X; Grande Sábado/RDP Centro: 1X1 221 21X X122; Rádio Totobola: X1X X11 X2X 111X; Diário de Viseu:

121 X11 211 21X2; Notícias de Viseu: 1X1 X11 21X 2X2X; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 221 X11 212 2X22; Jornal da Lixa: 121 1X1 X11 X112; Gazeta das Caldas: 1X1 111 211 XXX1; Penalti: 121 111 211 2122; O Mensageiro: X21 1X1 X11 X12X; Correio de Coimbra: 121 X11 11X 222X; Notícias de Gouveia: 2X1 X21 1X1 1111; Notícias de Guimarães: X21 X11 2X1 2X12; Litoral: 121 111 X21 1X12; Reconquista: 121 111 X11 XX12; Jornal de Amarante: 121 111 211 1121; Voz de Lamego: 121 121 2X2 1111; Eu Sei Tudo: 1XX 21X 21X 2112; Notícias de Évora: 121 X11 11X X1XX; Cardeal Saraiva: 121 1X1 XX2 1122; Voz do Ave: X21 111 X11 11X2; Rádio SPORTS: 1X1 111 111 1122; Desporto Regional/RR: 221 111 X11 1X22; Informação Desportiva/Rádio Altitude: XX1 X1X X11 21XX; Gente Gira/Antena Um: 121 X11 211 11XX; Ecos de Cacia: X21 X11 111 211X; Diário de Coimbra: X21 1X1 X11 X1X1; Comércio de Leixões: 121 X11 21X X1XX; De Tudo Um Pouco: X21 X11 21X X222; Jornal de Gaia: 1X1 X1X X1X X1XX; Jornal da Graça: X2X 2X1 21X X1XX; Jornal de notícias: X21 1X1 XXX X1X2; O Primeiro de Janeiro: 121 111 211 2XX1; Quadrante Norte: X21 1X1 21X 11XX; Repórter do Dia: 1X1 1X1 X11 1121; Resenha Desportiva: 221 X11 211 X212; Alvo Desportivo: X21 111 111 2X11; Rádio Alvo: X2X 211 211 X1X1; Alvo: 1X1 X11 X11 1X1X; Alvo Suplemento: 222 111 X11 X1X2; A Voz dos Ridículos: 121 X11 XX1 2111; Rádio Placard: 1X1 1X1 X1X 2122; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Benfica-Sporting	42	26	9	7	4	1
2. Farense-Porto	4	21	52	1	3	8
3. Guimarães-Belenenses	68	7	2	10	1	1
4. Salgueiros-Boavista	38	32	7	6	5	1
5. Rio Ave-Académica	54	16	7	8	3	1
6. Chaves-Portimonense	73	4	0	11	1	1
7. Elvas-Braga	10	31	36	2	5	5
8. Maritímo-Varzim	63	11	3	9	2	1
9. Aves-Leixões	46	25	6	7	4	1
10. Almeirim-Feirense	25	30	22	4	5	3
11. Barreirense-Estoril	55	17	5	9	2	1
12. C. Piedade-Amadora	24	28	25	4	4	4
13. E. Lagos-Setúbal	21	27	29	3	4	5

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
121 111 211 X1X2

Joaquim Salgado brinca na "Volta ao Algarve"

A vantagem cedo amealhada por Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro) parece margem segura para o triunfo na «Volta ao Alentejo» em bicicleta. Ontem, as duas etapas nãolhe tocaram no pecúlio.

De manhã, o êxito pertenceu a António Fernandes (Sicasal/Torreense) que venceu a 2.ª etapa, disputada entre Elvas e Monsaraz, na distância de 105 quilómetros, com o tempo de 2h40m6s.

O vencedor cobriu o percurso à média de 39.350 quilómetros/ora, batendo ao «sprint» Paulo Pinto (Ajacto) que cortou a linha da meta com o mesmo tempo.

O pelotão (comandado por António Alves, do Boavista) gastou 2.40.13 horas, classificando-se nas posições imediatas Manuel Neves (Boavista), Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro) José Santiago (Boavista) e José Fernandes (Ajacto) com o mesmo tempo do terceiro classificado.

À tarde, Paulo Pinto venceu 3.ª tirada, entre Reuengos de Monsaraz e Moura, na distância de 85 quilómetros. O ciclista da Ajacto fez o tempo de 2.08.00 horas. Em 2.º lugar na etapa classificou-se Luís Domingos (Sporting)a 4 segundos do vencedor e, em 3.º, António Fernandes (Sicasal4Torreense) còm 2.10.11 horas, à frente de um numeroso pelotão.

Nest etapa, desistiram Joaquim Vieira (Salgueiros), vítima de queda que o levou ao Hospital de Évora, onde lhe foi diagnosticada factura de duas coselas e José Oliveira, do Tavira.

Classificação geral individual: 1.º, Joaquim Salgado (Garcia Joalheiros), 10.28.17; 2.º, António Araújo (Garcia Joalheiros), 10.40.07;3.º, Manuel Vilar (Boavista), 10.40.10; 4.º, Manuel Vilar (Boavista), 10.40.10; 5.º, Manuel Neves (Boavista), 10.40.12; 6.º, Jorge Corvo (Louletano), 10.40.12; 7.º, Viriato Duarte (Ajacto), 10.40.12; 8.º, Raul Matias (Tavira), 10.40.12; 9.º, Luís Cruz (Sangalhos), 10.40.23; 10.º, Paulo Pinto (Ajacto), 10.42.55.

Por equipas: Garcia Joalheiros, 32.10.21; 2.º, Boavista, 32.13.08; 3.º, Ajacto, 32.15.02; 4.º, Louletano, 32.17.44; 5.º, Tavira, 32.18.00; 6.º Olhanenses, 32.18.15; 7.º Sangalhos, 32.18.30; 8.º, Sporting, 32.20.36; 9.º, Sicasal, 32.22.48; 10.º, Salgueiros, 32.23.11.

Hoje disputa-se a etapa entre Serpa e Beja, com 166 km, com partida às 13 e 30 e chegada prevista para as 18 e 10.

Veleiros vão dar "Volta a Portugal"

Ao fim da tarde de ontem, em conferência de Imprensa, foi anunciado que 20 veleiros deverão participar na Taça Cutty Sark-I Volta a Portugal, prova a realizar entre 2 e 9 de Agosto, numa organização da Associação Naval de Lisboa, Cube de Vela Atlântico eClube Internacional de Vilamoura. A revelação foi feita pelo comandante Jacinto de Sousa (ANL), que deu esperança de poder contar com embarcaçoes espanholas do Real Clube Náutico de Vigo e de Baiona. José Guerra (Clube de Vela Atlântico), salientou o carácter social da competição, iniciativa à qual se pretende «fazer aderir o maior número possível de jovens que gostam do mar e façam vela».

A prova consta de cino regatas, dia 2 — Leixões - Nazaré; dia — Nazaré - Cascais; dia 6 — Belém - Carcavelos - Sesimbra; dia 7 — Sesimbr - Baleeira; finalmente, dia 9, Baleeira - Vilamoura. A participação é aberta às classes IOR e IOR (B), esta classe não **racer»,** visando a participação de número maior de concorrentes na grande festa da vela ao longo da costa portuguesa. Rui Neto (da entidade patrocinadora)sintetizou nestes termos o espírito da iniciativa: «Compartilhar em amizade o desafio da competição.»

Com veno moderado de norte, como é característico da épca, esta 1.ª Volta a Portugal, entre Leixões e Vilamoura, promete grande êxito.

A iniciativa está orçada em cerca de 10 mil contos e podem participar iates à vela cujo «Rating Ior» esteja compreendido entre os 16 e os 70 pés. Cativar o interesse dos jovens para a prática da vela é um dos objectivos dos responsáveis por este projecto, que deu os seus primeiros passos em 1984, com a realização de regatas para grandes veleiros, como foi o caso da Lisboa-Sail.

Fernando Martins: homenagem a próximo presidente federativo?

Às 20 e 30 de hoje, na Estufa Fria (Parque Eduardo VII), mais de meio milhar de amigos do comendador Fernando Martins (até há pouco tempo presidente do executivo benfiquista) vão homenageá-lo com um jantar, **promovido a nível nacional por um grupo de desportistas.**

Está assegurada a presença de presidentes de outras colectividades envolvidas no futebol de ala competição: Casos de Jorge Nuno Pinto da Costa (FC Porto), Valentim Loureiro (Boavista), Amado de Freitas e Emídio Pinheiro (Sporting), Mário Rosa Freire (Belenenses), Fernando Barat (Farense), Manuel João (Portimonense), Lídio Marques (Varzim), José Maria Pinho (Rio Ave) e, também, do Desportivo de Chaves, Torralta, Penafiel, Estrela da Amadora, Gil Vicente, Penafiel, Desportivo das Aves e Atlético.

Igualmente se inscreveram figuras exponenciais de diversas Associações de Futebol: Adriano Pinto (Porto), Barcínio Pinto e Malaquias de Lemos (Lisboa), além de delegados de Aveiro.

De notar a presença em força dos «dragões»: além de Jorge Nuno Pinto da Costa, vão estar na Estufa Fria, os «vices» Alexandre Magalhães, Ribeiro de Magalhães, Pôncio Monteiro, Walter Morais e José Guilherme Aguiar.

Segundo é voz comum, Fernando Martins vai ser solicitado para se candidatar à presidência da Federação de Ftebol, podendo assim representar (perante as várias Associações que desejam a destituição do elenco comandado po Silva Resende) a alternativa capaz de produzir efeito imediato, já que na homenagem desta noite estará representado (em massa) o bloco das colectividades mais influentes na marcha do utebol nacional.

Uma nota: por considerar que se trata de «pura manobra eleitoralista», a actual direcção do Spot Lisboa e Benfica recusou os convites para se associar à homenagem a Fernando Martns.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	9	8	0,0	M. Nub
V. Castelo	11	11	0,0	M. nub.
Vila Real	12	12	0,0	M. nub.
Porto	18	15	0,0	Limpo
Coimbra	17	17	0,0	M. nub.
C. Carvoeiro	16	16	0,0	M. nub.
C. Branco				-
Portalegre	20	19	0,0	M. nub.
Lisboa	18	18	0,0	M. nub.
Evora	17	16	0,0	M. nub.
Beja	14	13	0,0	P. nub.
Faro	15	15	0,0	P. nub.
Sagres	13	14	0,0	P. nub.
P. Delgada	15	14	0,0	M. nub.
Funchal	17	16	0,0	M. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 29, Porto 27, Faro 25, Ponta Delgada 20, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	7	6	M. nub
Londres	10	6	Pouco nub.
Paris	8	4	Encoberto
Bruxelas	7	5	Chuva
Amesterd.	8	7	Aguaceiros
Genebra	6	1	Muito nub.
Roma	14	13	Neblina
Oslo	9	8	Limpo
Copenhaga ...	7	6	Aguaceiros
Estocolmo	5	4	Neblina
Berlim	6	6	Chuva
Viena	8	6	Encoberto
Varsovia	9	8	Chuva
Atenas	20	16	Muito nub.
Moscovo	18	12	Aguaceiros

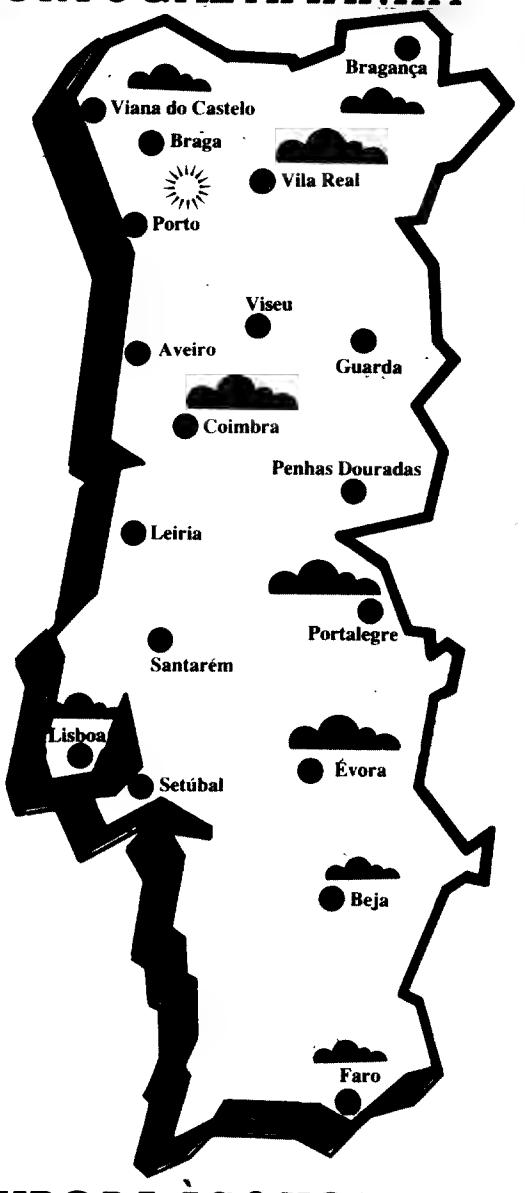
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

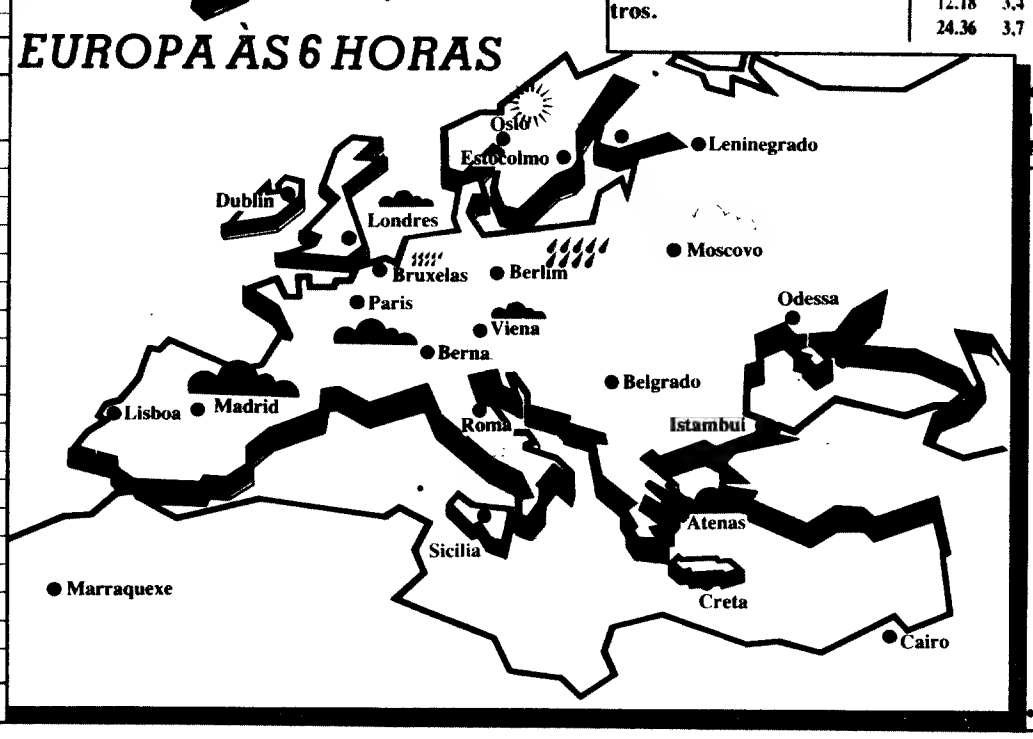
	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	-	-	-
Joanesburgo ...	8	24	Limpo
Los Angeles	16	19	Nublado
Montreal	5	17	Limpo
Nova Deli	26	42	Limpo
Nova Iorque ...	11	13	Nublado
R. de Janeiro ..	-	-	-
S. Francisco ...	11	17	Nublado
Sao Paulo	-	-	-
Tóquio	17	26	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco ou moderado de nordeste.

Estado do mar:
Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros.**

Costa Sul: **Mar de pequena vaga. Ondulação de sueste de dois metros.**

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento de sueste moderado no grupo ocidental e central e bonançoso de leste no grupo oriental. Aguaceiros fracos.

Estado do Mar: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de norte de dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste.

Estado do mar: **Ondulação de norte de um a dois metros na costa norte e inferior a um metro na costa sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de nordeste.

DEPOIS

Céu pouco nublado. Vento geralmente fraco. Neblina matinal no litoral oeste.

MARES

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
11.13	3,3 m	4,45	1,4 m
23.33	3,6 m	17.07	1,6 m

Amanhã

12.18	3,4 m	5.52	1,3 m
24.36	3,7 m	18.11	1,5 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• *Informação da agência Lusa*

"Xailes Negros" representa RTP no Festival "Teleconfronto"

A RTP participará no concurso do festival «Teleconfronto» — que decorrerá nas termas de Chianciano (Itália) de 22 a 31 de Maio — com a série «Xailes Negros», produzida pelo Centro de Produção dos Açores.

No concurso participarão outros trinta telefilmes de televisões de diversos países europeus, seleccionados com a colaboração de críticos de Televisão dos maiores jornais do continente.

O júri do festival será constituído pelo representante da RAI (Radiotlevisão Italiana), Sergio Zavoli, pelo director-geral dos programas da Televisão de estado japonesa NHK, Yochiri Iamanish, pela estudiosa de Comunicação Social Michele Matterlat, pelo crítico italiano Morando Morandini e pelo vice-presidente da Televisão Húngara, Miklos Szinetar.

Na edição deste ano de «Teleconfronto» será dedicado um amplo espaço ao Japão.

No dia 27 de Maio terá lugar o «Japan Day», ao longo do qual serão apresentados uma antologia da programação-tipo de um dia na televisão de Tóquio, várias «Samurai-Stories» para crianças, o documentário «Regresso à Glória», que mostra algumas fases dos restauros da capela Sistina, no Vaticano, e a série de desenhos animados «A Bíblia», uma co-produção do canal NTV, do Japão, e do primeiro canal da RAI.

O festival inclui também uma exposição de vídeos e documentários de temática social, com uma retrospectiva de vídeos cubanos, de vídeos realizados por membros da oposição chilena, vídeos realizados para sindicatos de São Paulo, no Brasil, e pelos «verdes» da RFA.

Vem aí a Feira do Livro

A EDIÇÃO PORTUGUESA EM 1986

Em 1986 lançaram regularmente livros no mercado 279 editores — mais 50 do que em 1985 — mas o número de livrarias diminuiu no mesmo período de 488 para 381 — revelou o Instituto Português do Livro e da Leitura.

Estes e outros números, apurados pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, constam de um folheto a divulgar pelo Instituto urante a Feira do Livro de Lisboa, que será inaugurada sexta-eira.

De acordo com a informação, em Lisboa e no Porto apareceram, em 1986, respectivamente mais 1 e mais 8 editores a disputarem o mercado: Lisboa tema-gora 139 e o Porto 26. No resto do País, o salto quantitativo foi de 85 para 114 editores.

Dos prelos das 279 editoras com produção regular saíram, em 1986, 2702 títulos, mais 93 do que em 1985.

Dessas 279 editoras, apenas duas lançaram no mercado mais de 150 títulos cada, 323 no total.

Com 133 títulos aparece uma editora, 12 outras publicaram entre 50 e 99 títulos (total do ano, 881),5 entre 30 e 49 (total, 163) e, perto do fim da tabela, 55 entre dois a quatro (total, 159).

Outros dados: 63 editoras deram à estampa em 1986 um só título cada, e aumentou de 36 para 58 o número dos que editaram por conta própria, aumentando paralelamente de 41 para 81 o total de «edições de autor».

1049 dos 2702 títulos publicados em 1986 pertencem à área da Literatura, incluídos autores portugueses e estrangeiros (993 em 1985).

A seguir à Literatura marcaram lugar no fluxo editorial os livros infantis ejuvenis (296), as Ciências Sociais e Humanas (264), a História-Geografia-Biograias (197) e as Ciências Aplicadas (189).

No final da lista aparecem as Ciências Ocultas, com 22 títulos.

Desta produção editorial relativa a 1986, 1564 livros foram publicados em língua portuguesa (mais 74 do que em 1985).

Também em 1986, o segundo idioma mais «editado» foi o inglês (446 títulos). A seguir, o francês (326), o italiano (74), o alemão (59). Rlativamente a 1985, todos estes idiomas tiveram em 1986 maior representação editorial.

Com 63 títulos há dois anos, o castelhano teve em 1986 menor saída editorial (46).

Sem qualquer edição em 1985, o finlandês, holandês, húngaro, hindu e árabe apareceram, em livro, em 1986 (um título cada).

Na Feira do Livro de Lisboa, aberta de 22 de Maio a 10 de Junho no Parque Eduardo VII, participam com pavilhão próprio 88 editores (mais dois do que em 1986) e 90 estarão representados, sem pavilhão próprio (mais 10 do que em 1986).

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

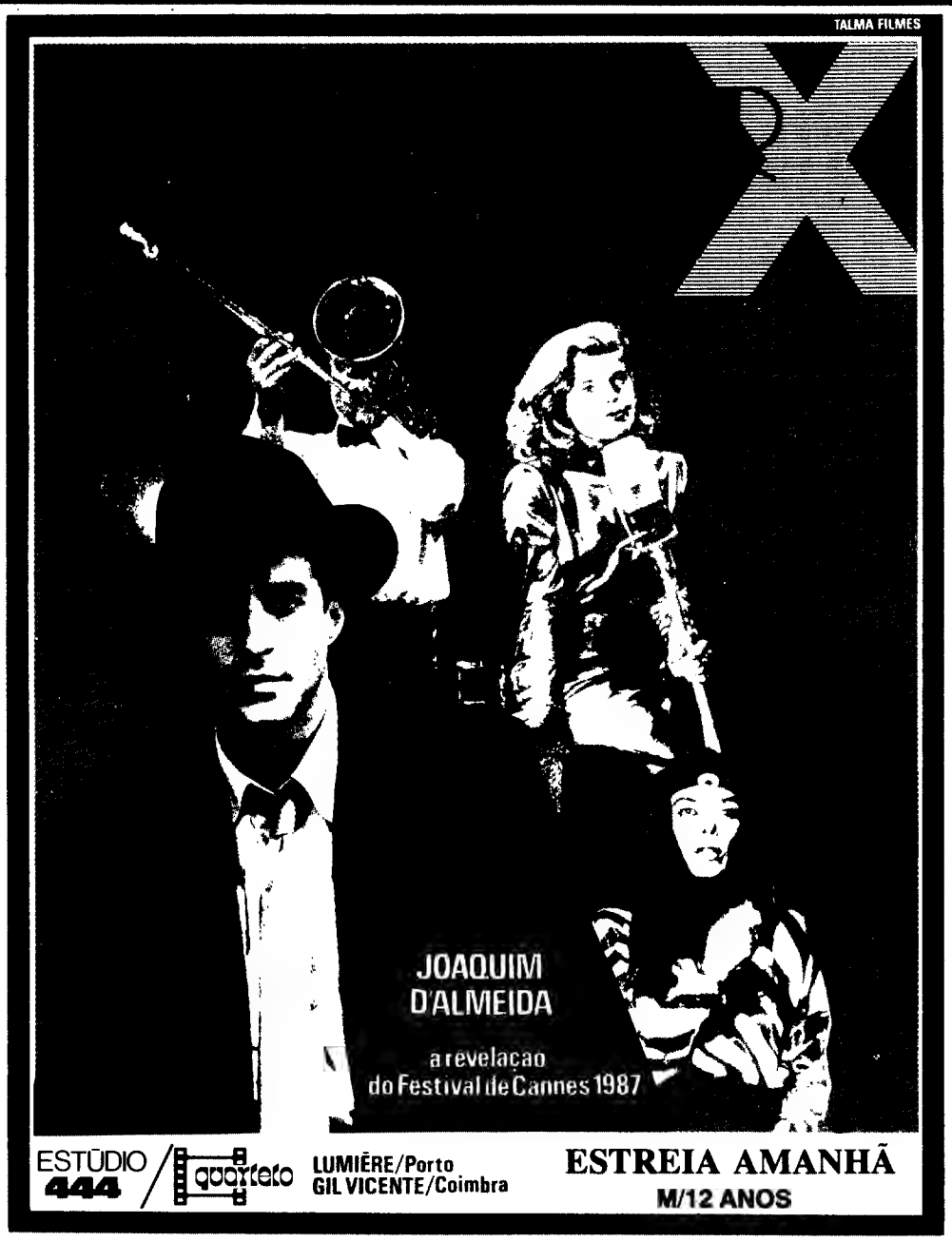
TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Um dos melhores espectáculos do teatro português recente»
Carlos Porto — «D. Lisboa»
«... Um espectáculo de primeira qualidade»
Jorge Listopad — «J. L.»
«...O espectáculo de Carlos Fernando ostenta esta qualidade maior: A evidenciação dos magníficos poéticos de Tennessee Williams»
Eugénia Vasques — «O Expresso»
«..Um dos espectáculos mais belos e fascinantes em exibição em Lisboa»
Tito Lívio — «A Capital».
«...Uma criação artística de elevada qualidade que seria imperdoável não ver»
Maria Helena Serôdio — «O Diário»

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

TALMA FILMES



ESTÚDIO 444 / quarteto
LUMIÈRE/Porto
GIL VICENTE/Coimbra
ESTREIA AMANHÃ
M/12 ANOS

TEATRO ABC
Lisboa, Tejo e Tudo Nova Versão
A Revista mais premiada do Ano

COMPANHIA Tel 2752175
TEATRO DE ALMADA

ADELAIDE JOÃO em
O fim da ENFERMEIRA João
de FRANK MARCUS Enc ARTUR RAMOS
Sub. SEC/CMA
sex. e sab. ás 21.30
dom. ás 16
só até 31 de Maio

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Adriano Augusto Morais, Meretíssimo Juiz do 6.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 2.ª Secção deste Juízo, correm uns autos de Contrato Individual de trabalho com o n.º 6/78, CIT, em que é Autor Joaquim da Conceição Pereira do Vale e em que é Ré Telhado & Pereira, Lda., cuja última morada conhecida foi na Av. Infante Santo n.º 55-2.º Esq.º em Lisboa, notificando-a de que foi designado o dia 20 de Outubro de 1987 pelas 9,15 horas, para a realização da audiência de Discussão e Julgamento, devendo fazer-se representar legalmente e apresentar as suas testemunhas nos termos legais

Para constar se lavrou o presente anúncio e outro de igual teor a fim de serem publicados, em dois números seguidos num dos Jornais mais vendidos na área deste Tribunal.

Lisboa, 13 de Maio de 1987

O Juiz de Direito
Ilegível
O Escrivão-Adjunto
Ilegível

«D.L.» 21/5/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

– O Dr. Manuel Joaquim Osório, Juiz de Direito do Terceiro Juízo da Segunda Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

– Faz saber que pela Segunda Secção de Processos do Terceiro Juízo, correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum sob a forma Sumária, registados com o n.º 174/86-C, que o Autor António Miguel Ferreira Mota, residente na Rua D. Manuel I – Vivenda Silva – Serra da Luz, Odivelas, move contra a Ré Sotrix-Construções e Comércio de Alumínios, Ld.ª, que teve a sua última sede conhecida na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 117-3.º, em Lisboa, é a Ré citada para no prazo de Oito Dias, finda que seja a dilação de Trinta Dias, contestar, querendo, a acção que o Autor lhe move, sob pena de ser condenada imediatamente no pedido formulado pelo Autor conforme discriminação constante da petição inicial a qual se encontra a fls. dois dos autos, cujo duplicado da mesma pode ser solicitado na Secção de Processos dentro das horas normais do funcionamento do Tribunal, pelo representante da Ré citanda.

Notifica-se ainda a citanda de que no mesmo prazo, querendo, pode deduzir oposição ao pedido de assistência judiciaria formulado pelo Autor

Lisboa, 87/5/15

O Juiz de Direito
Dr. Manuel Joaquim Osório

"D.L." 21/5/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MARINHA GRANDE

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que, pela terceira secção deste Tribunal Judicial da Marinha Grande, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado FERNANDO BERNARDES, com residência profissional na Av. do Vidreiro, n.º 72, 1.º esquerdo, Marinha Grande, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária n.º 141/83, movida por Mário Ramalho, Lda., com sede em Coimbra, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Marinha Grande, 14 de Maio de 1987

O Juiz de Direito
Leonel Gentil Marado Serôdio

O Escrivão de Direito
Amílcar do Nascimento Costa

«D.L.» 21/5/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ANADIA

2.º Juízo — 1.ª Secção

O M.º Juiz de Direito do 2.º Juízo da Comarca de Anadia:

Faz saber que, pela 1.ª Secção, à porta do Tribunal, no dia 26 de Junho, pelas 14 horas, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, um torno mecânico Cegonheira n.º 683, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos de execução sumária n.º 201/82 que Vítor Augusto Ferreira da Costa move contra Inário & Batista, Lda. com sede em Cértoma – Mealhada.

O bem a pracear encontra-se em poder do depositário ADELINO FERREIRA INÁCIO, legal representante da executada, que é obrigado a mostrá-lo a quem o prentenda examinar, nos termos do Art.º 891.º do C. P.C.

Anadia, 12/5/87
O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto
(Assinatura ilegível)

«DL» 21/5/87 — 2.ª Pub.

CML

uma cidade limpa
é uma cidade viva

CRÓNICA DE TOUROS

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Soliloquio

19 de Abril, domingo

Praça de Touros de Vila Franca. Novilhos de Simão Malta para Manolo Campuzano, José Alameda, Abel Oliva, João Sanchez, Juan Posada e João Carlos

Domingo de Páscoa. De Badajoz até Vila Franca, pra assistir hoje à novilhada anual organizada pela revista «Novo Burladero», promessas de toureiros disputando aorelha e ouro. Promessa também da tarde, luminosa,de fazer parar o carro à beira da estrada passear entre as flores pequeninas, nascidas com a beleza espontânea do acaso, sem outro jardineiro a não ser a Primavera.

Tarde luminosa, só por duas penas ensombrada: não ter chegado a Vila Franca com tempo para a visita prévia à loja do senhor Júlio Goes, o consolo de o ver abrir um sorriso amigo, dois dedos e conversa, depois ircom el até à praça, quando já a banda do Ateneumarcha para a Palha Blanco, a segunda pena foi essa, da música e dos fardamentos brancos que hoje faltaram, era outra a charanga, sem nome nem farda nem estandarte nem «pasodoble» na arena antes de começar o cortejo.

Tarde uma beleza, de pedir festa, e afinal pouca gente nas bilheteiras: quando cheguei à porta do Sol, à vista só havia um bandarilheiro vestido de luzes, com uma pequea pelo braço, só ela ia entrar por ali, ele era apenas a gazua, diálogo houve com o porteiro, pelos vistos conhecido: — Deixa-me entrar aqui a minha namorada? — Vá lá, passe. — Que Deus o abençoe.

Quando as quadrilhas se assomaram ao portão dito dos cavaleiros que esta tarde não houve, já passava da hora marcada. Pontualidade nunca foi capricho da Palha Blanco, aí Vila Franca não e Sevilha portuguesa coisa nenhuma, assunto aliás de conversa entre dois espectadores. Diz o que sabe: — Em Espanha é que é, quando chega a hora, na última badalada abre-se a porta dos toureiros e fecha a do público, não entra mais ninguém. — E então se houver bicha? — pergunta o que não sabe. — Em Espanha nunca há bichas, vai tudo uma hora antes para a praça, quando falta aí meia hora a praça **está cheia. — Então e quem** chegar com o bilhete já não **entra — admira-se o duvidoso.** — Não senhor, não entra. **Está cheia, está cheia.** Apeteceu-me intervir, dizer que não é bem assim; mas era feio, deixar mal visto o conhecedor.

Entrando em matéria: eu disse que nesta tarde senti duas penas? Pois ponham lá mais uma, já me esquecia da pena de ver os novilhos de Simão Malta, presença mais do que aceitável e jogo vário, a sairem doscurros sem as hastes limpas, como devia ser e o regulamento permite, não aceito justificações, histórias para camelos, ovilhadas sem picadores não legitimam em Espanha o arranjo descarado das hastes, nem sequer em aldeias onde insuficiência de enfermaria e lonjura de hospital são maiores do que em Vila Franca, essa não pega.

«Olvidado» o grave senão, atiradas para trás das costas as velhas exigências de pureza, o festejo resultou interessante. Cartaz com três espanhóis e três portuguees. Os espanhóis, de apelido conhecido. Manolo Campuzano, irmão de dois matadores feitos, José António e Tomás: não lhe vi toque pessoal, nos passes alguns templados e outros para a galeria, tão jovem ejá sabe dar voltas à arena por sua conta. Abel Oliva, irmão de Emílio, que ontem vimos em Barcarrota, filhos s dois de outro Emílio, valente como as casas, que nos anos sessenta pôs toda a gete a saber que existe chiclana, à medida que os touros lhe coziam o corpo de cornadas: excelentes foram as verónicas de Abel, só não pôde foi recolher os frutos do brinde à praça, o novilho era da raça do «si no te quites tu, te quita el toro». E o António Posada, herdeiro do outrora matador e hoje crítico taurino, não repetiu aqueles lances de capote que Juan Posada, seu pai, com uma plástica portentosa, bordou em Madrid, por sinal na tarde em ue António dos Santos se apresentou na catedral. Houve beleza nos passes por baixo a abrir a faena, o resto foram bon desejos.

Dos três portugueses, tivemos alguns apontamentos de valor e maneiras do João Sanchez, de Lajosa da Serra, houve uns passes pela direita a reclamarem oportunidade para o vermos outra vez; e a nota sentimental do Roberto Sacramento, anunciado nos cartazes como João Carlos, não foi decerto para ocultar a paternidade, visto que convidou o pai para bandarilhar com ele; e mesmo que não fosse esse gesto público e notório, o bandarilheiro Sacramento, pai-coruja, se encarregaria de o mostrar, exuberante nos conselhos ao rapaz, apanhando-lhe do chão as bandarilhas, cortando-lhe a faena para mudar o novilho de terreno, animando-o para volta à arena, repetida por sua conta e risco, risco aliás inexistente, dado que já recolhera o novilho, e outro não estava para sair, era o último. Se a orelha de prata em disputa fosse para premiar a brega mas paternal, teria sido ela direitinha para o bandarilheiro Sacramento; como não era o caso, dividiu-a o júri entre o António Badajoz, pela eficácia e sabor do seu capote, e o Francisco Plirú, que cravou dois pares magníficos. Já a orelha de ouro não teve repartição possível, tinha de ser para o José Alameda. Repousado a tourear à verónica, foi com a muleta que o rapaz mostrou ter asas para voar alto, para não ser toureiro de rua ou de travessa, mas de alameda mesmo, e alameda larga, com árvores de copa grande e passeios floridos; aquela forma de ligar e rematar os passes, principalmente a maneira de estar diante do novilho, como quem pode e quer... Oxalá os irmãos Badajoz, seus mestres, encontrem depressa, antes que se faça tarde, alguém que por Espanha o saiba acolher e levar, para que Alameda possa chegar ao destino que promete, desembocar vestido de ouro numa praça grande, cheia dessa gritaria de cor e de vozes, alegria reinando sobre a tragédia.

21 de Abril, Terça-feira

Luís Reina, o espada de Almendralejo, está a recuperar do acidente de automóvel que sofreu há dias, numa estrada do Alentejo, quando ia participar numa tenta na ganderia de António José Teixeira. De qualquer forma, tardará uma semanas até poder tourear. E a gente pensa, o inconsciente, mesmo sabendo que é pesado: ainda bem. Porque pode ser que entretanto, assustado pela ideia de que o deastre possa ter sido aviso da Providência, ou castigo do céu, o Luís Reina se arrependa daquele projecto, maquiavélico, de se apresentar na arena ostentando publicidade no rajo de luzes, não sei se estão a imaginar, a estética das verónicas e naturais misturada com anúncios, marca de cerveja, de pasta de dentes, de roupa íntima, de óleo de fritura, de loção para o mau cheiro dos pés, não há pachorra nem «aficion» que resista.

23 de Abril, Quinta-feira

Mário Matos e Lemos, que os anos vividos em Espanha não fizeram aficionado, manda-me da Guiné uma encomenda. Bicho embalsamado? Artesanato coral? Não, senhor: um envelopecom vários daqueles suplementos taurinos que o «Diario 16» publica às terças-feiras. De Madrid a Lisboa, passando por Bissau. Voltas que o mundo dá, e as lembranças amigas também. Fico assim a saber a razão pela qual Rafael de Paula não está na feira de Sevilha, que por sinal começa hoje. O genial toureiro cigano ompeu com Don Diodoro, o empresário da Maestranza, que ia ser nesta temporada seu apoderado. Afirma Rafael que o enganaram, que lhe ofereceram uma coisa e depois lhe queriam dar outra; e ele não quis pactuar com a mentira, não aceitou essa trágica necessidade de transigir paraexistir, ficou de fora. E agora, o cigano sente-se deprimido, não lhe dá vergonha dizer que até chorou, de pena e de raiva. Sinal de que não se considera acabado; apesar das mazelas do seu corpo, das quebras do seu ânimo, da falta que lhe hão-de fazer os contratos perdidos, que o deixaram pendurado em Jerez, sabe-se lá quanto tempo, à mercê da decisão dos empresafios poderosos. Razão tinha Andreotti, quando dissecerta vez: «O poder desgasta, sobretudo aquele que o não tem.»

RODAPÉ

Vídeo Gratias

José Duarte

«Sarah Vaughan sings Pope John Paul II« (disco gravado pelo processo digital em 30/6/1984)

O circuito deve ser cumprido periodicamente como acontece com as quintas-feiras, por exemplo, todas as semanas.

Uma montra mostra e deve ser compensada, mesmo que o olha pouse ao sabor dos passos, a imitar o» trevelingue».

Quer se trate de câmeras ou electrodomésticos a informação a recolher deve estar só nas linhas do formato e cor dos utensílios. Vem a seguir a reunião dos chocolates e a pergunta a quem atende deve ser sempre a mesma, apesar de sabida a resposta negativa.

«Com whisky ou calvados ou 'courvoisier não temos' e sai-se da frente da cara de quem estranha álcool escondido no doce.

Jornas e revistas estrngeias devem se sempre bem miradas, reparando que os «cahiers» custam mais de mil, que a Charlotte Rampling não vem em qualquer capa.

Já o clube de vídeo dá imenso prazer porque a menin só sabe os nomes dos filmes em português, desconhece a existência e realizadoes, é presumida e agressiva e recomenda a uma mãe embaraçada aquele filme das motos que as crianças vão gostar muito porque tem muita acção e aventuras e passa-lhe para a mão um Mad Max. Vi Deo Gratias.

Entrar na livraria é compensador por várias razões: nunca lá está nenhum dos leitores ofiiais deste país, a secção de música é hilariantemente ridícula e cada vez há mais postais da ossa terra.

É para isto que serve um centro comercial.

Redondo e estrondoso engano.

Pode acontecer que um olhar desprevenido e não rotineiro descubra na montra dos livros um exemplar de presença inexplicável. Foi o caso. Na versão capa mole lá estava ele com ar de mais como é que eu vim aqui parar. Edição da Oxford University Press de 1986 é uma recolha de textos de Gary Giddins publicados entre Março de 78 e Julho de 86 em publicações norte-americanas como «The Atlantic», «Village Voice», «Vanity Fair» e Stereo Revivew».

O livrinho chama-se «Rhythm-a-ning» (talvez um gerúndio que Monk inventou para intitular um dos seus temas) ou «Jazz Tradition and Innovation in the 80's».

Giddins é da nova geração dos opinantes sobre jazz nos USA, profundo conhecedor e assídua testemunha da cena da Costa Leste.

A colectânea abrange uma grande variedade de assuntos e estilos, provando que o jazz não é só um mas vários que coabitam e pouco se ralam com a vizinhança.

Sabe bem ler música ao som de texto.

*

O número de Abril/Maio da revista canadiana «Coda», uma das melhores publicações regulares sobre jazz (existe desde 1958), traz assuntos de notável interesse: uma peça sobre «Queen's Suite» escrita por Duke Ellington e Billy Strayhorn, executada em estúdio em 1959 e oferecida a Isabel II; um estudo sobre a marca de discos «Swing» que nasceu da actividade do Hot Clube de França e cuja produção era da responsabilidade de Panassié e Delaunay, lendárias personagens da pré-história do jaz na Europa; uma preciosa entrevista com Art Hodes, velho pianista de Chicago e outra com Andrew Hil, mesmo instrumento, concepções bem diferentes, enfim, leitura proveitosa. Agora não me sai é da memória a entrevista que no número anterior foi publicada com Charlie Haden, um contrabaixista que é conhecido em grande e boa parte pela carga política com que titula a música e pelo histórico acontecimento de que foi catalisador no Cascais de 71, o primeiro. AO RELATAR O QUE ACONTECEU Haden peca por excessiva omissão não mencionando como, onde e de quem partiu a ideia, esquecendo-se ainda de informar como opúblico recebeu a saudação aos movimentos de libertação das ex-colónias, até como foi treinado na correcta pronúncia das palavras, Moçambique, Angola e Guiné.

Resta a gravação do som porque a da imagem, que a RTP nunca mostrou, já deve ter sido inutilizada por mão pressurosa.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

CUJO – O NOVO SÍMBOLO DO TERROR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O MASSACRE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Auditório 1

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Auditório 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 3

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24 h

Auditório 4

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 5

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Auditório 6

CUJO – O NOVO SÍMBOLO DO TERROR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24 h

Apolo 70

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.00 16.00, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

OS DUROS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163

DESEJO E VOLÚPIA
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Capitólio
— T. 372358

O GRITO DO SEXO
(int. men. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.000 e 23.00

Castil
T. 530194

AS VIOLETAS SÃO AZUIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

SEXO EM GRUPO
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

O MONGE DE SHAOLIN
(Int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(Int. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FUGA DO INFERNO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Estrela

BANDO DA MÃO
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Ideal

A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

FÚRIA SELVAGEM
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

AS CHAVES DO PODER
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

LILIANNA — UM AMOR DIFERENTE
(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

ALARME MORTAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

O MASSACRE
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A MISSÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Forum Picoas
— T. 541037

O MEU TIO
(maiores 6 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

TOUGH GUYS — OS DUROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

OS MERCENÁRIOS DA AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres
— T. 801313

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

CUJO – O NOVO SÍMBOLO DO TERROR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

AS VIOLETAS SÃO AZUIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

VAMOS MATAR... COMPANHEIROS
(n/acons. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

ESQUECIDA E GOSTOSA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Politeama
T. 326305

OS MERCENÁRIOS DA AVENTURA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

O MEU CASO
(de Manoel de Oliveira)
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
OPERAÇÃO THOR
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O MATADOR
(int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
A FELINA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

O LOCAL DO CRIME
(maiores 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O AGENTE SECRETO 007
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

FÚRIA SELVAGEM
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

BORRACHOS QUENTES EM NEVE FRIA
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

SALVADOR
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30, 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

DUMA VEZ POR TODAS
(maiores 6 anos)
15.00,18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

A MULHER DO PATRÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

TOUGH GUYS — OS DUROS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

ANATOMIA DE UMA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368480

ALARME MORTAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Perigosamente Juntos», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Fogo Contra Fogo», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Missão», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Sem Perdão», às 21.30 h (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Ran», às 21.30 h (m. 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Implacáveis Destruidores», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Massacre», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Era Uma Vez na América», às 15 e 21 h (maiores 16 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Aliens – O Recontro Final», 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Jackie Chan, os Punhos de Hong-Kong», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Therése», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Cor do Dinheiro» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Mona Lisa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Hair», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «O Bando da Mão», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «O Primeiro Ano do Resto das Nossas Vidas», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —«O Guarda», às 21.30 h (maiores 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Lutador», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Nova Iorque Fora de Horas», às 16.15 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Poltergeist – O Outro Lado», às 15 e 21.15 (maiores 16 anos)

HOJE PODE VER

MUHAI TANG E GAVRILOV NA GULBENKIAN

Hoje e amanhã, respectivamente às 21,30 e 18,30, vão realizar-se, no Grande Auditório da Gulbenkian, dois novos concertos.

A Orquestra desta Fundação será dirigida pelo maestro chinês Muhai Tang e actuará como solista o grande pianista russo Andrei Gavrilov, que interpretarão obras de Tchaikovsky e de Dvorák.

O maestro Muhai Tang nasceu em Xangai e iniciou os seus estudos de piano aos seis anos de idade. Estreou-se como concertista em 1968. De 1973 a 1977 estudou composição de orquestra na Escola Superior de Música de Xangai e, terminados os estudos, foi convidado para ensinar nesse mesmo estabelecimento, período frutuoso no decorrer do qual produziu muitas das suas composições para orquestra, coro, solistas vocais e instrumentistas, contribuindo ainda com algumas partituras para a indústria cinematográfica chinesa.

Aprofundou depois os seus conhecimentos na Escola Superior de Música de Munique, onde trabalhou em direcção de orquestra com grandes professores alemães. Nesse período deu inúmeros concertos e teve oportunidade de tocar com várias orquestras, como a da Baviera e a de Berlim. Em 1983 recebeu o mestrado da Escola Superior de Música de Berlim e desde Setembro do mesmo ano que é principal maestro convidado da Orquestra Filarmónica de Pequim, dirigindo regularmente a Orquestra Filarmónica de Xangai. Trabalhou com Herbert Von Karajan, foi assistente de Leonard Bernstein e dirigiu a Orquestra Sinfónica de Berna. A seguir, uma série de digressões pelos Estados Unidos, Alemanha, Espanha e Japão. Estrou-se nos EUA com a Orquestra Sinfónica de Boston e em 84 estrou-se em Londres num concerto em que foi solista Yehudi Menuhin.

O maestro chinês Muhai Tang

«Ourivesaria Textil»: um trabalho de Maria José Oliveira

EXPOSIÇÕES

ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37 - ao Bairro Alto): Ourivesaria Textil de Maria José Oliveira, patente todos os dias das 15 às 20.

GALERIA DE ARTE ESTÚDIO CIDADE (R. do Bocage, 59-1º): Pintura de Ricardo Paula até 18 de Junho.

GALERIA DE ARTE BERTRAND DO CHIADO: exposição de Vieira da Silva e Arpad Szenes.

GALERIA OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): exposição colectiva com esculturas de Álvaro Carneiro e Paulo Neves, desenhos e instalações de António Viana, pintura de António Marques e joias de Amália Rosa, até 24 de Maio das 16 às 20 (excepto segundas-feiras).

BERTRAND DO CHIADO: Pintura de Manolo Ruibal.

RITZ CLUBE (R. da Glória, 57): desenhos e esculturas de Rui F. Pimentel.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): exposição com trabalhos de Z. Risques Pereira.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): Pintura de Dominguez Alvarez.

GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poais, 111): até 31 de Maio, Tadeusz Myslowski .põe pintura, escultura e desenho.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): «Lisboa por Dorita», uma exposição de desenhos de Dorita Castel Branco até 24 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e no domingo 24 das 15 às 20.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): Corceiro expõe até 23 de Maio, das 9 às 13 e das 15 às 19, «Percursos Gestuais II».

GALERIA DAS ESCADINHAS DO ARCO DONA ROSA, 7 em ALFAMA (entrada pelo Páteo dos Remédios): pintura de Inácio Matsinhe até 30 de Maio, todos os dias excepto segundas-feiras das 10 às 21.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Manuela Cardoso até 30 de Maio, das 12 às 24.

GALERIA DO PÁTEO ALFACINHA: pintura de Kira até 28 de Maio, das 15 às 22.

MUSEU DE ARTE ANTIGA: «O Livro e a Arte», exposição promovida pela Embaixada da França em Lisboa.

SNBA (Galeria de Arte Moderna, R. Barata Salgueiro): Pintura de Helena Subtil até 24 de Maio.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de Maria Antónia Santos,com o título «Um Olhar a Sul» até 31 de Maio.

CONSTANCIA: com organização da Câmara Municipal, uma exposição de José Coelho (Pintura e Escultura) até 10 de Junho, patente aos sábados, domingos e feriados.

GALERIA OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): trabalhos de Álvaro Carneiro (escultura), Amália Rosa (joalharia), António Marques (pintura), António Viana (desenho) e Paulo Neves (escultura). Até 23 de Maio, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, domingos e segundas das 15 às 20.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): Pintura de Fortes até 23 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 85): exposição de Pintura de Jorge Marcel até 4 de Junho, nos dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 19.

ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 2): até 28 de Maio, trabalhos de Stuart Carvalhais, de segunda a sexta das 10 às 20.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): pintura de Manuel Lameira Até 31 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20.

VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): fotografia de Sena da Silva.

GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): desenhos de Isabel Barreno.

LIGA PORTUGUESA DOS DEFICIENTES MOTORES (R. do Sítio do Casalinho da Ajuda): com o título «Seis Dias», uma exposição com trabalhos dos pintores Victor dos Reis, Alcino Bernardino, Niza, Manuel Gantes e dos escultores Branco e Rui Chafes. Unir na diferença, na arte e na vida, é este o propósito da LPDM ao inaugurar uma exposição e um espaço. Até 28 de Maio, dias úteis das 10 às 18.

CENTRAL TEJO (Av. Brasília-Belém): escultura de Francisco Rocha até 26 de Maio, de segunda a sábado das 14,30 às 18,30. Obras de reduzidas dimensões, em confronto com as proporções da sala, que mantêm um forte compromisso com técnicas e processos de trabalho industrial.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 31 de Maio, uma mostra da Arte Decorativa da República da Georgia (URSS), organizada pela Associação Portugal-URSS. Nesta exposição pode ver-se como a procura de novas formas se combina com as tradições da expressão artística popular.

GALERIA BAR (R. da Imprensa Nacional, 34): a «Entre Telas» apresenta uma exposição de Teresa Barbieri, patente ao público até 13 de Junho, de segunda a sexta das 17 às 20, sábados das 22 às 2.

GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): exposição retrospectiva de desenhos de Júlio Pomar, de terça a domingo das 15 às 19.

Arte decorativa georgiana na Amadora

ESPAÇO DO PINTOR (R. de S. Nicolau, 119-2º): Pintura, gravura e desenho de Marília Viegas até 5 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 19.

ESPACE ALLIANCE (R. Braamcamp, 13): «Mytholusismes», uma exposição de Pintura de Lima de Freitas até 29 de Maio, nos dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 19,30.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: Objectos Texteis de Teresa Segurado Pavão, em exposição até 21 de Junho.

A A DE COIMBRA (Centro de Estudos de Fotografia): exposição de Fotografia de Manuel Miranda, com o título «Movimento Frenato», até 5 de Junho de segunda a sexta das 15 às 18,30 e das 21,30 às 23.

MUSEU MUNICIPAL DE SINTRA: exposição de óleos do artista belga Paul Mathieu até 28 de Maio.

ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL: exposição permanente, que tem como objectivo representar o município, histórico e actual, na multiciplidade dos seus aspectos: geográficos, geológicos, históricos, económicos, sociais, políticos e culturais.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de A. Vaz de Carvalho com o título «Magia e Rito da Minha Angola»

GALERIA DE ARTE ROCA (Marinha Grande): exposição de Pintura de Guilherme Correia, até 30 de Maio nos dias úteis das 9 às 23, 15 às 19,30 e 21,30 às 23 horas.

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): exposição de Fotografia de Olga Roriz, até 30 de Maio de terça a sexta das 17,30 ás 20,30, sábados das 15 às 20.

IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): «O Fabuloso Mundo do Xadrez», uma exposição com trabalhos de Mário Duarte até 27 de Maio, das 15 às 20, diariamente excepto aos domingos.

BOCA DE CENA (R. Duque de Palmela, 6-A): uma mostra individual de Pintura com o título «Delirium Tremendus» de Paulo João Cunha. Até 22 de Maio, de segunda a quinta das 16,30 às 20 e das 21 às 24, sextas das 16 às 20 e das 22 às 3, sábados das 22 às 3, domingos das 21 às 24.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: desenhos de Francisco José Simões, até 4 de Junho.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias do CAM): Pintura de Arpad Szenes subordinadas ao tema genérico «Luz - Portugal», com a colaboração de Maria Helena Vieira da Silva, Guy Weelen e o director do CAM, José-Augusto França.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): monotipias de Maria Teresa Folha até 3 de Junho, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

MODULO (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): Pintura de Ana Vidigal até 31 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20.

ALCANENA (Átrio da Câmara Municipal): exposição de fotografias de Miguel Simão, integrada nas comemorações do 73º aniversário do concelho de Alcanena.

CONFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES (R. de S. Domingos à Lapa, 21): «Jornalismo e Literatura» é o tema do debate que esta noite aqui se realiza, com a intervenção dos jornalistas e escritores Baptista Bastos, Urbano Tavares Rodrigues e Mário Ventura. A APE tem jé escolhido o tema para um próximo debate: «Guerra Colonial e Literatura», a realizar no princípio de Junho.

LIVROS

UNI YOGA DE PORTUGAL (Av. Miguel Bombarda, 83-B): sessão pública de lançamento do novo livro do prof. De Rose até dia 24, exposicão de fotografias e passagem de vídeos.

MÚSICA

AULA MAGNA: às 21.30, concerto comemorativo do centenário do nascimento de Heitor Villa Lobos e do 1º aniversário da morte de Ruy Coelho. Orquestra Sinfónica do Teatro de S. Carlos dirigida pelo maestro John Neschiling e ainda o soprano Elsa Saque.

LOUCURAS: mais uma quinta-feira tranquila com Nuno da Câmara Pereira, acompanhado pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória dirigida por Jaime de Oliveira.

ESCOLA SUPERIOR DE POLÍCIA: concerto pela Banda da Polícia de Segurança Publica às 21,30

Farmácias

Lisboa — ALVALADE - POTE DE ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS-DE-FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **SALDANHA: Saldanh** , Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 7140081); **PATAMEIRAS - ODIVELAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: D. João V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. consolaod**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Sila Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029. Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. Antóno dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas **PAREDE: Macau**, R. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO JOÃO DOESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 958449). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente;

Outras Farmácias — Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO: Central**, R. dos Mercadores, 26 (T. 23870). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sábados e domingos, às 15.00

«**A VIAGEM**«. Pelo Bando. De Sophia de Mello Breyner. Adaptação e encenação de João Brites. Intérpretes: Antónia Terrinha, Horácio Manuel, Jorge Laurentino, Maria Almeida, Paula Só, Raul Atalaia e Tiza.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingos, às 17.00

«**QUEM TEM FARELOS**« e «**O PRANTO DE MARIA PARDA**«, de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Branco Xil.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Casa da Comédia

R. de São Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 17.00

«**ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS**«, de Marguerite Yourcenar. Encenação de Filipe La Féria.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. de Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50

Todos os dias, às 21.30; aos domingos, também às 16.00

«**TUDO NA BOA VAI ELA!**«, de Coelho Júnior e Lopes de Almeida. Encenação de Lopes de Almeida.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.30; 6.ªs, sábados e domingos, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**CÁ ESTÃO ELES**«. Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«**O MOTIM**«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

Terças e quartas, às 18.30; quintas, sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 15.00

«**HAMLET**«, de William Shakespeare. Pelo Acarte. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andersen. Encenação: Carlos Avilez. Cenários: José Rodrigues. Música: António Pinho Vargas.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**O PAÍS DO DRAGÃO**«, de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO**«, de Frank Marcus. Pela Companhiaa de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

Alges — Palácio dos Anjos

Sextas e sábados, às 21.30

«**HUMILHADOS E OFENDIDOS**«, de Dostoievski. Pelo 1.º Acto, Clube de Teatro Autónomo. Encenação de Armando Caldas.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03

Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«**UM JIPE EM SEGUNDA MÃO**«, de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«**MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE**«. Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Teatro A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.00 e 21.45

«**O DIABINHO DA MÃO FURADA**«, de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra e Paula de Sousa, entre outros.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 67 61 91

De 3.ª a domingo, às 21.30

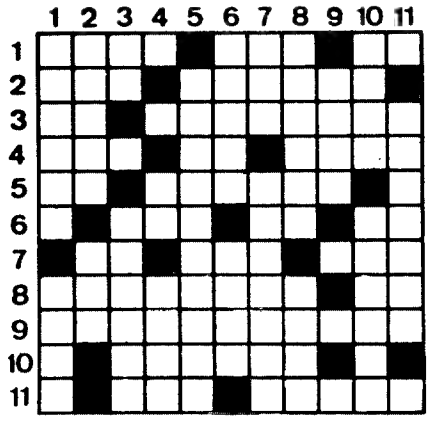
«**O FÍSICO PRODIGIOSO**«. Adaptação e encenação de André Nuno. Interpretação de Jorge Alonso, André Nuno, Isabel Balbi, Jorge Tavares, Leonor Alcácer, Paula Sá Nogueira e Miguel Abreu.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 15866

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Deseja. Alternativa.
2 Reúno. República federativa e o maior Estado da América Meridional.
3 Segundo. Peça de pano suspensa para adornar ou guardar qualquer coisa (pl.).
4 Fútil. Sódio (s.q.). Moleste.
5 Porco. Fechas um pouco (os olhos).
6 Artigo (abrev.). Reis. Deus dos pastores.
7 Mil e cinquenta em romano. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Cidade da Ucrânia.
8 Valente guerreiro, companheiro de lutas de D. Afonso Henriques. Cinquenta e seis em romano. Batráquio.
9 Publicasses.
10 Averiguara.
11 Dê mios. Equipes.



VERTICAIS:

1 Cidade do Japão. Mal parecido.
2 Exclusivo. Mulos.
3 Acrescentando uma consoante é deusa da Aurora, esposa de Titono. Ocultam.
4 Prasiodímio (s.q.). Ente fantástico, representado por um negrinho, que usa barrete vermelho e frequenta à noite os brejos.
5 Formoso. Pronome pessoal compl.
6 Cidade de França. Grupo de casas pobres.
7 Matemática. Pregara.
8 Albergas por esmola. Rio da Alemanha.
9 Aquela que depois de morta foi rainha.
10 Folhas de certas palmeiras que serviam para nelas se escrever. É semelhante.
11 Afastas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15865**

HORIZONTAIS:

1 Pilar. Param.
2 Roera. Anelo.
3 Ad. Au. Sacar.
4 Garo. Sapa.
5 Ama. Rum. DAR.
6 Sue. Eco.
7 Pá. Içado. SC.
8 Ag. Vu. Ur.
9 Petas. TARDE.
10 Eva. Adi.
11 Somar. Rasga.

VERTICAIS:

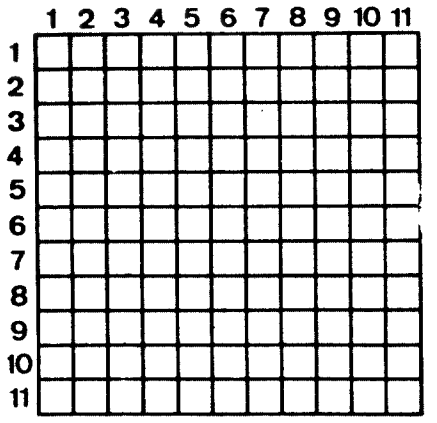
1 Praga. Papas.
2 Iodam. Age.
3 Lê. Ras. Tem.
4 Arão. Uivava.
5 Rau. RECUSAR.
6 Mu.
7 Pás. Meditar.
8 Anas. Corada.
9 Recado. Ris.
10 Alapa. Sud.
11 Morar. Crema.

PROVÉRBIO: Dar tarde, é recusar.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17037

HORIZONTAIS:

1 Nome de um estofo indiano. Rebuliço.
2 Preposição. Vaguear. Rénio (s.q.).
3 Satélite de Júpiter. Batráquio. Basta. Pertences.
4 Escarneceu. Esteino. Matemática.
5 Rio da Toscana. Brisa. Anel.
6 Fora para fora. Baús.
7 Rio que banha Setúbal. Colina da Suécia.
8 Vagueai.
9 Sacudidela. Previno.
10 Nome de fruto. Atraiçoara.
11 Nome de fruto. Seguias.



VERTICAIS:

1 Courelas. Um dos Estados do Brasil.
2 O mesmo que amouras. Bondoso.
3 Ligava. Patrão.
4 Adivinhar. Mandar.
5 Rezar. Gorgulho tropical.
6 Seguia.
7 Roera. Ilha do Pequeno Belt.
8 Larva das feridas dos animais. Ódio.
9 Nome de fruto. Terceiro.
10 Arejaras (Bras.). Senhora.
11 Sobras. Filtras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17036**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Naná. Sora.	1 Necessidade.
2 Eras. Anuais.	2 Arar. Aviso.
3 Caos. Tarro.	3 Não. Una.
4 Er. TE.	4 Asso. Pear.
. Temente.	5 Tampa.
6 Sana. Coes.	6 Sá. Tem. Lei.
7 Ivã. Caí.	7 Ontem. Cal.
8 Di. Pala. Vir.	8 Rua. Eca. Hás.
9 Assemelhara.	9 Aar. Noivara.
10 Dó. Api. Arad.	10 Irite. Irar.
11 Ora. Asara.	11 Aso. Estrada.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música vocal instrumental; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Efeméride musical; **18.05**: Música de tecla; **18.40**: Música instrumental; **19.00**: Integrais; **19.36**: Uma sinfonia, de Haydn; **19.45**: Canções, de Rachmaninov; **20.05**: «Tarde de Verão», poema sinfónico, de Zoltan Kodaly; **20.40**: Música, para violino; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.30**: Música de câmara; **22.00**: Música vocal comentada; **23.45**: Música sinfónica; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarta-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.3**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

TELEVISÃO

RTP

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando

O Vento nos Salgueiros

18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.15 - Palavras Cruzadas

93º Episódio: – Luis diz à filha que a polícia anda na pista de uma rede de contrabando de jóias e que certamente ela sabe alguma coisa sobre o assunto através da reportagem que fez e que lhe roubaram. Conta-lhe também que a polícia está convencida de que Mário foi usado e que estão a tentar descobrir o verdadeiro cérebro; por agora só sabem que Daniel fugiu para um país da América do Sul e que Oswaldo Moreira é um dos principais intermediários do negócio. Marta tenta interceder por Mário junto do pai, mas ele mantém-se inflexível. O treinador de Rui visita-o em casa para o informar de que os treinos vão começar um dia mais cedo. Rui fica satisfeito, mas o treinador não lhe dá qualquer garantia de que ele seja o titular no próximo jogo.

20.55 – ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

11º Episódio: – Os Tanners decidem tirar umas férias e irem acampar. Já na estrada, Alf, aborrecido de não fazer nada, quer ajudar Willie a guiar.

Quando finalmente chegam ao local desejado, começa a chover torrencialmente. Irritado com o mau tempo, os Tanners começam a discutir uns com os outros, e Alf decide ir-se embora. Na sua fuga encontra um abrigo onde se refugia, mas quando os donos regressam e o encontram, resolvem cozinhá-lo para o jantar...

Realizadores: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.25 - Telemundo
22.10 - Primeiro Entre Iguais

4º Episódio: – Simon é promovido a número dois no Ministério da Administração Interna, o que o obriga a acabar com certos contactos empresariais.

Raymond defronta-se com problemas na sua carreira de advogado. Charles, agora líder parlamentar, está cada vez mais ocupado em Westminster, o que leva Fiona a procurar encontrar afecto junto de outra pessoa.

Andrew é pai. Simon é prejudicado na sua carreira parlamentar, e, imprudentemente, pede ajuda a Charles.

Realizador: Brian Mills

23.05 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP 2

13.02 - Estádio

Campeonato da Europa de Ginática

18.35 - Trinta Minutos Com...

Jaime Isidoro

19.05 - Simon Show

«Primeiro entre Iguais»: o 4º episódio desta série britânica no 1º canal às 22.10

No 2º canal às 22.15, o 7º episódio de «África»

20.05 - Hitchcock Apresenta

19º Episódio: –Knoll é um artista falhado. No entanto, e um pouco por obra do acaso, descobre como poderá ganhar a admiração do público. O êxito é retumbante. Todos os trabalhos expostos foram vendidos. Mas o futuro é sempre uma incógnita...

Realização: Tim Burton

20.30 - Uma Família às Direitas

130º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Tempo e o Vento

7º Episódio

22.15 - Africa

7º Episódio: –Este episódio analisa as grandes lutas pela independência, começando pelo caso da Costa do Ouro e pelo «leader» nacionalista Nkrumah.

Utilizando filmes de arquivo, da época, e entrevistas com pessoas que vivem esse período, a história do Ghana constitui o principal tema focado. No entanto, os casos do Quénia, Argélia e a tragédia do então chamado Congo Belga, são também referidos. Além destes casos será ainda dada uma especial atenção às ex-colónias portuguesas, nomeadamente com uma entrevista feita ao falecido Samora Machel, em Moçambique.

AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório
17.30 - Mira Rádio
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.45 - A Arte de Bem Cozinhar
21.05 - Noites de Gala
22.40 - O Programa das Festas
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate
23.55 - Pela Noite Dentro

RTP-2

14..02 - Estádio
18.00 - Countdown
18.45 - Trinta Minutos Com...
19.05 - Nino Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Uma Familia às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.00 - Troféu
22.30 - Private Schulz

Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE – PEDICURE – DEPILAÇÕES – SAUNA

Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 21.50 - Primeiro Entre Iguais

RTP2 21.35 - O Tempo e o Vento

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Uma Família às Direitas»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A organização «Esquerda Revolucionária» anunciou hoje que militantes seus integrarão listas da CDU. Carlos Pena e António Louçã explicaram a atitude por que «a CDU é a coligação onde se vai expressar o repúdio dos trabalhadores pela política dos Governos patronais, nomeadamente de Cavaco Silva». A «Esquerda Revolucionária» foi criada em Outubro de 1985 e integra antigos militantes de organizações de extrema-esquerda e participa na edição da revista «Versus» e dos boletins «Luta de Classes»

Advogado de Otelo apresenta recurso até segunda-feira

A defesa de Otelo Saraiva de Carvalho preprara–se para apresentar recurso do acordão ontem proferido pelo Tribunal de Monsanto. O advogado Romeu Francês disse esta manhã à Rádio Comercial que «o tribunal proferiu uma deliberação complexa cujos fundamentos estão a ser atentamente examinados pela defesa».

O defensor do estratego do 25 de Abril pôs o acento tónico na declaração de voto de vencido de uma parte do Colectivo do Tribunal de Monsanto, que «vai no sentido — frisou — da absolvição de Otelo e de outros réus».

Romeu Francês considerou a deliberação «controversa», eximindo–se a fazer declarações de fundo que, segundo ele, serão feitas em sede própria e constarão do respectivo recurso que está a ser preparado e que, em príncipio, será apresentado na segunda–feira.

O advogado de defesa de Otelo (e de outros réus do processo, entre eles Mouta Liz, condenado a 14 anos de prisão maior) adiantou considerar «da maior relevância os fundamentos dessa declaração de voto», referindo–se aos juízes que votaram, vencidos, a deliberação ontem proferida pelo tribunal de Monsanto acerca dos réus do processo das FP/25.

Tema de conversa hoje no Barreiro

Jovem devolve ao dono pasta com 500 contos

Um jovem de treze anos, Jorge Miguel Santos Fernandes, aluno da Escola Secundária da Telha, no Barreiro, encontrou ontem, junto à sede do Clube Paivense, na via pública, uma pasta contendo meio milhar de contos. Ficou espantado, e aflito, quando viu que a pasta continha tanto dinheiro.

Jorge Miguel Santos Fernandes, cujo gesto era esta manhã tema das principais conversas em vários pontos da cidade, que vive no Bairro José Maria Duarte, apressou-se a dar conta do achado às pessoas que naquele instante se encontravam naquela colectividade: o Clube Paivense.

Momentos antes havia estado na mesma colectividade, muito aflito o indivíduo que havia perdido a pasta, cobrador de uma conhecida empresa local. Segundo o «DL» apurou, o indivíduo, que não se quis identificar, deixou cair a pasta da motorizada em que seguia, a caminho da empresa.

Quando soube que a pasta, com dinheiro, havia sido encontrada e estava no Clube Paivense, o cobrador dirigiu-se lá, imediatamente abraçando com as lágrimas nos olhos — e reconhecido pelo gesto —, o jovem Jorge Miguel, ao qual entregou cinco mil escudos como recompensa simbólica.

Navegou desde a África do Sul em homenagem a Bartolomeu Dias

Manuel Dias, que está a efectuar em sentido contrário a viagem de Bartolomeu Dias, o primeiro navegador a chegar ao Cabo da Boa Esperança, há 500 anos, é aguardado esta tarde em Lisboa, na Doca do Terreiro do Trigo, frente a Santa Apolónia, 108 dias após ter partido do porto sul-africano de Mossel Bay.

Natural de Angola e radicado na África do Sul, Manuel Dias, de 29 anos, iniciou a sua viagem a 4 de Fevereiro deste ano, data do quinto centenário da chegada de Bartolomeu Dias a Mossel Bay, que ele chamou de Aguada de S. Brás.

A viagem de Manuel Dias, ao que afirmou o jovem navegador solitário, não foi isenta de perigos, nomeadamente quando o seu barco, o «Timbel Dias», foi apanhado por um temporal ao largo da costa do Sudoeste africano, sofrendo avarias no sistema de rádio e privando-o de qualquer contacto com terra durante 10 dias.

DIÁRIAS

RUI AMARAL, vice–presidente do Parlamento Europeu, sustentou ontem, em Coimbra, que as forças vivas desta região devem repelir com vigor o projecto espanhol de instalar junto à fronteira um depósito de resíduos nucleares. «Dada a proximidade, a região Centro correria riscos incalculáveis se tal projecto se concretizasse» — sublinhou Rui Amaral. Ao falar aos jornalistas após contactos que manteve com autoridades locais, aquele vice–presidente do Parlamento Europeu revelou ter feito com elas «uma avaliação do andamento de alguns projectos subsidiados pelos fundos comunitários e que abordarão projectos futuros».

TOMAS DA FONSECA, professor, lavrador, propagandista republicano e escritor está a ser objecto de uma exposição bibliográfica na sala de referência e catálogo geral da Biblioteca Nacional, até 12 de Junho. Simultaneamente, a obra do escritor foi editada por aquela biblioteca.

MARIA DOS ANJOS e Fernando Durão, dois pintores nascidos em Portugal e há muito tempo radicados no Brasil, têm patente até ao fim do mês, em São Paulo, na Galeria Multiarte (uma das melhores galerias daquela cidade brasileira) uma exposição. A mostra engloba ainda obras dos pintores portugueses Ernesto Neves, Laura Cesana, Manuel Vilarinho e Victor Ferreira. Estes quatro pintores têm participado em diversas exposições individuais e colectivas nos últimos anos em Portugal e no estrangeiro, sendo esta a primeira vez que expõem em São Paulo.

JORGE LEITAO RAMOS e Fernando Dacosta são os intervenientes na terceira conferência do «Ciclo Conferências de Maio 87», organizado pelo Centro de Reflexão Cristã, que é subordinada ao tema «A imagem que nos está a mudar». A conferência, que tem como moderadora Maria Alfreda Fonseca, realiza–se amanhã, pelas 21 e 30 horas, na Av. Manuel da Maia, 2A.

JOSE NASCIMENTO é o realizador do filme «Repórter X», que tem a sua estreia marcada para amanhã, em dois cinemas de Lisboa. O filme conta com as interpretações de Joaquim D´Almeida, Paula Guedes, Eunice Munoz, Jorge Silva Melo, Fernando Heitor, Suzana Borges, Anamar, Mário Viegas e Filipe Ferrer. A música é de António Emiliano e a canção «Dor D´Alma» é de Sérgio Godinho.

MIKHAIL GORBACHOV revelou um pouco do seu mundo pessoal numa entrevista ontem publicada, afirmando que a sua principal fraqueza é interessar–se por uma grande variedade de assuntos. Realçando a modéstia que tem imprimido à sua posição como líder do Kremlim, Gorbachov disse ao jornal do Partido Comunista Italiano, «L´Unita», que a popularidade que obteve no Ocidente não foi por si próprio como «pessoa concreta» mas pela sua política para revitalizar a sociedade soviética e alcançar o desarmamento. A entrevista foi também publicada pelo jornal do PC soviético, «Pravda».

Amanhã na CP

Menos alternativos na greve

Os comboios voltam a parar em todo o país, das 0 horas à meia–noite de amanhã, em consequência de mais um período de 24 horas decretado pelo sindicato dos maquinistas.

Para suprir a afluência inusitada de veículos particulares nas vias de acesso aos principais centros, agravada com a diminuição dos transportes alternativos mobilizados pela gerência da CP, a Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações anunciou hoje um conjunto de restrições ao trânsito para os veículos pesados de mercadorias nas proximidades de Lisboa e Porto.

Segundo uma nota divulgada, à semelhança do que aconteceu na última greve no passado dia 8, será suspensa a cobrança de portagem em Sacavám, à entrada de Lisboa, durante os períodos de ponta, das 7 horas às 10 horas e das 17 horas às 20h30, este último abrangendo também a ponte sobre o Tejo.

O porta–voz da empresa de transportes ferroviários informou o «DL» que estarão nas estradas apenas 194 autocarros quando, na greve anterior, haviam sido organizados 272, concentrados nas zonas suburbanas de Lisboa e Porto, bem como os transportes entre as duas cidades e a fronteira para os trajectos internacionais.

A organização de transportes alternativos que um porta–voz dos maquinistas disse ao «DL» «defender interesses e estratégias pessoais», voltará a colocar na rua autocarros para as linhas de Sintra e Cascais, sendo válida a apresentação do passe ferroviário da linha da Azambuja nos transportes da Rodoviária Nacional.

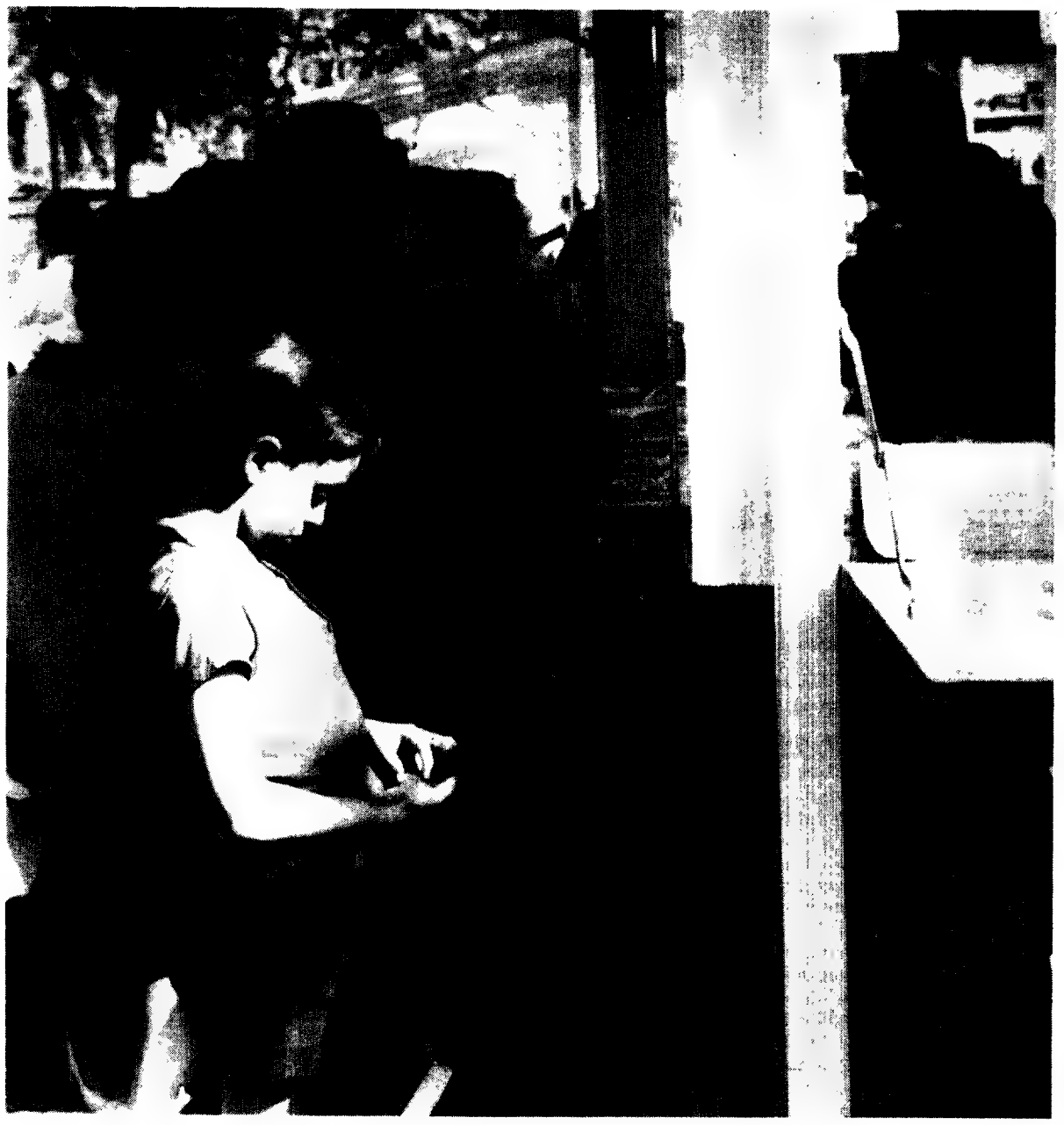
A diminuição do número de autocarros ficou a dever–se, segundo Américo Ramalho, ao aumento da utilização de operadores durante o fim de semana e de muitas excursões escolares programadas para aquele período.

Ainda de acordo com o porta–voz da CP, os 194 autocarros distribuiem–se pela Rodoviária Nacional, Carris e Serviços de Transportes Colectivos do Porto, com 74, 51 e 10 veículos respectivamente, além dos operadores privados repartidos pela Associação Nacional dos Transportes de Passageiros e Barraqueiro com 51 e 42 autocarros.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 304



Velha Feira

No primeiro dia, o assalto ao que resta de «raros» e de «esgotados» que editores e livreiros ainda tenham desenterrado do armazém. Haverá então quem diga: «Ainda consegui desencantar uma primeira edição de Fulano de Tal». É uma operação conduzida por quase especialistas, que, embora não conhecendo previamente, e com exactidão, o que procuram, sabem quais as barracas, quais as rimas, quais as estantes para que devem lançar os seus oblíquos olhares de predador. Por vezes, para um retardatário interessado, o segundo e o terceiro dia ainda satisfazem «Olha que havia lá oito exemplares, se lá fores esta tarde, talvez...»

Depois instala-se a rotina, os dias do público que espreita os «livros do dia» nas diferentes barracas, do público que continua a deixar-se estimular pelo desconto de Feira, geralmente não superior ao que os livreiros fazem, no resto do ano, aos ses numerosos clientes habituais, aos seus amigos.

A literatura portuguesa deverá voltar a vender bem — estamos, há bem pouco tempo, a iniciar anos de ressurgimento da ficção longa, passados que foram os da primeira década, bem vazia, do 25 de Abril. E há, indiscutivelmente, um novo interesse e um novo empenho pelas coisas portuguesas, que se mostra no volume de vendas. De Álvaro Guerra a Saramago e de Mourão-Ferreira a Cardoso Pires — ah, se ele já tivesse concluído o seu prometido novo romance — de Vergílio Ferreira a Velho da Costa — ah, se ela não andasse a gastar capítulos inéitos em números especiais de revistas e concluísse o seu livro — até aos «velhos» Lobo ntunes e Drago, este estreante ainda à espera de críticas, todos deverão ver vendidos bastante exemplares dos seuslivros.

Os eternos descontentes dirão que falta «élan» à Feira (nada de subentendidos, s.f.f.), que, para além das chatíssimas sessões de autógrafos, nada há que ali anime o livro e o dignifique: colóquios e outras sessoes são impensáveis — diz-se — porque a coisa se passa ao ar livre. Será portanto a altura de recordar o livro de viagens de Fernando Namora: pois não foi «sentado na relva» que ele ouviu discussões entre... escritores? E será que o Sol de Uppsala aquece mais qu o de Lisboa, a cafre, a mediterrânica, a fenícia?

Lançamentos e respectivas conferências de Imprensa, se as houvesse, também não habitam na Feira, tida como um acidente chão, muito mais do que como um «pico» de calendário.

E não falemos de semanas d livro disto ou daquilo — da música à culinária — porque isso exigiria acção conjunta de editores, «punch», capacidade de comunicar, alma nova no negócio. E pessoal e horas extraordinárias, acrescentarão, taciturnos, os interessados, cansados.

Vai-se vivendo. A Feira do Livro vai-se vivendo.

Há caçadorees do primeiro dia e espiões da boa ocasião entre os leitores deste suplemento. A todos desejamos boa sorte, olho vivo *y pesetas*. E desafiamo-vos a escreverem-nos, contando as vossas experiências da Feira, sobretudo nos seus primeiros dias. O *LerEscrever* publicará os vossos melhores textos. Que tal?

Eis como fazer: visite a Feira do Livro logo nos primeiros dias, escrevanos a contar as suas impressõoes e envie o seu texto para *Ler Escrever, Diário de Lisboa*, Rua Luz Soriano 44, 1200 Lisboa. E lembre-se de que os Correios estão a demorar bastante tempo na entrega de uma simples carta...

Tournier

Michel Tournier é um desses fenómenos que, até há poucos anos, pareciam exclusivos do universo francês, e que hoje começam a generalizar-se a outras línguas, outras literaturas, outras experiências: é um autor que, desde o seu primeiro romance — *Vendredi ou les Limbes du Pacifique* (saído em 1967) se tornou objecto de teses de licenciatura, ídolo da crítica e best-seller. Aos sessenta anos, esse homem jovial e hipercomunicativo assume sem despeito a posição de romancista vindo de uma Universidade que o «rejeitou»: Michel Tournier é, antes de mais, um filósofo que durante muito tempo se encarou como tal, e que veio a decidir tratar dos seus autores, das suas questões, das suas investigações, num *meio ficcional*. Principais características? São muitas e difíceis de sintetizar. Mas dir-se-á, numa primeira aproximação, que ele alia algumas obsessões pessoais — a fotografia e a sua magia, as crianças ou, se referirmos, «a infância», a paixão por grandes narrativas míticas como Robinson Crusoé ou o curto episódio com os Reis Magos no texto bíblico — com um trabalho de investigador face a blocos de história, acontecimentos ou situações particularmente ricas de sentido, que trata como fontes permanentes de ficção.

Grande comunicador que deixa perplexos pela sua jovialidade e vivacidade jornalistas, estudantes universitários ou alunos dos primeiros anos do secundário, ele dedica-se a cada nova narrativa com a violência do prospector que descobriu e está a explorar uma mina de oiro.

Em relação à fotografia — a apreciação não será estranha para quem conhece o seu *Le Sudaire de Véronique*, traduzido para português e editado por uma misteriosa mulher de Coimbra que usa o pseudónimo de Matilde Ulbach, personagem de Borges — ele confessa que a aproveita para sublimar uma obsessão pelas crianças, próxima da que terá sido a de Lewis Carroll, outro fotógrafo sublimador. «Talvez que as fotografemos para não as devorarmos», sugere ele na pele do ogre, postura que frequenta, não poucas vezes, como autor. Mas o vasto lado obscuro de Tournier — que, por exemplo, no *Rei dos Álamos*, é claramente aproximável da «escrita da mão esquerda» de um Conrad — não o impede de escrever igualmente um prefácio sobre o retrato oficial para o álbum sobre François Mitterrand editado pela Flammarion.

Está, portanto, longe de constituir um acaso, o facto de *A Gota de Ouro* agora lançada pela *Dom Quixote*, partir e uma situação narrativa que tem, no seu centro, uma fotografia. Fotografia aparentemente banal,' que uma tursta loura, saída do seu Land Rover, obtm de um jovem pastor berbere, nos confins miseráveis do deserto. «Foi uma parte de ti que ela levou», dirá a mãe o rapaz, pouco depois. A partir daí, é a *paixão* de Idriss, o pastor: *paixão de Idriss segundo Tournier*, o romance produz um itinerário individual onde se atravessam mitos e crenças, memórias de civilizações, do deserto até Paris... e à arte da caligrafia, uma outra forma de *inscrição* do sentido. Idriss, que pediu à turista-caçadora-de-imagens uma cópia da sua imagem, nunca mais deixará de a perseguir.

É essa situação de arranque da narrativa que nesta edção do *Ler/Escrever* oferecemos aos leitores (págs. 4 e 5 deste suplemento). A *Dom Quixote* conseguiu tornar-se, entre nós, na «editora de Tournier» — e o Tournier que agora nos oferece é, sem dúvida, um dos mais característicos e representativos do autor.

L. E.

«Aurum», de Vergílio Alberto Vieira

1.

Aurum é o título do último livro de poesia de Vergílio Alberto Vieira. Livro muito breve, caderno ou opúsculo, se preferirmos. A arte textual compõe-se de um poema, «Bela Bartók», mais «Aurum», que dá o título, e ainda seis versões noutras tantas línguas: castelhano, francês, italiano, inglês, alemão e húngaro. Do restante avultam a reprodução (a preto e branco) dum desenho (a cores, no original) de A. Braga Peixoto, a reprodução fac-similada duma comunicação tipo bilhete postal enviada ao autor por Eugénio de Andrade, uma informação biobibliográfica sobre o autor, em inglês, outra sobre esta edição.

2.

Hão-de parecer pormenores excessivos, mas que isto não seja (que não pode ser) factor que pese na avaliação. De resto, dir-se-ia que aqui nada falta e nada está a mais: tudo, pello meenos aparentemente, desempenha uma função, a função que lhe compete — ainda quando pareça função de separador, intervalar, para ocupar um espaço, tapar um buraco, preencher um vazio.

Nós temos — para nós, mas cabe aqui divulgá-la — a ideia de que um livro deve propor-se o mais possível como objecto de arte, e valioso, desde logo para compensar do preço que custa ao comprador. Depois, deve constar um determinado número de informações, a respeito dele próprio, a prestar pelo editor ou pelo autor. As informações sobre o autor são quase imprescindíveis, e é de todo em todo inaceitável um livro do qual não conste, pelo menos, o que o autor até à data publicou. Naturalmente, em muitos casos é redundante. No caso de autor cujo conhecimento por parte do público (grande público) é duvidoso, é imperioso que se forneça ao leitor um número mínimo de dados que permita ao leitor identificar o livro e quem o escreveu — uma entidade com a outra, numa relação. Infelizmente, e num regime de total impunidade, os hábitos editoriais estão a evoluir noutro sentido, e são cada vez mais frequentes novos lançamentos dos quais nada consta a respeito de quem se trata, o autor. Na aparência será o triunfo duma ideia lançada para a divulgação num desamparo total: aquela segundo a qual o que conta é o texto, não o escritor, ou a biografia do escritor. Certamente, o que conta é o texto, mas a edição é comércio, por mais cultural, desde logo por isso dever-se-ia respeitar alguma exigência que, funcionando no terreno comercial, somente facilita a promoção dos produtos. Parecerá excessivo, mas pensamos que os direitos de autor deveriam compreender compreender isto: nos contratos haveria, pelo menos, lugar para uma cláusula reservando ao autor que, na edição de qualquer livro seu figurasse pelo menos a bibliografia activa.

3.

São variações que nem se aplicam a este caso. *Aurum* é um exemplo quase perfeito (para não dizermos totalmente perfeito) de como se deve confeccionar um livro e propô-lo ao leitor. Deveria ser mostrado a outros, autores e editores, como exemplo paradigmático de minucioso e exigente profissionalismo, sinónimo, antes de mais, de sério respeito pelo leitor, pelo que possa ser a expectativa do leitor.

Infelizmente, o livro (livrinho, digamos) de VAV é uma edição de autor, e não deverá circular muito para além dum círculo (restrito, já se vê, de amigos e amigos dos amigos), porque a tiragem não foi além de centena e meia de exemplares, numerados e rubricados pelo autor. Esperemos que pelo menos alguns destes leitores saibam apreciá-lo devidamente, — e só terão vantagens se, em livros que porventura vierem a publicar, tenham em conta este exemplo raro de rigor — que o é também de honestidade, lealdade e outras qualidades que de momento não ocorre como nomear.

4.

Nada disto que aqui se diz teria grande sentido se acaso o texto, os textos que aqui se propõem não o justificassem também. Mas justificam, vmos ver.

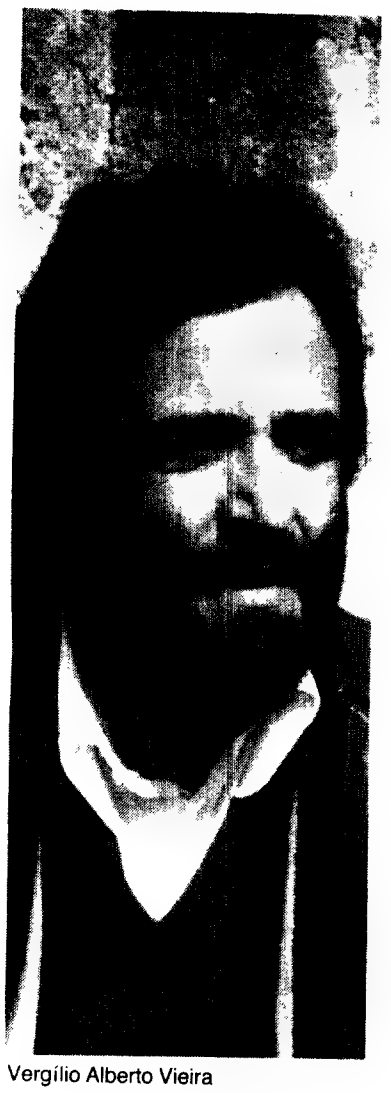
O poema «Aurum» já era do nosso conhecimento, e de quem mais o tivesse visto no livro *Os Sinais da Terra*, publicado em 1985.

Como outros escritores, VAV tem o hábito (irregular, embora, não sistemático) de reescrever os seus textos e deslocá-los de conjunto para conjunto, de livro para livro, numa questionação permanente da própria obra, na escrita, no trabalho de escrever, nos resultados desse rabalho e na apresentação (de contexto, de ordenamento) desses resultados. Esta republicação de *Aurum* é um desses actos, tudo excepto gratuíto, certamente precedidos duma demorada reflexão acerca do significado do poema dentro do poemário do autor e em relação a conceitos e noções que lhe informam e enformam a própria obra e o respectivo processamento.

A diferença mais notada é que, neste caso, faz-se o inverso do que é hábito ser feito. É hábito integrar em livro poemas que antes saíram avulsamente, noutra situação. O que aqui se faz é tirar do livro o poema para o publicar isoladamente.

Parece, porém, que há um pretexto, e são as traduções. O poema «Bela Bartók» pode entrar nesta hipótese de compreensão.

Associadas às traduções, as informações biobibliográficas em inglês sugerem, naturalmente, que o objectivo da edição é o estrangeiro. Mas pode não ser. E se não se pode negar a um poeta que goste de ver vertido noutro idioma o trabalho que faz no seu, é preciso também reconhecer-lhe o direito ao prazer de partilhar esse prazer com os amigos. E os amigos dos amigos. E os tradutores (que podem ser amigos, também). E os amigos dos tradutores. Por aí adiante. E com isto talvez já nã bastem os 150 exemplares da tiragem. Nada de ilusões, da parte do autor, e muito menos de despeito da parte dos camaradas das letras. Isto não é uma saída na Penguin Books.



Vergílio Alberto Vieira

5.

Mininaxente, vamos ver os poemas. «Bela Bartók»: *«Sem outro assombro / Que o de água ferir mortalmente / Essa voltagem de estrela / Que a descontinua brancura distanciou / No sangue até ao fim / Desenvolturas lento repete o coração / À terra preso espera. Como ninguém / Transige / Um só silêncio consente o peso dos martelos / O surto O tráfego / Fulgores Assim começa o mar / Entre paisagens tácitas / Contra a voragem precede a transparência / Suturações sinfónicas esplende / Esta loucura.»*

Como desde logo o título sugere, este poema está na linha de *As Cegas Direcções*, última secção do último livro do autor, *Pedra de Transe*, e prossegue uma poética da homenagem muito pessoal. Não se trata aqui, no caso deste «Bela Bartók», de fazer o retrato ou o elogio do artista, do compositor, da sua obra, ou de algumas suas peças, embora certas imagens e metáforas, associadas ao imaginário ou metafórico do crepuscular, do pré-nocturno, sugiram, a quem estiver dentro do que se trata, as últimas obras do húngaro, escritas em Nova Iorque, pouco antes de morrer (na Hungria). Os mais conotáveis com a noite, o nocturno, fazem ocorrer os quartetos (de diversas fases). Um tanto como na pintura abstracta, no desenho da abstracção, trata-se de propor certos traços, numa aparente desconexão, sem uma forma definida, sem uma estrutura visível, sem um sentido ou sequer uma direcção que se imponha (que imponha ordem, ordenação) ao conjunto, principalmente coerência ou aspecto de unidade. É uma espécie de colagem, de justaposição, de dados avulsos, fragmentários. Certamente — porque está lá, e para alguma coisa há-de servir, o título funciona como chave decifradora de todo o enigma verbal.

6.

E «Aurium». Não é muito extenso e cabe aqui também transcrever todo o poema, com a advertência de que, nas duas páginas que ocupa no livro, tem outra configuração gráfica, e esta, naturalmente, é tudo excepto insignificativa. Em forma de texto corrido, com a necessárioa sinalização, é assim:

«Alto perpassam // A serpente A pedra / O voo // Equivalências astros / separa // A luz das mãos // De si mesma / distava // A cor do âmbar // A luz dos fenos / corrompem // Os cavalos // Lavrado oiro busca / por mar // O arco de Tirésias // Outra brancura / move // O extenuado cisne // Arborescentes rios / truncava // A luz cruel // Fortuitas aves / Meandro / desfolham mãos por ti // Sem outra luz / A boca às simetrias / ajustava // Com fios de água / bordava Egina / O rosto amado // Oiro // Oiro de nada feito / esse desejo.»

7.

Uma hipótese de leitura, de trabalho de leitura, muito elementar: fixar o vocabulário (substantivos, verbos, adjectivos, preposições), classificá-lo distintivamente:
substantivos, uns precedidos de artigo definido, outros desamparados de tal precedência; verbos indicativos de acção, uns, outros de passividade ou sofrimento da acção; ver, nos adjectivos, a valorização qualificativa — a qualificação valorativa — que eles processam junto dos nomes e dos verbos, e, por este meio, a influência, o peso deles no processo semântico; ver as preposições, o valor funcional delas na atribuição e, por aí, no mesmo processo semântico, etc.

Trabalho elementar — mas sugere-o (ou mesmo reclama-o) o teor do trabalho que aqui se faz, e o que parece ser a estratégia fundamental que lhe preside —, e que investe forte naquilo a que, a propósito doutro livro de VAV, um crítico (J.L. Pires Laranjeira, artigo no «JL») chamou «as palavrinhas essenciais».

8.

A poética de VAV assenta muito neste investimento e investe muito numa certa noção: talvez a de que uma extrema selecção vocabular, substantiva e verbal (muito criteriosa, exigente e restritiva) como material mínimo, servida depois por adequados recursos, meios e expedientes sintácticos, e jogando com (considerando, tendo em conta) um espaço, um âmbito, uma delimitação espacial, ambitual, configuradora do poema como inscrição na superfície da página, — tudo isso produz um efeito poético, específico e forte.

Um antidiscursivismo — como pose negativa (ou apenas virtual) da voz, da fala, no seu silencioso processamento escritural, — visa esse efeito, e empenha-se decididamente na sua produção.

E será nisto que a poética de VAV se distingue de ascendentes que porventura poderão insinuar-se em certos predomínios, metafórico e imaginístico, que nesta poesia é possível assinalar. Uma concisão quase excessiva liga esta poética a certos procedimentos construtivos do poema típicos de certa fase da poesia portuguesa contemporâneas que se costuma situar nos anos 60 e referir fundamentalmente a **poesia 61.** Tem havido, porém, da parte do A., um persistente esforço de superação, distanciamento, demarcação. Parece que esultou alguma coisa numa série como **As Cegas Direcções** (na linha da qual «Bela Bartok» se situa). Não tanto assim noutras séries ou sequências, a que «Aurum» pertence ou na continuidade das quais deve ser situado.

9.

Escapa-nos um tanto o que resulta da sua (de «Aurum») otra situação aqui, fora dos contextos a que pertencia, e propondo outro, fundamentalmente o multilingue.

É nem sequer redutivo e demasiado simplificador, mas errado, desde logo, não ver nesta publicação mais do que um gesto de autopromoção. Porque há um grande investimento que se faz na recriação idiomática do poema, dos seus valores semânticos (pontuais e globais) e, a cada fixação ou radicação possível deles noutra língua, uma certa perda de parte do corpo original. Talvez. Não se tem uma ideia precisa. Nos domínios onde mais à vontade (pelo menos aparente) se pode circular, o castelhano, o francês, fica-se com a impressão de que, por exemplo, perduram as mais fortes denotações, e mantém-se estruturalmente idêntica a rede de conotaçõs.

10.

Haveria um motivo de interesse suplementar (e múltiplo) se cada tradução (cada tradutor) se explicitasse nas dificuldades que teve, e, principalmente, se da parte de cada idioma houvesse um mínimo de impressões acerca do que nesse idioma o poema insinua, sugere, propõe. Então o livro seria de um valor pdagógico inestimável. Mesmo assim, é uma pequena preciosidade. É pena que lhe tenha acesso somente um número reduzido de leitores.

Luís de Miranda Rocha

Ao longe
João Fernando
Ed. do Autor

É uma edição de autor, são poemas, tudo uma aventura. Uma aventura, aliás, que se desdobra em perguntas na última composição do livro. Como estas, por exemplo: «Quanto custa um poema?/Quanto custa editar um bom poema?/Quanto custa dizer aquilo que temos de pagar?/E quanto custa inventar o que os outros não sabem falar?/E quanto custa criar aquilo que ninguém sabe sentir?» Sem dúvida que são questões pertinentes, estas de João Fernando, assim colocadas no fecho do seu livro.

Livro que encontro na minha secretária de trabalho, acompanhado de palavras que apelam para «uma possível opinião sobre o mesmo» e para a hipótese dessa opinião ser divulgada, pois (escreve o autor) «existe sempre a esperança da solidariedade».

É, na verdade, um livro sincero. Um livro impregnado daquela sinceridade que, de uma maneira ou de outra, se infiltra em nós e em nós cria uma adesão de simpatia e convivência. Mas o leitor, que nós somos, tem de evidenciar igualmente a sua sinceridade — e, assim, afirmar pura e simplesmente que este livro de poemas **ainda não é um livro de poesia**.

Nada, porém, de qualquer desespero. E isso porque há indícios de poesia ao longo das páginas que nos são oferecidas para uma leitura de amistosa compreensão e aturada descoberta. Extraídos desta e daquela composição, atentemos, sem quaisquer preconceitos, nos seguintes versos:

Os teus olhos são a luz de cada cor (p. 13); Adeus amor de não ser (p. 15); Tenho dobra de lençol para esperar (p. 17); Somos nada de tudo (p. 25); Cantarei sempre a forma de mudar (p. 27); Quero acabar/inacabado (p. 29); Canto novo canto aberto (p. 39); etc.

Dirá talvez o autor que algumas das suas composições **resultam** quando lidas em voz alta, quando recitadas com gestos (por ex., «Causa e segredo» e «Arrábida-Tejo»). Pois talvez resultem (nomeadamente a última, com alguma coisa de Cesário). Mas sempre lhe diremos que sons são meros sons, ou que boas intenções são boas intenções. ou que puras verdades se tornam em «verdades»... Poesia, como acto de criação, é outra **coisa** — outra **coisa** que exige prcisamente versos como aqueles que acima salientámos. A partir desses versos (ou de outros de igual ou superior valor) é que João Fernando se poderá imiscuir nas sendas que conduzem à verdadeira poesia. Ou para sermos mais concretos (embora repitamos um juízo que todos os poetas conhecem): **àquilo que não foi ainda dito.**

Difícil...

Certamente. É nesse acto difícil, nessa cruz, que todo o criador se crucifica. Assim o poeta quando sabe ultrapassar a mera aparência das coisas, a mera aparência humana. Não ficar, **nunca**, no transitório. **Ultrapassar** — para que possa sempre cantar «a forma de mudar».

Pedro Alvim

Pescador à linha

Por Luís Veiga Leitão

Acompanhados por burocratas do Ministério da Saúde, tu e eu, visitamos um hospital de crianças. Batas brancas (sem corpo nenhum lá dentro) circulam por corredores frios de pedra escura. Enorme a enfermaria. Camas altas, algumas de ferro roído, em labirinto, por minúsculas baratas, voadoras e metálicas. Cobertas de retalhos escondem óculos de lençóis. Uma criança com cabeça de velho pede-me um copo de sopa. Outra, desce do tecto e fica suspensa... a olhar-te profundamente como se te conhecesse há muito. Então, vi teus olhos como dois quadros, negras as molduras finas e, no centro de cada um, ao fundo, um rio que morria sem água.

E quase logo depois, os teus olhos quadrangulares sorriram para os meus, no momento em que me debruçava sobre o teu peito e as tuas mãos docemente me afastaram...

Albano Martins deu a lume «Poemas de Retorno». Uma poesia de rigor à Cesário e condensada e breve à Guillevic. Singular fulgor de pequenos cristais. Rara poesia entre nós e já com projecção além-mar. Admirável, a todos os títulos, o rosto e o vestuário gráfico de Tiago Manuel. Edição/Centro Cultural do Alto Minho, Viana do Castelo.

«**Nada está isolado.** Tudo participa de tudo.»

Anaxágoras.

Do Porto a Guimarães. O caminho-de-ferro neste dia de céu lavado e nas plenas graças de Abril, são dois versos por entre um verde que não pára de ser verde, quase obsessivo, quase alucinante. Súbito, porém, os dois versos formam um terceto, na disposição gráfica, pela *estranha* presença de um rio. O Ave. Mas será um rio? Onde e aonde as águas? O claro espelho das árvores em torno? A faminta curiosidade dos peixes aflorando as cabeças? Nem sombra. Apenas treva ou coisa da sua igualha que se move arremedando o corpo de um rio. Melhor, vejo uma fita negra, luto pesado, nas gárrulas vestes da Natureza, como que sujeita a uma espécie de morte antecipada. E tochas fúnebres de chaminés das fábricas poluentes. Rio que, perdido seu nome de rio, traz consigo, a meio do leito, uma serpente branca...

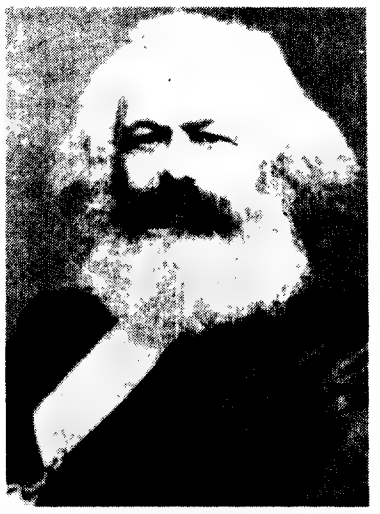
Há anos, vagamundeando por Toledo, perguntei a um velho, magro e seco, o que era aquela brancura que flutuava, lá ao fundo, no Tejo: — «Es mierda!» Cuspiu e carregou o sobrecenho.

Da história-crónica à história-ciência, Joaquim Barradas de Carvalho

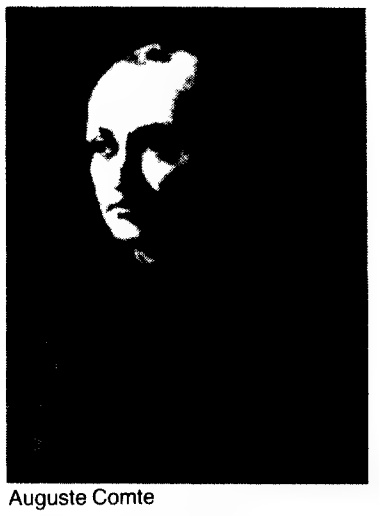
EM «Da História-Crónica à História-Ciência», Joaquim Barradas de Carvalho analisa o processo de formação da ciência histórica. Entende o autor que se terá chegado à formação de uma verdadeira ciência histórica a partir de uma longa fase em que o conhecimento do passado do homem não era ainda objecto de um saber perfeitamente estruturado e sistematizado. Sustenta, em consequência, que a ciência da História foi precedida de uma pré-ciência histórica, defendendo a propósito, o ponto de vista de que o mesmo se terá passado com as outras ciências, não só Ciências da Natureza como também Ciências do Homem. Quer dizer: para Barradas de Carvalho, todos os grandes ramos de conhecimento que hoje se dizem ciências foram, muito naturalmente, precedidos de uma fase de organização ainda imperfeita, pré-científica. — A tal propósito, o autor analisa a evolução de diversos desses ramos do conhecimento, procurando apontar quando é que realmente se passou a contar com uma verdadeira ciência astronómica (o que só ocorre com Galileu), com uma verdadeira ciência da matemática (que terá ocorrido fundamentalmente a partir da invenção do zero), com uma verdadeira ciência da física e da química (esta última terá nascido, segundo Barradas de Carvalho, com os estudos sobre a química dos gases, de Lavoisier, nos finais do século XVIII), com uma verdadeira ciência da biologia (só possível após o salto qualitativo de Darwin), com uma verdadeira ciência da psicologia (a qual só começaria a existir após a descoberta do inconsciente, o **Unbewusst,** por Freud)... — A propósito desta questão, o autor apresenta uma classificação das ciências em certa medida diferente da famosa classificação de Augusto Comte: enquanto para este, as ciências se vão sucedendo das de menor complexidade para as de maior complexidade (a mais complexa seria a sociologia, fundada pelo próprio Augusto Comte no século XIX), para Barradas de Carvalho novas ciências vão aparecendo sempre que, por um salto qualitativo, se passa, nos respectivos campos de conhecimento, de um nível meramente **sensível** para um nível **inteligível.** — Entrando a analisar o problema da formação da ciência histórica, Barradas de Carvalho entende que só no século XIX é que, em História, se passou do nível sensível (isto é, de um conhecimento muito agarrado aos factos, aos acontecimentos) para um nível inteligível (isto é, para um conhecimento voltado para as causas dos factos, as condições de vida da sociedade, etc.). Até ao século XIX, com efeito, o conhecimento histórico não teria passado do relato dos principais acontecimentos, da indicação das principais batalhas, da enumeração dos laços genealógicos que prendiam as famílias reais... Tratava-se de uma história puramente **évenementielle:** nela, descreviam-se os principais factos, mas não se procurava integrar esses mesmos factos num encadeamento lógico, inteligível. Graças a grandes nomes como Guizot, Thierry e outros, começa-se, porém, a procurar interrogar a sociedade, a querer perceber por que se dão revoltas, por que se travam batalhas, por que se publicam certas leis, etc., etc. A Revolução Francesa de 1789 tinha aberto grandes horizontes. A uma história **évenementielle** vai-se substituindo, a pouco e pouco, uma história explicativa, causalista, capaz de encadear as causas com os efeitos. — Afirma Barradas de Carvalho que a própria visão que Marx tem da História, ou seja, o materialismo histórico, deriva, fundamentalmente, da nova perspectiva que os historiadores franceses começaram a dar à construção do conhecimento histórico. — Assinala, porém, o autor que, no caso português, é de reconhecer que um historiador houve que chegou, sem prévio conhecimento da obra de Marx, a alguns dos conceitos deste último. Esse historiador foi Alexandre Herculano, o qual, ainda antes da publicação d **Manifesto Comunista** (ocorrido em 1848), chegara já a detectar a importância do conceito de classe social e a profetizar que a burguesia, de revolucionária, passaria a opressora, o que iria provocar o levantamento do proletariado, tal como Marx também prevê na sua obra, onde diz que o proletariado, lutando contra a burguesia, acabará por construir a primeira sociedade sem classes. Considera, assim, Barradas de Carvalho que Alexandre Herculano deve ser considerado o primeiro historiador científico aparecido em Portugal. (A propósito, convirá assinalar que Barradas de Carvalho entende, no entanto, que alguns dos conceitos fundamentais da história-ciência estiveram, em certa medida, já presentes no espírito de Fernão Lopes, o nosso grande cronista do século XV. Tal é o caso do conceito de classes sociais. Por tal motivo, afigura-se ao autor que Fernão Lopes deverá ser considerado um verdadeiro pioneiro da história não já como crónica, mas como ciência). — Uma interessante súmula, pois. A ler e a meditar.

Manuel Alexandre Alvim

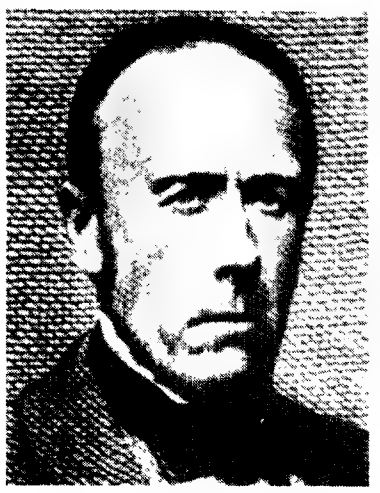
Fernão Lopes



Karl Marx



Auguste Comte



Alexandre Herculano

Joaquim Barradas de Carvalho

A Gota de Ouro, de Michel Tournier

«Uma saraivada de pedras...» assim arranca **A Gota de Ouro,** de Michel Tournier, lançado esta semana pela Dom Quixote. É um autor com o seu público fiel, um romance com todas as características que tornaram Tournier num dos mais importantes escritores franceses contemporaneos. Eis, convidando à sua leitura, as primeiras páginas do livro, onde se desencadeia a situação de que todo ele vive.

UMA saraivada de pedras obrigou a juntar-se à massa compacta e dócil dos carneiros o esquadrão rápido das cabras, sempre prontas a ficarem para trás nos montículos de calhau rolado. Idriss conduzia o seu pequeno rebanho até mais longe, até à linha avermelhada das dunas, o que não fizera na véspera nem na antevéspera. Na semana anterior, ele procurara, como por vingança, a companhia de Baba e de Mabrouk, e os dias tinham-se passado como um sonho. Mas os seus dois companheiros eram obrigados agora a permanecer no pomar para ajudarem o pai a desimpedir da areia os canais de rega. Com quinze anos, Idriss já não tinha idade para confessar que a soldão lhe punha asas nos pés e o impedia de se acomodar à sombra de um medronheiro selvagem à espera que deslizassem as horas, como tinha feito com os seus companheiros. Ele sabia com toda a certeza que os ventos dos confins do deserto não são demónios que roubam as crianças atrevidas e desobedientes, como lhe contara a avó, devido certamente a uma tradição oral que remontava à época em que os nómadas arrasavam as populações de camponeses dos oásis. Mas esta lenda deixara marcas no coração dele, e o reflexo enganador dos primeiros raios de Sol no «chott» el Ksob, a fuga desvairada de um enorme lagarto incomodado na toca de areia pelos seus pés descalços, o voo branco de uma coruja perdida na luz matinal, tudo o obrigava a procurar urgentemente um contacto humano A sua ideia, conduzindo os animais para Leste, era encontrar Ibrahim be Larbi, um dos pastores das tribos Chaamba seminómadas que acompanham ao longo do **reg** Erraoui, e se encarregam como profissionais do rebanho de camelos do oásis, meiante a totalidade do leite a metade das crias.

Idriss sabia que não ia encontrar o amigo na sua comundade cujas tendas baixas e escuras ocupavam uma zona abundante em poços, o Ogla Melouane, na maior parte, é certo, desmoronados, mas suficientes para as necessidades humanas. Com efeito, os animais pastavam num raio de vinte quilómetros, divididos em rebanhos de uma dúzia de adultos e outros tantos camelos pequeos, cada um entregue à guarda de um rapaz com o seu poço exclusivo. Idriss dirigia-se mais para norte, em direcção ao desfiladeiro pedregos para lá do qual começava o domínio de Ibrahim. Era um **reg** árido salpicado de salicórnias e eufórbios onde o vento de leste deixara compridos rastros de areia fulva,delicadamente esculpidos. Não era preciso aguilhoar os animais para eles avançarem. A partir daí a proximidade do poço Hassi Ourit — o de Ibrahim — agia como um íman invisível sobre os carneiros que apressavam o passo, arrastando as cabras atrás deles. Ainda só se distinguia a silhueta atormentada de raras nascentes secas ou de fracos taludes semeados de **abesqui** para onde os cabritos se atiraram de um salto. Mas sobre a falésia cinzenta do **reg,** Idriss viu daí a pouco recortar-se o perfil em forma de guarda-sol da acácia que ensombrava o poço Ourit. Ainda estava a dois quilómetros dela quando fez levantar-se uma camela barricada nos pedriscos e que parecia bastante mal. Ela soltou um urro lamentoso e partiu a trote, coxeando à frente do rebanho. Idriss não ficou descontente por se apresentar ao chaamba levando-lhe um animal que ele talvez tivesse perdido.

As relações entre os dois adolescentes eram simples e unívocas: uma admiração um pouco receosa da parte de Idriss, e uma amizade protectora e condescendente da parte de Ibrahim. Porque ele era nómada, entregue a si próprio e guardador de camelos, Ibrahim sentia em relação aos habitantes do oásis um desprezo indulgente que não atenuava de forma nenhuma o facto de trabalhar para eles e dever-lhes a sua subsistência. Havia na sua atitude como que a reminiscência de um passado glorioso em que os oásis e os escravos que os cultivavam eram indistintamente prpriedade dos senhores nómadas. Não obstante, este rapaz, meio louco devido ao sol e à solidão, não temia nem Deus nem o Diabo, e sabia tirar partido da própria aridez do deserto. O seu único olho — o esquerdo porque o direito ficara-lhe agarrado aos espinhos de um bosque de acácias para onde o seu camelo se atirara — via a dois quilómetros de distância a corrida de uma gazela ou a que tribo pertencia o condutor de um burro. As suas pernas rijas e secas levavam-no durante vinte e quatro horas seguidas sem água nem tâmaras. Orientava-se sem nunca se enganar de noite ou no meio de uma tempestade de areia. Aliás, sabia fazer virar o vento empalando numa agulha um escaravelho sagrado e orientando na direcção desejada o movimento irresistível das suas patas remando no vazio. Descobria o caminho de uma formiga, subia ao formigueiro, desventrava-o com um pontapé, e conseguia uma suculenta refeição peneirano o conteúdo das galerias, embora aqueles insectos fossem temidos em Tabelbala, porque a sa morada subterrânea os põe em contacto com os demónios. A sua impiedade espantava muita vez Idriss. Não hesitava em beber de pé, segurando a tigela só com uma das mãos, quando é preciso beber tendo, pelo menos, um joelho no chão, e apertar o recipiente com ambas as mãos. Falava abertamente do fogo, invocando assim temerariamente o Inferno, enquanto os habitantes do oásis empregam prudentemente locuções como «o velhinho que estoira» ou «o fabricante de cinzas». Não hesitava até em apagar uma fogueira atirando-lhe água para cima, o que é profanador. Idriss tinha-o visto um dia regalar-se com um cérebro de carneiro, que em Tabelbala se enterra porque enlouquece quem o consome, tão certo como se devorasse o próprio cérebro.

Quando chegou à sombra da acácia, sempre precedido pela camela coxa, verificou a ausência de Ibrahim. Os seus animais apinhavam-se em volta da pequena poça circular alimentada pelo escoadoiro do poço onde estagnava um resto de água arenosa. Podiam estar sem beber até à tarde, mas a poça constituía um ponto de atracção útil para os impedir de se dispersarem.

Onde estaria Ibrahim? Tinha com certeza acompanhado os seus camelos até uma pastagem afastada, posta à vista em poucas horas graças a uma tempestade? Idriss procurou o seu rastro em volta da árvore, mas a terra estava crivada de marcas que misturavam as grandes almofadas das patas dos camelos com os buracos pequenos dos cascos das cabras e dos carneiros. Ele descreveu então um arco de círculo afastando-se do poço para tentar descobrir um indício da direcção tomada pelo chaamba. Reparou de passagem, o rastro irregular deixado por um lagaro, as estrelas minúsculas que indicavam os saltos de um rato do deserto, o rastro triangular bastante antigo de um feneco a galope. Contornou um bloco de basalto cuja cor escura dividia o *reg* cada vez mais luminoso à medida que o sol subia no horizonte.E foi então que descobriu uma pegada de um interesse tão grande que por momentos fez-se o vácuo no seu espírito. Não pensou mais em Ibrahim, nem nos seus camelos, nem no seu próprio rebanho. Só existiam aquelas duas fitas finamente dentadas que abriam leves trilhos na terra branca, visíveis até ao infinito. Um carro, um automóvel, de que ninguém falara no oásis, surgia da noite com a sua carga de riquezes materiais e de mistério humano! Idriss, sufocado de excitação, lançou-se sobre o rastro do veículo que fugia para Oeste.

O sol flamejava em pleno céu, quando ele viu, na tremura da terra superaquecida, deslizando num renquezinho de tamargueiras, a silhueta deselegante de um *Land Rover*. Não seguia muito depressa, mas Idriss não tinha a menor possibilidade de o apanhar. Aliás, nem pensava nisso. Parou, petrificado pelo espanto, e daí a pouco foi rodeado pelos seus carneiros e cabras. O *Land Rover*, virando para Norte, seguia agora pela pista de Béni Abbès. Dentro de cinco minutos estaria fora de vista. Não. Abrandava. Esboçava meia volta. Retomava velocidade e vinha directo a ele. Havia duas pessoas dentro, um homem ao volante e ao lado uma mulher de quem Idriss não distinguiu ao princípio senão os cabelos loiros e os grandes óculos escuros. O carro parou. A mulher tirou os óculos e saltou para terra. Os cabelos flutuavam-lhe sobre os ombros em madeixas descoloidas. usava uma blusa de caqui muito decotada e uns *shorts* descaradamente curtos. Idriss reparou também nas sabrinas douradas e pensou que ela não ia muito longe com aquele calçado no meio dos calhaus que os rodeavam. Brandia uma maáquina fotográfica.

— Eh!, miudo! Não te mexas muito, vou tirar-te uma fotografia.

— Podias ao menos perguntar-lhe se ele quer — disse o homem entre dentes — Há alguns que não gostam.

— Olha quem fala! — respondeu a mulher.

Idriss prestava atenção e juntava as poucas palavras de francês que sabia para compreender o que estavam a dizer. Segundo parecia ele era motivo de uma discussão entre o homem e a mulher, mas era a mulher quem se interessava por ele, e sobretudo isso perturbava-o.

— Não tenhas ilusões — dizia o homem com ironia — Ele olha muito mas para o carro do que para ti!

Na verdade era imponente aquele carro, pesadão e branco de poeira, eriçado de reservatórios, rodas sobressalentes, macacos, extintores, cabos de reboque, pás e ferramentas para desentulhar a areia. Idriss admirava como conhecedor do deserto aquele veículo de grande cruzeiro, não sem algumas afinidades longíquas com o camelo albardado. As pessoas que possuíam um utensílio tão presigioso só podiam ser senhores.

— Eu não tenho ilusões — disse a mulher, mas acho que para ele ão faz diferença. Nós e o carro, fazemos parte do mesmo mundo estranho. Tanto eu como tu, somos emanações do *Land Rover*.

Tinha substituído várias vezes a película, e visava novamente Idriss e os seus carneiros. Olhava agora para ele a sorrir, e desembaraçada da máquina fotográfica, parecia finalmente vê-lo como ele era.

— Dá-me a fotografia.

Eram as primeiras palavras que Idriss pronunciava.

— Quer a fotografia dele, é natural, não? — interveio o homem. — Devíamos trazer sempre um aparelho de revelação instantânea. O pobre miúdo vai ficar desiludido.

A mulher tinha posto a máquina fotográfica dentro do carro. Tirou de lá um mapa metido numa carteira de celofane, e aproximou-se de Idriss.

— Não é possível, rapaz. Tem de se revelar o filme e encomendar as cópias. A gente manda-te a fotografia. Olha. Estamos aqui, vês?: Tabelbala. Esta mancha verde é o teu oásis. Amanhã estaremos em Béni Abbès. A seguir Béchar. Depois Oran. Aí, tomamos o *car-ferry*. Vinte e quatro horas de mar. Marselha. Oitocentos quilómetros de auto-estrada. Paris. E de lá, mandamos-te a fotografia. Como te chamas tu?

Quando o **Land Rover** desapareceu levantando uma nuvem de poeira, Idriss não era de forma nenhuma o mesmo indivíduo. Só existia em Tabelbala uma fotografia. Primeiro porque os habitantes do oásis são demasiado pobres para se preocuparem com fotografias. Depois, porque a imagem é temida por esses berberes muçulmanos. Atribuem-lhe uma força maléfica; pensam que

Vale do Nilo, 1983 (foto João Mendes)

Continua na pág. 15

Continuação da pág. 4

ela materializa de certa maneira o mau olhado. Porém, essa única fotografia ajudava o prestígio docabo-chefe Mogadem Bem Abderrahman, tio de Idriss, que trouxera da ampanha de Itália um louvor e a cruz de guerra. Louvor, cruz de guerra e fotografia podiam ver-se na parede da sua cabana e na imagem estalada, um pouco desfocada, podia-se reconhecê-lo, pujante de juventude e de ardor com dois camaradas de aspecto folgazão. Não tinha havido até aí senão uma fotografia em Tabelbala, pensava Idriss, mas a partir de agora vai haver outra, a minha.

Corria sobre o *reg* branco em direcção à grande acácia de Hassi Ourit. Transbordava de alegria por causa da aventura que acabava de viver e rejubilava antecipadamente por poder gabar-se dela a Ibrahim. Gabar-se, verdadeiramente? Com que provas? Se ao menos le tivessem dado a fotografia! Mas não, a sua imagem viajava àquela hora em direcção a Béni Abbès, fechada na caixa da máquina, ela própria ao abrigo do *Land Rover*. O carro tornava-se também irreal à medida que avançada. Ele ia deixar de seguir o rastro dos pneus. Daí a pouco já nada provaria a verdade do encontro que acabava de ter.

Quando chegou a Ourit, Ibrahim recebeu-o como de costume com uma saraivada de pedras. Também isso nunca se fazia entre habitantes do oásis. Apanhar uma pedra é já um gesto hostil, uma ameaça que felizmente ainda está muito longe de ser posta em prática. Ibrahim divertia-se com o treino diabólico que dquirira atirando pedras desde a mais tenra idade. Atingia infalivelmente um corvo em pleno voo, ou um feneco em plena corrida. Por agora, ao ver aproximar-se o amigo, fazia à maneira de boas-vindas espirrar a areia à direita, à esquerda, em frente e até entre as pernas dele, menos na esperança de o assustr — Idriss sabia havia muito tempo que não corria o menor risco — mas apenas para demonstrar a sua alegria em tornar a vê-lo sob um aspecto que misturava a sua agressividade com os seus dons naturais. Cessou o jogo quando a distância entre Idriss e ele se tornou demasiado pequena par que tivesse ainda qualquer interesse.

— Vem cá! — chamou ele — Tenho novidades!

Era mesmo de Ibrahim! Idriss tinha um encontro insólito. Sofria a sessão de fotografia, ainda por cima obrigado por uma mulher loira, e tornava-se inesperadamente alguém comparável ao cabo-chefe Mogadem, e duas horas mais tarde, era Ibrahim que tinha novidades para lhe dar!

— Tenho uma camela que vai dar à luz no poço Hassi el Hora. Fica a uma hora daqui. A água do poço está podre, mas ela tem de beber. Vamos lá levar-lhe leite.

Pronunciava o brbere em frases sacudidas que pareciam outros tantos ladridos imperiosos. Ao mesmo tempo, o seu único olho lançava reflexos irónicos, orque Idriss não passava de um pateta habitante do oásis, um «pixa redonda», dócil,

Vale do Nilo, 1983 (foto João Mendes)

meigo, mas com pouca prática em relação a um condutor de camelos chaamba. Um velho macho arqueu a espinha e lançou um jorro de urina sobre a areia. Ibrahim aproveitou para lavar as mãos com ela, porque um chaamba não ordenha de mãos sujas. Depois obrigou uma fêmea a voltar-se para a colocar em boa posição de ser mungida e desatou o fio que lhe segurava as tetas e as punha fora do alcance das crias do rebanho. Por fim começou a mungir,de pé sobre uma das pernas, o pé esquerdo apoiado ao joelho direito, com uma gamela de barro posta em equilíbrio sobre a coxa esquerda.

Idriss olhava os doisjorros que esguichavam alternadamente para dentro da gamela. Em estado de subalimentação permanente, sofria o desejo que lhe provocava aquele líquido branco, quente e vivo, capaz de acalmar ao mesmo tempo a sua sede e a sua fome. A camel agitou as orelhas pequenas de urso, e, abrindo o ânus, despejou uma diarreira verde sobre a parte interior das coxas, manifestação de confiança e abandono que favorecia a saída do leite.

Ibrahim parou de mungir quando achou que já tinha leite suficiente para encher um daqueles odres secos, munidos de tampa, que se penduram no flanco do camelo dentro de uma rede de fibra de palmeira. Aproximou-se do velho macho, e, sem ser preciso tocar-lhe, com um grito gutural, fê-lo agachar-se. Depois saltou-lhe para o garrote, com as costas contra a bossa, e fez sentar Idriss à sua frente. O camelo levantou-se bramindo de mau humor e lançou-se imediatamente para o norte. Depois de atravessarem uma zona de terra encarniçada semeada de mato raquítico arborescente, meteram-se pelo leito de um uad, subindo vários quilómetros. Esculpido pela água — uma água que indubitavelmente já não corria ali havia anos — o terreno apresentava várias placas lisas e endurecidas que estalavam brutalmente sob as enormes patas do camelo. Por mais de uma vez os dois cavaleiros quase foram atirados ao chão. O animal urrava de cólera. Foi preciso abrandar a marcha. O camelo parou de repente junto de um rochedo de basalto sob o qual tinha farejado a preseça de uma guelta. Ibrahim deixou-o beber a água cinzenta onde insectos escrviam ziguezagues. Levantou a cabeça, triste e altivo, desviou o focinho a escorrer água, e lançou um bramido, no meio de um bafo salino e sulfuroso. Depois, a marcha continuou. À medida que se aproximava de Hassi el Hora, Idriss apercebia-se da angústia e impaciência que dominavam o seu companheiro. Havia uma fatalidade no ar, um instinto infalível advertia disso o chaamba.

Apenas um levantamento de terreno — entulhos muito antigos e endurecidos da erosão — assinalavama presença de um poço. Nem bacia, nem muro, nem borda, só um buraco redondo perigosamente aberto na terra. Um frágil telheiro de paus entrelaçados com palmas indicavam todavia que os pastores conheciam aquele sitio de água, e ali descansavam ás vezes ao abrigo do Sol depois de matarem a sede aos seus animais. Agora estava deserto. Mas de tão longe o único olho de Ibrahim distinguia a silhueta esguia e fulva de um camelo recém-nascido abandonado entre o poço e o abrigo. Os seus piores pressentimentos confirmavam-se.

Saltou do camelo e correu imediatamente para a beira do poço. Idriss viu-o deslizar sobre a trave mais acessível do madeiramento interior que aguentaa a terra das paredes, e deitar-se para observr melhor o fundo do buraco. Não havia a menor dúvda. Sequiosa devidoao parto, a camela aproximara-se do poço e caíra lá para dentro. Nesse momento, o pequeno camelo soltou um gemido e a mãe respondeu-lhe: da goela do poço subiu um queixume amplificado como por um gigantesco canudo de órgão. Ele a princípio não viu senão o emaranhado de traves fixando as paredes. Mas quando os seus olhos se habituaram ao escuro, distinguiu os reflexos luminosos e movediços, uma forma negra deitada sobre o flanco, meio submersa, e como um ponto minúsculo ao lado deste quadro sinistro, a imagem da sua própria cabeça estendida e viva sobre o azul profundo do céu.

Ibrahim tinha-se levantado e corria para o telheiro. Voltou com uma corda de coiro entraçado.

— Vou descer e verificar se o animal está ferido — explicou ele, senão, tentaremos retirá-la com a ajuda dos outros pastores. Se tiver uma pata partida, temos de a matar.

Depois de amarrar a ponta da corda a uma saliência rochosa, deixou-se escorregar para o interior do poço. Houve um silêncio. E daí a pouco a sua voz subiu, com ecos cavernosos.

— Tem uma pata partida. Vou estrangulá-la e cortá-la em bocados. E tu puxas para cima os bocados. Começa pela minha roupa.

Idriss fez subir um leve embrulho de roupas esfarrapadas. Depois esperou sem querer ver o trabalho horrível a que se entregava o chaamba no meio de uma água lamacenta a vinte metros abaixo da terra.

O enorme camelo tinha-se aproximado do recém-nascido, e depois de o farejar demoradamente, começara a lambê-lo com carinho. Idriss observava a cena, divertido. Era pouco provável que o velho macho se deixasse dominar por uma súbita vocação paternal. Devia antes apreciar no corpo tremente e húmido da cria o cheiro violento da mãe. Quanto ao camelo recém-nascido, perdido no seu isolamento, encostava-se àquele protector iesperado, e depois, levado pelo instinto procurava com o focinho os seus órgãos genitais em busca de hipotéticas tetas.

Um apelo imperioso arrancou Idriss à sua contemplação. E começou a puxar a corda de coiro exageradamente carregada. Daí a pouco pôde puxar para si uma coxa e uma perna ainda mornas de vida. Levou aquelas peças de carne para a sombra do telheiro. Imediatamente a voz do guardador de camelos soou de novo.

— Tira um balde de água, mistura-lhe o leite que trouxemos, e da de beber ao camelinho.

Desta forma, Ibrahim, no meio do trabalho esgotante a que se entregava, não esquecia o camelo recém-nascido, e sacrificava-lhe o único alimento de que dispunha. Idriss obedeceu contra vonade, mas sem encarar a possibilidade de desobedecer, por exemplo bebendo parte do leite. A coragem sobrehumana do companeiro subjugava-o. O recém-nascido era incapaz de beber. Idriss teve que lhe fabricar um biberão improvisado com uma garrafa a que partiu o fundo pra fazer uma espécie de funil. Mal tinha começado esta nutrição, outro quarto da camela era expedido do fundo do poço. Quando o Sol atingiu o zénite da sua marcha, ouviu Ibrahim congratular-se pela luz directa que tinha agora. O telheiro já não era mais do que um amontoado de quartos de carne sobre que enxames de moscas azuis zumbiam furiosamente quando as incomodavam. Mas o que inquietava sobretudo Idriss, era o céu, que ainda limpo uma hora antes, se povoava de pequenas cruzes negras que se deslocavam lentamente, parecendo por um instante imóveis, e depois deslizavam de repente em voo planado. Os abutres tinham visto tudo, e preparavam-se para descer. Eram, porém, menos temíveis do que os corvos cuja audácia e agressividade não recuavam perante nada. le imaginava o que seria o seu regresso com o camelo recém-nascido que ainda mal andava, o enorme macho balouçando na bossa uma pirâmide de carne fresca, e a fila negra e ruidosa dos corvos que os seguiriam.

Ficou surpreendido por ver de repente Ibrahim içar-se sobre a barra transversal do poço. Era apenas uma estátua viva esculpida em limo sangrento. Encadeado pela luz intensa, tapou a cara com as mãos, e levantou a cabeça para o céu. Depois as mãos descaíram, e Idriss viu que um coágulo de sangue se tinha alojado na órbita vazia, coo se o olho tivesse sido arrancado. O chaamba estava como que embriagado de tensão, de fadiga e do efeito do meio-dia. Levantou os braços e soltou um grito de triunfo e desafio. Depois começou a bater os pés a saltar em equilíbrio sobre a trave. Tinha segurado o sexo com a mão, e apontava-o para Idriss.

— Ó pixa redonda! Olha! Eu tenho a pixa bicuda.

Tornou a saltar sobre o tronco carunchoso. Ouviu-se um estalo, e o chaamba desapareceu comonuma armadilha.

Um segundo estalo indicou a Idriss que o corpo do amigo tinha batido na trave mestra da construção, que por seu turno acabava de ceder. Dir-se-ia então que era um tremor de terra. O chão moveu-se. O telheiro afundou-se por cima dos quartos da camela. Uma nuvem de poeira saiu do poço, subindo ao céu, e Idriss distinguiu no meio dela o voo assustado de inúmeros morcegos quepassavam o dia na armação do poço. A quebra das duas traves provocara o afundamento de toda a construção que mantinha as paredes do buraco. O poço ficara entulhado de repente. Até que nível? Onde estava Ibrahim?

Idriss aproximou-se. A menos de dois metros de profundidade, via-se a areia misturada com bocados de madeira partida. Chamou pelo companheiro. A sua voz fraca elevou-se num silêncio ainda mais sepulcral devido ao esplendor do Sol em pleno zénite. Então ficou em pânico. Gritou de medo e correu sempre em frente. Correu durante muito tempo. Até que tropeçou numa nascente e deixou-se cair sobre a areia, soluçando. Mas levantou-se imediatamente, tapando os ouvidos com as mãos. Encostando a cara ao chão, julgou ouvir subindo das profundezas o riso do seu amigo enterrado vivo.

Michel Tournier A Gota de Ouro Tradução de Ricardo Alberty, ed. Dom Quixote, col. Ficção Universal

Karl Popper

Os desafios da racionalidade

Por Manuel Maria Carrilho

Nasce uma nova revista: **Crítica,** publicada pela **Teorema,** sairá semestralmente, ligada às actividades do Seminário do Pensamento Contemporâeo do Centro de História da Cultura da UNL. Dirigida por Manuel Maria Carrilho, a Redacção é composta de Maria Lúcia Souto, João Sàágua, Nuno Fonseca e Eduardo Prado Coelho. Este primeiro número, dedicado a Karl Popper, inclui, além do artigo de Manuel Maria Carrilho que aqui publicamos, colaboração de Jacques Bouveresse, Filipe Arriaga, Oswaldo Porchat e uma longa entrevista concedida por Popper a Franz Kreuzer, além de uma zona de recensões e notas deleitura.

1. Saber em que condições, segundo que critérios, o qe se diz tem, ou pode ter, sentido, foi o problema que o neopositivismo — como o «Manifesto» do Círculo de Viena veio, em 1929, reclamar publicamente — pretendeu ter resolvido ao proclamar como seu objectivo central a unificação da iência através da construção de uma linguagem simbólica comum e da adopção como método, na esteira dos trabalhos de Russel da análise lógica da linguagem.

Deste modo, pensavam os autores do «Manifesto» ([1]), seria possível estabelecer uma concepção científica do mundo, que, por sua vez, cortaria definitiva e radicalmente com a metafísica: neste corte, que se assume como um combate, situa o «Manifesto» o traço comum aos objectivos de todos os seus membros. A «superação» da metafísica pretendida pelos neopositivistas consiste sobretudo em considerar que os seus problemas tradicionais são, ou problemas *empíricos* (que, então devem ser reformulados) ou pseudoproblemas (que, como tais, devem ser abandonados), a *verificabilidade empírica* talando deste modo a distinção entre os enunciados com sentido e aqueles que o não possuem. Não há, pois, nesta perspectiva, problemas *filosóficos*. O trabalho filosófico deve, por isso, fixar-se um novo e limitado objectivo: o da clarificação dos problemas e dos enunciados em que são formulados (sobre isto é bem instrutiva a leitura do texto, de 1931, de Carnap sobre Heidegger).

2. De origem austríaca (nasceu em Viena, em 1902), Karl Popper seria fortemente marcado pelo ambiente cultural vienense dos anos vinte. Ao mesmo tempo que faz os seus estudos em matemafica, física e filosofia, acompanha o eclodir do movimento neopositivista, adoptando desde cedo uma posição crítica em relação às suas principais teses e abrindo um *longo debate* que,de certo modo, viria a definir toda a sua obra: logo com a *Logik der Forschung,* obra ainda publicada em Viena, em 1934, e depois com outras obras já publicadas em Inglaterra — onde se radica a partir de 1945, ensinando na London School of Economics, depois de um curto exílio, entre 1937 e 1945, na Nova Zelândi —, nomeadamente *Conjectures and Refutations* (1963) e *Objective Knowledge* (1972 ([2]).

Na raiz daquele debate, e das teses nucleares de Popper, está uma nova concepção do *conhecimento e da ciência*. radicionalmente, considerava-se que o trabalho da ciência consiste sobretudo na programação e realização de experiências que permitam efectuar observações rigorosas, observações que se vão registando até que se consiga formula uma hipótese explicativa, eventualmente uma lei, do fenómeno em estudo. A partir daqui, e uma vez aceite a plausibilidade daquela hipótese, o trabalho científico orienta-se para a sua verificação, isto é, para a tentativa da sua aplicação a casos novos mas similares. O procedimento cognitivo que está no cerne deste processo é a indução, que conduz a passagem de um certo número de observações particulares para enunciados universais.

Este processo, ao contrário do que, na linha da vulgata baconiana, se pensou durante muito tempo, rodeia ou oculta várias dificuldades. Uma delas — de resto a dificuldade central — havia já sido formulada por David Hume quando observou que a passagem das observações particulares para um enunciado universal não pode ser *racionalmente* justificada apenas pelo seu número. Fazemos previsões baseados na nossa experiência anterior porque na nossa conformação psicológica possuímos uma disposição, um hábito, para o fazer, não porque seja possível garantir a sua intrínseca validade racional: diagnóstico difícil de aceitar, mas não menos difícil de contestar, pela ciência.

Popper reformulará inteiramente os dados do problema: a ciência *não é* indutiva, dirá — o próprio princípio da indução, que é um enunciado universal, só pode ser indutivamente justificado, abrindo-se assim uma regressão ao infinito —, ela não constrói as suas hipóteses por indução nem as confirma por verificação. Substitua-se o procedimento indutivo pelo de *conjecturação* e a exigência de verificabilidade pela de *falsificabilidade* e é outra a imagem da ciência que aparece: as conjecturas devem levar à ousada formulação de hipóteses, sem preocupação com qualquer tipo de exaustividade observacional; e a falsificabilidade inverte a anterior ordenação metodológica porque agora se trata de ver se a observação falsifica, ou não (neste caso dir-se-á que ela corrobora), a hipótese formulada.

Assim, e recorrendo a um exemplo corrente, ao afirmar que «todos os cisnes são brancos» estou a afirmar também que a observação de um só cisne negro basta para afirmar que «nem todos os cisnes são brancos», portanto para refutar aquele enunciado universal. Dito de outro modo, as generalizações empíricas não são, não têm de ser, verificáveis, mas falsificáveis. É, pois, na assimetria verificabilidade/falsificabibidade que se encontra a chave da solução popperiana. A preocupação com a verificação é substituída pela da possibilidade da sua refutação: e esta será tanto maior quanto maior for o conteúdo empírico do que se afirma. Se eu disser que «todos os planetas têm órbitas elípticas» estou a produzir um enunciado com um determinado conteudo empírico: mas se afirmar que «todos os corpos celestes têm órbitas elípticas» estou a produzir um enunciado com mais informação e conteúdo empíricos, e que, portanto, se expõe mais à falsificabilidade. Em termos simples: quanto mais uma hipótese diz sobre o mundo, maiores são as possibilidades de errar; nestas condições, quanto menos se erra mais reforçadas aparecem as razões daquela hipótese.

3. No entanto, esta reformulação dos dados do problema da natureza metodológica da ciência não anulará — ao cortar com a sua base indutivista e com as suas exigências verificacionalistas —, as fronteiras com os saberes não científicos ue era, ou pretendia ser, uma das principais aquisições do neopositivismo? O que acontece é que o positivismo do Círculo de Viena não fornecia critério de demarcação entre a ciência e a não-ciência, mas um critério de *significação* que excluía de qualquer consideração interessante os enunciados que não fossem ou analíticos ou empiricamente verificáveis, posição totalmente inadequada dado que leva inclusivamente à rejeição de enunciados das próprias ciências E que, pelo contrário, é o esclarecimento da natureza não indutiva da ciência que permite o estabelecimento de um adequado critério de *demarcação entre o que é e não é ciência*.

Como conta na sua autobiografia intelectual (a que deu o belo título de Unended Quest), Popper foi desde muito cedo, por volta de 1919, sensível a este problema, cujos dados fundamentais lhe pareciam bloqueadores. Contudo, a situação histórica era propícia, pois ela oferecia os elementos de uma comparação estimulante entre três saberes que se pretendiam, afirmavam científicos: psicanálise, o marxismo, a física. Ora, o que Popper descobre é que os dois primeiros produzem enunciados que podem ser verificáveis, mas não enunciados que sejam falsificáveis. Ou seja, que o marxismo e a psicanálise (com diferenças que não interessa aqui considerar), ao não incluírem nenhum acontecimento possível, se apresentam como saberes inteiramente irrefutáveis, prontos a adaptarem-se sempre, circunstancialmente, a cada caso. O que podia parecer a revelação de uma enorme capacidade explicativa é afinal o sinal da sua indesmentível debilidade.

Vemos talvez melhoragora onde Popper nos conduz: à tese de que uma teoria que não formula claramente as condições da sua própria refutação *não é* uma teoria científica. E tudo se torna mais claro com comparação que Popper estabelece entre estas teorias e a física: é que aqui Eistein, ao propor a teoria da relatividade generalizada, pôs a sua teoria em jogo numa experiência possível, arriscou tudo na sua exposição à falsificabilidade ([3]). É isso que define a ciência: não fugir dos eventuais desmentidos da experiência mas provocá-los; a ousadia das hipóteses e a serenidade na aceitação dos seus riscos. A falsificabilidade pode assim fornecer o procurado critério de demarcação entre ciência e não-ciência.

4. Mas há, pelo menos, mais um passo a dar. É que traçar um critério de demarcação não equivale a estabelecer os quesitos de uma exclusão: o não-científico não é destituído de interesse epistemológico ou mesmo científico. Neste ponto, a noção fundamental é a de *problema*. Popper, ao contrário de Wittgenstein e do neo-empirismo, defende a existência de problemas não só científicos como filosóficos; quase a abrir a *Lógica da Descoberta Científica* afirmava que «há pelo menos um problema filosófico que interessa todos os homens que pensam. É o problema da cosmologia: o problema de compreender o mundo, incluindo-nos e ao nosso conhecimento como fazendo parte do mundo».

Mais do que adjectivar problemas, o que é efectivamente importante é considerar a ciência e a filosofia como dois *modos* — certamente muito diferentes — de tentar *resolver problemas;* a ciência através da arriscada exposição à falsificabilidade, a filoofia através da discussão racional, argumentada, do criticismo. Trata-se assim de uma nova fronteira entre saberes que são, através de modalidades de trabalho diversas, *perfectíveis,* e saberes que o não são. Talvez se perca alguma da nitidez do critério anteriormente estabelecido, mas ganha-se no entendimento das diversas formas que pode tomar o nosso conhecimento do mundo. Porque há teorias que *não são científicas mas são indispensáveis à ciência,* como acontece com o darwinismo.

O caso é interessante e exemplar: o darwinismo não é uma teoria falsificável dado que não interdita nenhuma experiência possível; trata-se mesmo de uma teoria tautológica, pois utiliza a capacidade de sobrevivência como critério para estabelecer como tese a sobrevivência dos mais adaptados. E, todavia, apesar disto, ela permite e suscita teorias que, elas, são falsificáveis e testáveis. O darwinismo constitui-se, assim, na sugestiva designação que Popper propôs, como um *programa de investigação metafísica*.

O exemplo do darwinismo não surge por acaso, mas devido às grandes afinidades do pensamento popperiano com o evolucionismo. Anti-indutivista, defensor de uma concepção eminentemente conjectural do conhecimento, Popper vê a história da ciência não como uma sucessiva progressão de observações a teorias - toda a observação está *já,* científica e biologicamente, impregnada de teoria — que garanta a posse da verdade, mas como uma evolutiva articulação, etransformação, de problemas que, através de várias tentativas, se vão (ou não) solucionando, suscitando novos problemas, e assim sucessivamente.

O que se procura é compreender o *crescimento* do conhecimento, não é garantir o seu (impossível) fundamento. O desenvolvimento do conhecimento, diz Popper, «não é um processo repetitivo ou comulativo, mas um processo de eliminação de erros» *(Objective Knowledge,* p. 144). E a inspiração evolucionista é levada até à proposta de uma compreensão analógica da evolução da vida e do conhecimento: «as tentativas de solução que os animais e as plantas incorporam no seu comportamento são os análogos biológicos das teorias, e vice-versa; [...] Exactamente como as teorias, os órgãos e as suas funções são tentativas de adaptação ao mundo em que vivemos» *(ibid.,* p. 145).

Foram as teorias, produto exclusivo do homem que se deve ao desenvolvimento de certas funções da lingugem (a função descritiva e a função argumentativ), que lhe talharam um «destino», possibilitando-lhe a actividade *crítica:* a única que — e é talvez um dos maiores méritos de Popper o facto deter mostrado *como* — permte ligar a força da imaginação com a obstinação do rigor, dando forma a esse complexo desafio que o homem se faz permanentemente a si mesmo, a essa *unended quest* que Popper propôs, ao fazer a sua autobiografia, como emblma do seu trabalho, e que é o que melhor e mais completamente define a sua racionalidade.

NOTAS

([1]) Os seus autores foram Carnap, Hahn e Neurath, membros do «Círculo» que se formou à volta de Moritz Schlick e a que pertenceram, entre outros, Feigt Waismann, Frank.

([2]) Obras que se encontram traduzidas para português, no Brasil; entretanto as Publicações D. Quixote anunciam para o corrente ano a publicação do livro de Franz Kreuzer *Sociedade Aberta, Universo Aberto — Conversas com Karl Popper,* assim como o início da publicação dos três volumes que constituem o *Prostscript à Lógica da Descoberta Científica: Realism and the Aim of Science, The Open Universe, AnArgument for Indeterminism e Quantum Theory and the Schism in Physies.*

«Trajectos», romance de Domingos Lopes

«TRAJECTOS», o primeiro romance de Domingos Lopes, é segunda-feira próxima apresentado publicamente pela editora Livros Horizonte, em sessão que se realiza na Casa da Imprensa, em Lisboa, pelas 19 horas.

Domingos Lopes, jovem de 40 anos, membro suplente do Comité Central do PCP, licenciado em Direito e destacado dirigente dos movimentos estudantis de Coimbra e Lisboa, nos finais da década de 60 princípios de 70, já há tempos vinha a «ameaçar» com esta incursão pelos terrenos da criação literária. Nomeadamente com a publicação, em jornais e revistas, de poemas e contos.

Agora, quase de rajada, surgem dois livros seus: o primeiro de poesia, tem a chancela da Ulmeiro e chama-se «Do tamanho possível»; o segundo, integrado na colecção *Encontro* da Livros Horizonte, chama-se «Trajectos». E como se pode ler na contracapa, «trata-se de uma revisitação histórica documentada mas não isenta de imaginação criadora e emocionada ternura do período imediatamente anterior e posterior ao 25 de Abril».

Fundamentalmente o livro mergulha num espaço específico, «o da vida académica, das lutas estudantis, das vivências individuais e colectivas de uma geração que soube amar-se e amar com paixão uma ideia, um *beau-idéal*, a Revolução nas suas múltiplas e fugidias manifestações de concepções». E quem ler «Trajectos» lá encontra figuras-tipo que todos nós conhecemos antes e imediatamente após o 25 de Abril —com os seus sonhos, osseus excessos, os seus medos, as uas hesitações, as suas fraquezas, os seus ideais tantas vezes traídos...

Em conversa telefónica esta manhã perguntámos a Domingos Lopes como nascera a ideia de escrever este livro. A resposta foi imediata:

«Essa pergunta é boa — já a fiz a mim próprio e não descobri a resposta...»

«Que diabo, não será assim tão difícil...»

«A ideia de escrever um livro nasce sem que a gente econtre aparentemente justificação. Nasce, simplesmente. Quando dei conta dessa ideia não tinha a mínima noção como se realizaria. Depois, à medida que a grande safada se foi agarrando a mim comecei a imaginar, digamos, a efabulação. No fundo a questão é que sempre me tocaram as mudanças súbitas nas pessoas...»

«É dessas mudanças súbitas que trata o livro?»

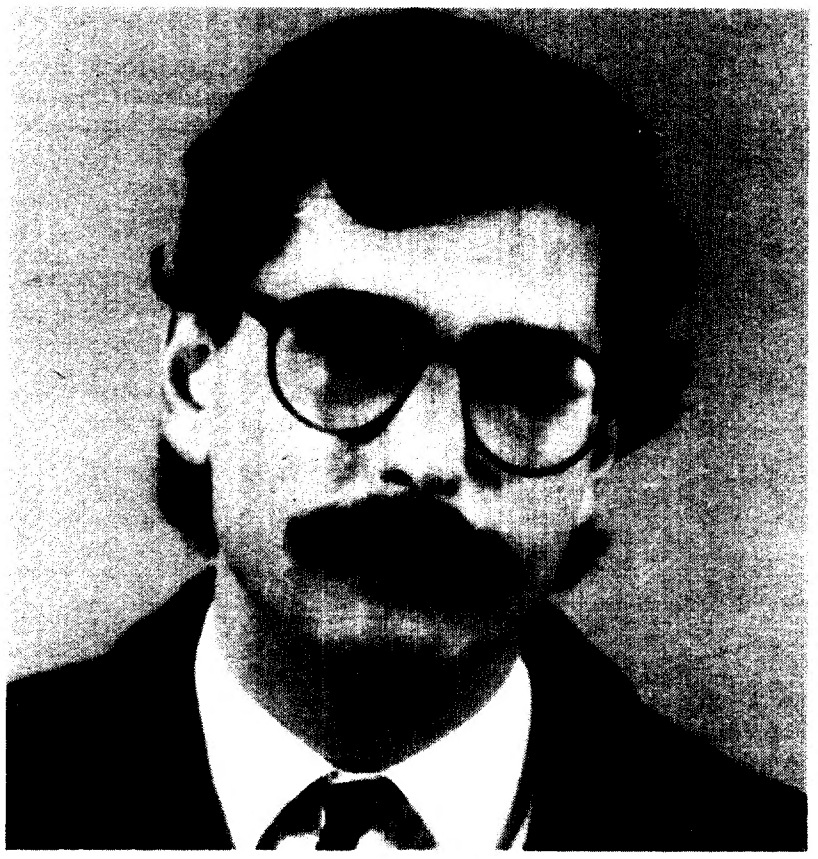
«Trajectos» representa o percurso de pessoas que continuaram amarradas aos sonhos juvenis; de pessoas que perderam a Primavera da vida; de pessoas que deixaram de crer».

«Há raões para que issoaconteça...»

«Claro que há razões sociais, políticas e económicas para as pessoas mudarem e abandonarem crenças, amizades, ideologias. Claro que há. No entanto, quando na nossa vida vivemos projectos, eseranças, sonhos e amizades compartilhamo-los durante períodos mais ou menos longos, e depois...»

«Mas «Trajectos» é ficção ou realidade?»

«As coisas que narro não se passaram exactamente assim. Em certo sentido foram mais realistas e noutro sentido mais fantásticas. Há coisas que conto e nunca sucederam; outras sucederam de modo mais espantoso e eu não conto. Ao escrever determinamos a vida das nossas personagens, dentro de critérios que não retirem a consistência às personagens, fazemos delas o que queremos. O que não sucede na vida.»



Domingos Lopes: «À literatura nada escapa»

«Você utiliza, neste livro, uma linguagem pouco ortodoxa — pelo menos se pensarmos naquilo a que estamos habituados no que respeita ao modo de falar dos dirigentes do PCP... Tem algum significado essa fuga à ortodoxia... linguística?»

«Ao escrever um romance sobre jovens e o seu mundo pretendi que a linguagem fosse desinibida irreverente e áspera como era a realidade (fascismo, guerra colonial, repressão), mas também poética, adequada à juventude sonhadora dos anos 60 e 70 que se bateu corajosamente contra o mostrengo fascista...»

»... Lá está você com a linguagem chapa cinco...»

«É o que lhe parece. O mostrengo fascista existiu mesmo.... Mas voltando ao livro: um jovem tem uma maneira própria de falar: as coisas saem-lhe mais espontaneamente. Foi isso qe eu pretendi traduzir. Numa sociedade profundamente autoritária-repressiva assumia por exemplo um ar contestário o uso de palvrões. Quem não se lembra da irreverência coimbrã a este respeito? O palavrão era também transgressão.»

Só uma última questão: que relação entre a polfica e a literatura? De outro modo: que leva um jovem quadro político a escrever ficção?

«A arte deve estar ao serviço do homem. Ajudá-lo a libertar-se de todos os entraves que limitam a sua essência humana. À literatura nada escapa: o lúdico, o lírico, o divertido, o político, o moral. A literatura chega onde o braço humano chega. O escritor vive os seus problemas e os dos outros homens. O longo e antigo sonho humano é construir uma sociedade justa, livre, democrática, sem exploração. Sem sonhar, não se escreve, não se cria...»

...Certo. Mas eu perguntava que relação entre a política e a literatura...

»...No fundo era do que eu estava a falar. A literatura não fica indiferente á sorte do homem, às injustiças sociais, ás marcas de classe, às suas angústias, às suas alegrias, ás suas fantasias. Creio por isso que há sempre uma relação entre a literatura e os problemas sociais. Ou, o que vale o mesmo, e a política».

Ribeiro Cardoso

Ficções

Olhos

DEVES compreender, dizia ele, que amar várias mulheres ao mesmo tempo é uma coisa terrível, uma devastação, uma ruína sitemática de tudo o que ainda se encontre de pé.

Aconteceu-me uma vez; amava quatro mulheres. E tão intensamente amava cada uma que me senti, de dia para dia, progressivamente quadruplicado, até atingir a assustadora dimensão que tem sempre um corpo quando nele cabem quatro.

Lembro-me particularmente de um momento em que estava sentado a uma mesa com uma dessas quatro mulheres. Que ela tinha os olhos verdes, como eu, e não suportou o meu olhar. Suponho que se sentiu observada também pelos outros três, por tantos e tantos recantos que ali mesmo, naquele café, se sentia mais nua do que nua.

Então puxou de um lápis de maquilhar e traçou-me em torno dos olhos quatro riscos.

Quandc cheguei à rua, até o sol me pareceu verde. Tudo se tingiu, por instantes, da cor que ela tinha escolhido. Não pude, até cerca da meia-noite, pensar em nenhuma das outras três. Mas no dia seguinte, lá acordei eu, cheio dos meus quatro corpos. Se ao menos tivessem todas os olhos da mesma cor! Mas não: uma tinha os olhos anil, outra de um castanho orlado de amarelo, outra cor de avelã e por fim, aquela que me tingira os olhos na véspera, duas bolas verdes como o actual sol.

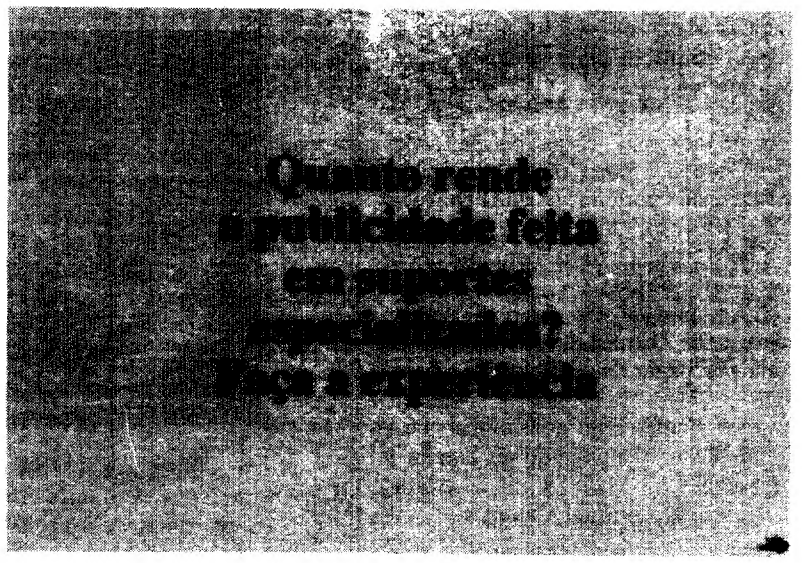
Três meses depois, suicidei-me.
Aquele com quem agora vives, não sou eu.
É apenas o quinto, o único sobrevivente.

Manuel Cintra

Sem substância

HÁ dias que nascem sem substância:
a própria natureza repercute sinais
[visíveis
como o sol, o vento, as diásporas
[nuvens num céu
sem história. Homens carregam a vida,
[neutro fardo,
como um possível, desejado fado.
[Surgem então
as palavras, os dispersos arados,
[as forças
que derivam num hipotético mar sem
[sargaços.
Morte? Duvido. Algo está, paira,
[delimita o sonho
de quem existindo sente: não é a luz da
[manhã
neste frio Outono, nem possivelmente
[um traço
puro declive do temperamento: dar-lhe
[um nome.
Há uma insuspeita alegria. Um olhar
[velho
como ter sofrido todos os reveses, todas
[as faltas,
alguns cataclismos traumatizantes.
[Estou bem.
Não é de mim que quero falar. Nem da
[natureza,
que não compreendo. Mas quero
[exprimir o nada
como um rodopio de fogo, uma aluvião
[salvadora
capaz de fertilizar os inóspitos dias de
[hoje.
Nunca saberei viver. Nunca alcançarei a
[paz.
Terra de estéreis guerras, o quotidiano
[social,
ganhar o pão, trabalhar, fingir que se é
[homem.
Tantas vezes me perguntei: quem sou?
[Acho-me agora,
diante da janela que dá para a rua (belo
[truísmo!),
a responder à pergunta: onde estou?
[Claro,
não me refiro ao país, nem à região.
[Onde estou?
Em que parte de mim vivo eu? Haverá
[partes?
Há eu? Sinto-me ainda corpo, este
[peso milenar,
penso. Penso? Passam por mim
[milhares de ideias,
todos os dias, a todas as horas, sobre
[tudo, sobre nada.
Onde estarei? Quando disse: «Há dias
[que nascem
sem substância», que pretendia dizer?
[Compreendo-me?
E no entanto não mentia. Sim, há dias e
[noites,
desfeitos num vazio que me faz medo,
[horas hirtas
do novelo que encerra a tragédia:
[morrer, morrer!
Todos os dias um pouco, assim, sem
[garras nem olhar,
numa cegueira que quer, exige, procura
[ver. Para lá
de tudo, do perto como do infinito, há
[este sentimento:
tristeza não sabê-lo para possuí-lo, para
[merecê-lo.
Mas há dias que nascem sem
[substância.

A. Da Silva O.



Na terça-feira

Sete Ponto Sete

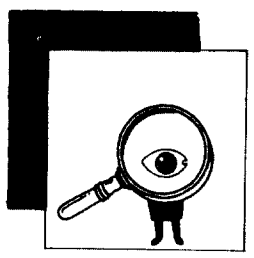
Acabados de Chegar

■ Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações, José Gil. Ed. Relógio D'Água, Col. Filosofia

Editado, quase em simultâneo, em Portugal e França, este Fernando Pessoa de José Gil escapa ao comentário literário para abordar o que está por detrás da obra. «(...) Porque era realmente dentro dele que se produzia a obra, que se aceleravam os mecanismos que acompanham a produção de palavras, de metáforas, de versos, de poemas, de odes inteiras (...)».

■ A Política Agrícola Comum e a Agricultura Portuguesa — A Política de Preços e de Mercados. J.A. Santos Varela, Publicações Dom Quixote, Biblioteca de Economia e Gestão

J.A. Santos Varela foi vogal da Agricultura na Comissão para a Integração Euopeia durante as negociações com a CEE, tendo nessa qualidade dirigido uma equipa de técnicos que nelas participaram desde 1979 até 986. Como o título do livro indica, as duas vertentes aí privilegiadas são a política de preços e de mercados.



■ Crónicas de História de Portugal, Luís de Albuquerque, Ed. Presença, Col. Textos de Apoio

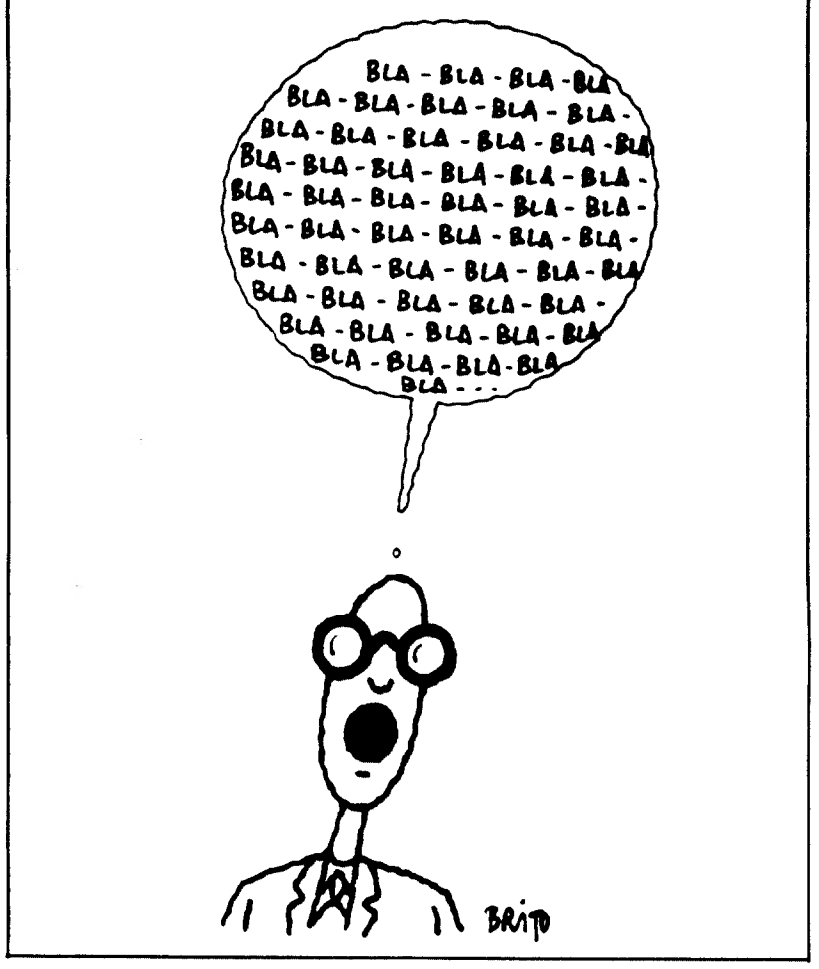
Colectânea de artigos de Luís de Albuquerque sobre os Dscobrimentos portugueses, entre os quais se salienta: «A Primeira Viagem de Vasco da Gama»; «O Problema do Descobrimento do Brasil»; «As Diferentes Versões de Alguns Factos nas Crónias da India».

■ Auto dos Danados, António Lobo Antunes, Publicações Dom Quixote, Biblioteca de Bolso

Romance que obteve em 1986 o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, «Auto dos Danados» atinge agora a sua 11.ª edição.

■ Futebol, DuBouillon, Publicações Dom Quixote, Col. Humor Com Humor Se Paga

Estreia de DuBouillon em Portugal, o presente álbum é especialmente dedicado aos que, como o desenhador, são «maluquinhos da bola»...



■ Manual do Grupo Rock, orientação de Piergiuseppe Caporale, Ed. Presença, Col. Tempos Livres

Um livro que resulta da experiência de um grupo rock italiano: Os Banco.

■ «Ler História», n.º 10, Ed. Salamandra

Dirigida por Miriam Halpern Pereira, a revista «Ler História» conta neste número com a participação de Amélia Aguiar Andrade («Composição Social e Gestão Municipal: o Exemplo de Ponte de Lima na Baixa Idade Média»); Nuno Gonçalo Monteiro («Notas sobre Nobreza, Fidaguia e Titulares nos Finis do Antigo Regime»);Miriam Halpern Pereira («Atitudes Políticas e Relações Económicas Internacionais na 1.ª Metade do Século XIX em Portugal»); Fernando Piteira Santos («Notas Histórico-Sociológicas sobre o Estado»), entre outros.

■ Sete Contos óticos — Vol. 1, Karen Blixen, Publicações Dom Qixote, Biblioteca de Bolso

Karen Blixen tornou-se conhecida do grande público através da adaptação cinematográfica da sua obra «África Minha». Estes Contos Góticos são um exemplo de uma das características que dão à sua escrita um estilo particular: a marca do Norte... Conos situados no período Romântico, «quando Deus, que entretanto abandonara as igrejas e as instituições, era suposto habitar fora de portas (...)».

■ À Procura de Sir Malcolm, Floc'h & Riviere, Meriberica/Liber

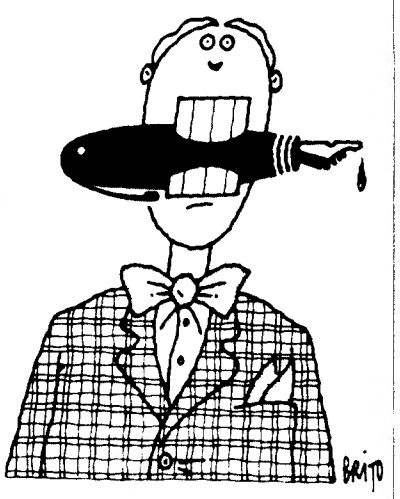
O Titanic tem, na verdade, as costas muito largas... Mais um álbum de banda desenhada.

■ Michel Vaillant — Racing Show, Jean Graton, Meriberica/Liber

A Grand Platz, o «Roy D'Espagne» entre outras atracções de Bruxelas no último álbum de Jean Graton.

■ «Contos do Tapete Voador», José Jorge Letria, Colecção ASA/Juvenil

José Jorge Letria soma e segue: agora virado para a literatura infantil, este jornalista-poeta-actor-cantor-escritor deu largas à sua inesgotáve imaginação e escreveu «Contos do Tapete Voador», que contém quatro histórias independentes: «Ali Kate e o Tapete Voador», «Salim, Cavaleiro das Estrelas», «O Contador de Noites» e «A Ilha Amarela». De excelente aspecto gráfico, «Contos do Tapete Voador» tem também ilustrações magníficas, de Rui Truta. De referir ainda que este livro de José Jorge Letria é o 34.º da Colecção ASA Juvenil, onde estão incluídos autores como Isle Losa, António Torrado, Maria Alberta Meneres, Eugénio de Andrade, Manuel Ferreira e Agustina Bessa-Luís.



O eu nos outros

A carambola

SSOBIANDO, biando, ando, as mãos nos bolsos, o colarinho aberto, Rodrigo entrou pelos bilhares dentro, perguntou ao empregado por Amílcar, agarrou num taco, pegou no giz:

— Ainda cá não esteve...? Tem mesmo a certeza...?

— Ainda não o vi, não — e já o empregado da sala se afastava, atendendo outros clientes, pondo a funcionar o mundo das carambolas.

Rodrigo deixou o taco, o giz, o bilhar a que por momentos se havia encostado: debruçou-se na grande janela da colectividade, os olhos na rua, um cão a dormir no socalco de um portal. Aquele Amílcar, sinceramente...

O empregado da sala tocou-lhe no ombro:

— Tem alguém ao telefone. Uma voz rouca que nunca ouvi...

Era Amílcar.

— Então...? perguntou Rodrigo.

Já no interior do táxi, Rodrigo mordiscava as unhas da mão direita, os olhos atirados para muito longe. Tinha os pés encavalitados um no outro, os joelhos apertando-se ora sim, ora não, uma cólica e insinuar-se quase até ao vómito. De repente, gritou:

— É aqui, é aqui!

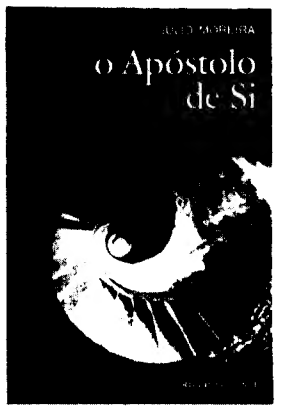
Abandonou o troco ao motorista, correu pelas escadas do prédio de Amílcar, tocou à porta do quarto andar. Ninguém, ninguém! Desceu à porteira, se tinha chave, a chave do quarto andar esquerdo. Que era urgente, muito urgente! A porteira olho-o, nunca o tinha visto, quem era ele, o que tinha acontecido, o que...

— Tem aqui a chave, mas eu não entro — disse a porteira. — O melhor seria chamar a polícia... Ou os bombeiros! e a renda por pagar, meu Deus, há quatro meses...

Rodrigo, ao entrar no apartamento de Amílcar, sentia-se tal uma bola de bilhar triangulando de parede a parede. Sentiu frio, o silêncio, o cheiro a gás — e lembrou-se de Amílcar ao bilhar: «Já está! Catrapás!»

Pedro Alvim

LIVROS HORIZONTE



O APÓSTOLO DE SI
Júlio Moreira

Um compromisso agressivo
entre o leitor e o texto.
Entre o indivíduo real
e a imaginação
que o torna verdadeiro.

FEIRA DO LIVRO — PAVILHÕES 34 e 35

LIVROS HORIZONTE — RUA DAS CHAGAS, 17-1.º DTO. — 1200 LISBOA
TEL. 36 69 17